

UNICAMP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
IEL – Instituto de Estudos da Linguagem
Departamento de Linguística

Adilson Ventura da Silva

O Sentido da Palavra Poesia nas Ciências da Linguagem

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da
Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título
de Doutor em Linguística

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

Campinas
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CRISLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

Si38s	<p>Silva, Adilson Ventura da, 1974- O sentido da palavra poesia nas ciências da linguagem / Adilson Ventura da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.</p> <p style="text-align: center;">Orientador : Eduardo Roberto Junqueira Guimarães. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p style="text-align: center;">1. Poesia - História e crítica - Séc. XX. 2. Enunciação (Linguística). 3. Sentido (Linguística). I. Guimarães, Eduardo, 1948-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
--------------	--

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The sense of the word poetry in the language sciences.

Palavras-chave em inglês:

Poetry - History and criticism - 20th century

Enunciation (Linguistic)

Sense (Linguistic)

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora:

Eduardo Roberto Junqueira Guimarães [Orientador]

Lauro José Siqueira Baldini

Débora Raquel Hettwer Massmann

Carolina de Paula Machado

Sheila Elias de Oliveira

Data da defesa: 16-02-2012.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

Lauro José Siqueira Baldini

Débora Raquel Hettwer Massmann

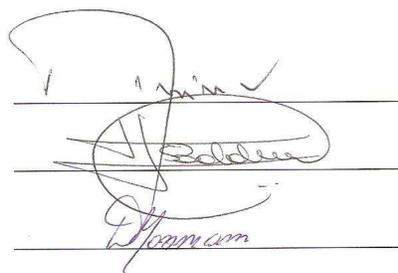
Carolina de Paula Machado

Sheila Elias de Oliveira

Marcos Aurelio Barbai

Verli Fátima Petri da Silveira

Susana Oliveira Dias



Handwritten signatures of Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, Lauro José Siqueira Baldini, and Débora Raquel Hettwer Massmann.

Carolina de Paula Machado

Sheila Elias de Oliveira

Ao meu pai, Mateus
À minha mãe, Elza
À minha irmã Valéria (Lela)
Ao meu sobrinho Leonardo (Leo)
À minha esposa Lilian

Agradecimentos

Agradecer é sempre algo complicado... por mais que lembremos de pessoas importantes, às vezes a memória falha e injustiças de esquecimentos acontecem....

Mas algumas pessoas marcaram profundamente este percurso, em especial o Professor Dr. Eduardo Guimarães, por ter acreditado no meu trabalho, pelos inúmeros ensinamentos, pela paciência e principalmente pelo exemplo como intelectual e como profissional, demonstrando a importância da dedicação e do esforço para se conquistar espaço no mundo do conhecimento

Ao amigo prof. Lauro Baldini, pelas inúmeras conversas, além das importantes contribuições ao participar da banca de qualificação e de ter aceito participar da banca de defesa.

À professora Débora Massmann pelas leitura minuciosa do texto na qualificação, o que contribuiu muito para as discussões propostas neste trabalho, além de ter aceito participar da banca de defesa.

Às professoras Carolina Machado e Sheila Elias, por terem aceito participar da banca de defesa, além dos professores Marcos Barbai, Verli Petri e Susana Oliveira, por aceitarem participar da banca como suplentes.

À professora Claudia Pfeiffer, pela orientação na qualificação de área, e às professoras Carolina M.Rodríguez e Suzy Lagazzy, por participar e da banca de qualificação de área.

À professora Carmen Zink e toda a equipe que trabalhou junto no projeto Condigitais, pelos trabalhos realizados e pelas comemorações em cada parte finalizada.

A todos os funcionários do IEL, pela eficiência, dedicação e paciência para ajudar e orientar em todos os momentos que foram necessários.

Aos amigos da Interativa, do Colégio D.Inácio, da Unifeg e da FaFEM por acompanharem cada momento de meu trabalho.

A vários amigos que participam desta e de tantas jornadas em minha vida... César, Carla, Faustino, Hugo, Fabinho, Mauri, Laise, Fernanda, Lucas, Klever, Fabrícia, Kalunga, Evaldo, Cláudia, George, Josy, Caetano, Mirela, Ailton e tantos outros que o espaço aqui ficaria pequeno...

À toda a minha família, pela paciência e por entender a minha ausência...

Agradeço a Deus, por estar vivo e viver esta grande oportunidade

Sumário

<i>1 – Resumo</i>	11
<i>2- Abstract</i>	13
<i>2 - Introdução</i>	15
<i>Capítulo 1:</i>	21
<i>Semântica do Acontecimento: pressupostos teóricos para a análise da palavra poesia</i> 21	
<i>Capítulo 2</i>	27
<i>Bakhtin e Jakobson: A Poesia é Arte</i>	27
2.1 – A Teoria Bakhtiniana	27
2.2 – Análise da palavra Poesia em Bakhtin.....	34
2.3 - A Poesia em Jakobson	42
2.4 – Análise da palavra Poesia em Jakobson	52
2.5 - Considerações Gerais	58
<i>Capítulo 3</i>	59
<i>O. Ducrot e E.Benveniste: a Poesia e a Enunciação</i>	59
3.1 – A Poesia em Ducrot.....	59
3.2 – DSD da palavra Poesia em Ducrot	65
3.3 – A Poesia para Benveniste	69
3.4 - Análise da palavra poesia.....	75
3.5 – Considerações Gerais.....	79
<i>Capítulo 4</i>	81
<i>Chomsky: A Gramática sem Poesia</i>	81
<i>Capítulo 5</i>	91
<i>Jean-Claude Milner e Michel Pêcheux: A Poesia e o Real da Língua</i>	91
5.1 – A Poesia em Jean-Claude Milner	91
5.2 – DSD da Palavra Poesia em J.C. Milner	98
5.3 - A Poesia em Michel Pêcheux	102
5.4 – DSD da Palavra Poesia em M. Pêcheux	107
5.5 – Considerações Gerais.....	113
<i>Capítulo 7 - Considerações Finais</i>	115
<i>8 – Bibliografia</i>	125

1 – Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir o modo como a poesia é tratada nas Ciências da Linguagem, observando a obra de um conjunto de cientistas da linguagem do século XX, tomados em virtude do fato de que fazem parte dos autores que de algum modo tocaram nesta relação. Para esse estudo, vamos, em cada autor, apresentar uma síntese de seu pensamento, trazendo conceitos centrais, procurando o lugar em que aparece a poesia, levando em conta a distinção feita por Austin entre a linguagem ordinária, que é o uso comum, e a linguagem não-ordinária, que é o uso da linguagem em situações especiais.

Além dessa discussão teórica, nos situaremos na perspectiva da Semântica do Acontecimento para analisar a palavra poesia em obras específicas de cada autor. Desse modo nos valeremos de dois procedimentos, a reescritura e a articulação, que estabelecem o Domínio Semântico de Determinação (DSD) que, segundo Guimarães (2004), apresenta o sentido das palavras, isso levando em consideração que o sentido das palavras se dá na sua relação enunciativa com outras dos textos em que funcionam.

Assim, através dessas análises que iremos produzir, poderemos ter um quadro significativo do modo como a poesia é tratada nas Ciências da Linguagem.

Palavras chave: poesia, enunciação, língua, sentido, ciências da linguagem

2- Abstract

This work aims discuss how poetry is treated in the Language Sciences, noting the work of language group of scientists of the twentieth century, taken by virtue of the fact that part of the authors who somehow played in this relationship. For this work, we will, in each author, to show a synthesis of his thinking, bringing central concepts, to looking for the place it appears in the poetry, considering Austin's distinction between ordinary language, which is the common use, and non-ordinary language, which is the use of language in special situations.

Beyond that theoretical discussion, we will establish in the context of the Semantic Event to analyze the word poetry in specific works of each author. This way we will enforce two procedures, the rewriting and the articulation, establishing the Semantic Domain of Determination (DSD) that, second Guimarães (2004), presents the meaning of words, so considering that the meaning of words is given in relation to other expository texts in which they operate.

So, through these analyzes that we will produce, we can have a significant part of the way poetry is treated in the Language Sciences.

Keywords: Poetry; Enunciation; Linguistic; Sense; Language Sciences

2 - Introdução

“A ciência jamais desvendará por completo o mistério que é a poesia”

Sérgio Buarque de Holanda

Essa citação de Sérgio Buarque seria um problema um tanto quanto desanimador para estudiosos da poesia. Porém, observamos que a poesia sempre se colocou de um modo relevante para o pensamento racional e sistemático, ou seja, mesmo sendo difícil de se definir e também de se apresentar um estudo completo a respeito, vários pensadores estudaram determinados aspectos da poesia para compor o sistema de pensamento, mesmo que isso não seja feito de modo direto com a análise de poesias. Assim, por exemplo, podemos ver a poesia sendo discutida desde os primeiros pensadores ocidentais, tais como Platão, que em seu livro “A República”, ao construir a sua cidade ideal, restringe muito a ação dos poetas, por considerar a poesia prejudicial à educação dos jovens. E isso se dava na medida em que ela trazia histórias consideradas falsas por Platão e que trariam valores negativos para a construção da República. Assim, esses ensinamentos vindos da poesia deveriam ser corrigidos posteriormente, para o bem da República. Então seria melhor que os jovens nem entrassem em contato com a poesia. Por outro lado, Aristóteles, discípulo de Platão, dedicou um livro, “Poética” ao estudo da poesia, produzindo uma classificação e apresentando algumas normas para que uma obra literária alcançasse a perfeição. Além deles, outros filósofos também se interessaram pela poesia, tal como Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche.

Também, nos estudos linguísticos, observamos a presença de um pensamento sobre a poesia. Vemos naquele que é considerado o fundador da Linguística Moderna, Ferdinand de Saussure, uma relação interessante com a poesia, já que nos seus estudos, reunidos no livro póstumo Curso de Linguística Geral, o que aparece como preocupação central é o estabelecimento de um estatuto científico à Linguística, enquanto que, em outro estudo seu, os Anagramas, o que temos é o interesse pela poesia. Ou seja, há uma separação entre o estudo científico da linguagem e o estudo da poesia.

Porém, além de Saussure, temos outros estudiosos da linguagem que se interessaram pela questão da poesia, fato observado ao entrar em contato com o pensamento de alguns estudiosos da língua, tais como os que tomaremos como objeto de estudo, representantes de diferentes perspectivas teóricas nos estudos linguísticos. Com isso podemos perceber que o modo como cada pensador vê a poesia dentro de sua teoria de linguagem é um lugar que abre a possibilidade para se produzirem reflexões decisivas para observar o modo como alguns cientistas da linguagem constituem o seu pensamento. E este é o lugar que elegemos para os nossos estudos, pois, de certa forma, notamos que é um lugar pouco usual para se abordar o modo como determinado pensador elabora suas teorias. Ou seja, nosso objeto central de interesse é a consideração do modo como a questão da poesia aparece nas ciências da linguagem. Como não poderíamos tomar esta questão em toda a extensão dos estudos sobre a linguagem, vamos observar um certo percurso das ciências da linguagem, através do estudo de alguns cientistas da linguagem que, de um modo direto ou, principalmente, de um modo indireto, discutiram a questão do que é poesia e qual a importância que ela tem para os estudos da linguagem. O percurso que iremos observar abrange grande parte do século XX, passando por importantes escolas e teorias das quais esses autores fazem parte.

Assim, para este estudo, o nosso percurso se dará sobre a análise do modo como M.Bakhtin e R.Jakobson, E.Benveniste e O.Ducrot, J.C.Milner e M.Pêcheux, e N.Chomsky produzem suas teorias levando em conta a poesia. Estes estudiosos da linguagem estão entre aqueles que têm forte presença no modo como se apresentaram as ciências da linguagem no Brasil no século XX. São pensadores que tiveram e têm relações com o pensamento sobre linguagem no Brasil.

Por outro lado, no seu conjunto, seus trabalhos cobrem um período significativo do desenvolvimento dos estudos da linguagem no século XX depois de Saussure e traz autores que vêm de diferentes posições. Desde autores que tiveram relações com o formalismo russo e deles se afastaram em certa medida (Bakhtin e Jakobson), além do que o estudo sobre a obra de Bakhtin, por ser um autor que é, fundamentalmente, um crítico da literatura, traz para o nosso trabalho alguém que toma a literatura como centro de nosso interesse.

Depois nosso estudo passa por dois linguistas que centram sua atenção na relação da enunciação com a língua (Benveniste e Ducrot), chega a dois outros que fazem incidir na

reflexão a questão do sujeito e do real da língua (Milner e Pêcheux). Por outro lado tomamos também Chomsky, figura central da linguística a partir da metade do século passado e para quem a poesia está totalmente alijada da reflexão científica sobre a linguagem.

Como se verá vamos considerar o pensamento de Chomsky antes de tratarmos de Milner e Pêcheux, para que assim possamos ver como a posição cognitivista de Chomsky incide no percurso histórico, sem no entanto tornar-se um empecilho para que, mesmo dentro do gerativismo, se tomem outras posições a respeito da poesia.

Como se sabe, vamos tomar um percurso que nos apresenta teorias significativamente diferentes até mesmo epistemologicamente. Para podermos ter um termo que nos permita não só descrever mas interpretar estas descrições, escolhemos um ponto de partida para essa nossa pesquisa. Vamos considerar uma distinção proposta por Austin, em que, de certo modo, temos uma separação entre o uso comum da linguagem, isto é, a linguagem cotidiana ou ordinária, e também um outro uso da linguagem, que seria um uso não-ordinário da língua, no qual pode ser colocada a poesia.

Esta distinção, como sabemos, entre uso ordinário e não-ordinário da linguagem faz parte da história do pensamento da filosofia da linguagem. Nós a tomamos na formulação de Austin porque este filósofo tem forte influência nos estudos de linguagem e é contemporâneo do percurso que escolhemos para nosso trabalho. Além disso, temos que esta distinção produz uma divisão entre o estatuto da poesia em relação ao objeto dos estudos linguísticos, algo recorrente nesses estudos e já presente no Curso de Linguística Geral, de Saussure, considerado a obra inaugural da linguística científica do século XX. Austin, num ponto bastante interessante de sua caracterização do performativo, nos diz:

O que quero dizer é o seguinte: um proferimento performativo será, digamos, sempre vazio ou nulo de uma maneira particular, se dito por um ator no palco, ou se introduzido em um poema ou falado em um solilóquio, etc. De modo similar, isto vale para todo e qualquer proferimento, pois trata-se de uma mudança de rumo em circunstâncias especiais. Compreensivamente a linguagem, em tais circunstâncias, não é levada ou usada a sério, mas de forma parasitária em relação a seu uso normal, forma esta que se inclui na doutrina do estiolamento da linguagem. Tudo isso fica excluído de nossas

considerações. Nossos proferimento performativos, felizes ou não, devem ser entendidos como ocorrendo em circunstâncias ordinárias. (Austin, 1990, p. 36)

Ou seja, ele considera que, para se estudar os performativos, deve-se ater a usos ordinários da língua, em que não há o estiolamento da linguagem, isto é, não há um enfraquecimento da linguagem, considerando o termo estiolamento como o enfraquecimento que um ato de fala sofre ao ser usado em um contexto não-ordinário, em situações de ficção, tais como a literatura em geral, incluindo aí o teatro, poemas, etc. Assim, considerando que a poesia “estiola a linguagem” ao retirá-la de suas circunstâncias ordinárias, observamos nesse lugar uma posição comum nos estudos linguísticos, que é o de considerar que a poesia deve ser tomada em condições próprias em relação à língua, ou seja, para se pensar a poesia, há certas especificidades quanto à língua que indicam um posicionamento do autor em relação a questões da língua.

Uma razão suplementar, e talvez mais decisiva, para se tomar neste trabalho a posição de Austin a este respeito é que, como vemos, ela não só indica que o funcionamento ordinário da linguagem se distingue de outros não-ordinários (nos quais está a poesia), mas ele indica em certa medida um modo de funcionamento do não-ordinário (da poesia) que “corrói” (estiola) o funcionamento ordinário, que se dá, portanto, de outro modo, e assim significa de outro modo.

Por outro lado, tomamos a formulação de Austin por ela estar fora do que estabelecemos para nosso objetivo de trabalho: não nos ocupamos das formulações da filosofia da linguagem, por mais que reconheçamos sua importância neste debate.

Essa posição de Austin marca, de um modo parecido com Saussure no Curso de Linguística Geral, que o objetivo dos estudos da linguagem é o funcionamento da língua em condições que podemos chamar de ideais. Assim, ao se adotar esse “fio condutor” para analisar o percurso traçado, poderemos ver a posição que os autores mencionados para o estudo que aqui empreendemos tomam em relação a esta concepção sobre a poesia e quais as possíveis consequências dessa tomada de posição.

Para o desenvolvimento deste trabalho de observação das teorias de cada um dos autores, além de colocar o posicionamento austiniano como “fio condutor”, também iremos nos situar na perspectiva da História das Ideias Linguísticas (HIL), através de “uma análise

autônoma dos textos” (Delesalle e Chevalier, 1986, p.6). Ou seja, iremos produzir análises específicas de textos e, com estas análises, poderemos, ao mesmo tempo em que estudamos a poesia, articular uma história própria à relação entre as posições expressas nesses textos.

Para esta análise vamos considerar que o texto é uma unidade de sentido integrado por enunciados (Guimarães, 2011). Por outro lado, consideraremos, nesta mesma perspectiva, que esta relação e integração não é de natureza segmental, mas se dá transversalmente.

Deste modo vamos tomar para análise dos textos, tal como Guimarães na obra há pouco referida, o procedimento de escolher recortes com o qual percorreremos todos dos textos do nosso corpus. Basicamente tomaremos dois recortes: de um lado o modo como cada autor apresenta sua posição, sua teoria, seus procedimentos; de outro, o recorte da designação da palavra poesia ou outras relacionadas.

Ou seja, em um primeiro momento iremos analisar os textos, debatendo as teorias elaboradas pelos autores, observando especificamente como a poesia aparece (ou não aparece) na construção do pensamento de cada autor. Essa análise irá nos permitir observar o modo como eles argumentam a respeito da posição quanto à poesia, a partir do lugar das Ciências da Linguagem, ou seja, o modo como eles constroem a argumentação a respeito da relação entre a poesia e a ciência da linguagem. E essa observação nos traz a possibilidade de verificar um lugar fundamental da articulação do discurso da ciência, podendo trazer questões relevantes a respeito da epistemologia e também de como cada autor funda o seu pensamento linguístico.

Além disso, após esta análise teórica dos textos de cada autor, iremos nos situar na perspectiva da Semântica do Acontecimento e analisar a palavra poesia. Desse modo, iremos dedicar um capítulo para apresentar esta teoria que irá fundamentar as análises que produziremos.

O desenvolvimento do trabalho se fará por um capítulo dedicado ao estudo das obras de M.Bakhtin e a R.Jakobson, no qual poderemos observar, em certa medida, o pensamento dos formalistas russos a respeito da poesia. Esses autores trazem várias análises de textos literários em geral, sendo que R.Jakobson analisa vários poemas e que, nesse capítulo, traremos o modo como ele analisa um poema em específico. Por outro lado, estes autores trazem, em suas formulações teóricas, uma ligação da poesia com a arte.

Em outro capítulo, analisaremos os trabalhos de O.Ducrot e de E.Benveniste, autores que colocam como central em seus estudos questões relativas à enunciação, mas que trazem poucas questões diretamente relacionadas à poesia e não fazem análises de poemas.

A seguir, no capítulo 4, discutiremos a teoria de N.Chomsky por conta de que ele se posiciona de um modo bem diferente do restante dos autores escolhidos para a análise. Em seus estudos, ele se posiciona como cognitivista e considera a língua a partir de uma base biológica, buscando as regras para uma Gramática Gerativa.

No penúltimo capítulo analisaremos as obras de J.C.Milner e de M.Pêcheux, autores ligados a questões linguísticas, mas que trazem questões da psicanálise e do discurso em suas discussões. Eles também não fazem análises de poemas, porém eles produzem um embate teórico sobre a poesia que é de grande importância para se pensá-la de uma forma geral.

Após esse trabalho de análise em cada um dos estudiosos da linguagem, vamos dedicar um capítulo para produzir um panorama geral de como a poesia é tratada teoricamente por eles, observando em que medida se é levado em conta a diferença entre o poético e a linguagem ordinária. Com isso, poderemos observar de que forma o modo como essa diferença aparece afeta o modo como cada um elabora a sua teoria linguística. Além disso, por se tratar de autores significativos do pensamento sobre a linguagem, podemos pensar alguns aspectos gerais da relação entre os estudos científicos da linguagem e a poesia.

Capítulo 1:

Semântica do Acontecimento: pressupostos teóricos para a análise da palavra poesia

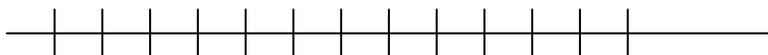
Nesse capítulo vamos discutir os preceitos teóricos da Semântica do Acontecimento, teoria que iremos usar nas análises com o intuito de verificar a designação da palavra *poesia* nos textos escolhidos para compor o corpus de nossa pesquisa.

A Semântica, de um modo geral, tem a preocupação central em estudar o sentido ou o significado. Essa concepção, um tanto quanto genérica, esconde as especificidades que cada Semântica tem ao estudar o modo como se dá o sentido de determinada forma linguística. Assim, temos posições que consideram que o sentido está em uma relação interna da língua, excluindo qualquer relação com o exterior. Outras posições consideram o sentido a partir de sua relação com a lógica e temos ainda posições que colocam o sentido conforme a relação da língua com o mundo, ou seja, a língua é posta para descrever e classificar o mundo e isso é que estabelece o sentido de determinadas formas.

A posição que tomamos se diferencia dessas, na medida em que colocamos o estudo do sentido da linguagem na enunciação, no acontecimento do dizer. E, para esse estudo, temos como observável o enunciado, isto é, temos que observar o funcionamento de uma forma em um enunciado para sabermos o seu sentido. E temos que considerar o enunciado em um texto, ou seja, temos que considerar a forma em um enunciado, enquanto enunciado em um texto. Isso traz que a relação de sentido se dá nessa passagem do enunciado ao texto, passagem essa que não é segmental. Como dissemos, é através do estudo do enunciado que chegamos à enunciação, que, para Guimarães (2002, p.8), é “um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua”. Desse modo, temos aqui dois conceitos centrais para entendermos o que é a enunciação: o acontecimento e o sujeito. Nesta perspectiva “algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem.” (idem, p. 11) E esta diferença é constituída pela temporalidade, pela constituição do tempo.

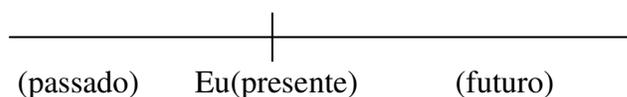
E para que fique mais bem especificado o que seja o acontecimento, precisamos pensar que o acontecimento não é um fato no tempo, ou seja, ele não está dentro de uma sequência em que há um antes (passado) e um depois (futuro). Ou seja, aqui não opera uma concepção semelhante ao do esquema abaixo:

Tempo pensado como uma série de acontecimentos:



Por outro lado, Guimarães também recusa a posição de Benveniste, para quem a temporalidade se constitui a partir de um “eu” que enuncia, instalando uma linha de sucessividade. Ou seja, também não é pensado como no próximo esquema:

Posição benvenistiana: o tempo da enunciação se constitui pelo locutor ao enunciar:



O que caracteriza o acontecimento como diferença é que ele temporaliza, ou seja, é o acontecimento que instala sua própria temporalidade. Isso é, não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento. E o que vem a ser esta temporalidade? Segundo Guimarães

De um lado ela se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável, e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro. (Guimarães, 2002, p. 12)

Ou seja, o acontecimento recorta um passado (um memorável) que, ao se articular com o presente, projeta um futuro. E é através deste memorável que o presente e a latência de futuro significam de um modo e não de outro. Mas ainda temos que levar em conta que este memorável não é uma recordação pessoal de fatos passados. “O passado é, no acontecimento, lembranças de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro.” (idem, p.12).

Pensando a enunciação a partir da constituição histórica do sentido, a semântica se insere no campo das ciências humanas. Por outro lado esta posição traz para este estudo a questão de que enunciar é uma questão política, na medida em que o político é que estabelece as posições sociais em que um sujeito pode enunciar, considerando que o político “é caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento”. (Guimarães, 2002, p.16). Assim, em cada acontecimento de enunciação, temos um determinado memorável que fará parte da constituição do sentido. E esse memorável não é estabelecido em casos particulares, já que ele é constituído a partir dessas relações com o político, ou seja, ele só pode enunciar a partir do lugar em que está devido aos conflitos que o colocam na possibilidade de enunciar de determinada forma e não de outra.

Podemos pensar, a título de exemplo, no acontecimento do “11 de Setembro”. Temos, em primeiro lugar, um enunciado que percorreu o mundo descrevendo o que ocorreu, nos Estados Unidos, na data de 11 de Setembro. O enunciado é o seguinte:

Um avião bateu num dos prédios do WTC. 15 minutos depois outro avião bateu no outro prédio do WTC.

Considerando o evento físico a que este enunciado se reporta, temos um relato do que ocorreu nesta data. A questão é que o evento que nomeamos “11 de Setembro” não é isso. O acontecimento não é um evento físico, natural. Ele é um evento de significação, em que o político estabelece um determinado passado a ser recortado e que faz significar o que está contido nele. No caso do exemplo, percebemos que o “11 de Setembro” virou um nome, a partir de uma certa relação política em que se é recortado um certo memorável que, neste caso, podemos dizer que é um conflito entre os Estados Unidos e o mundo Árabe. E, ao articular este memorável com o acontecimento (a destruição das duas torres), projeta-se um futuro, que é a intensificação deste mesmo conflito e a tomada de medidas específicas (bélicas) para eliminar o adversário. Devido a isto, há um processo de nomeação, pois o “11 de Setembro” passa a nomear um acontecimento, em que o passado não é uma cronologia, mas algo que o faz significar de um modo e não de outro. Isto nos faz perceber que não é

uma questão de referencialidade, mas sim da própria significação construída no dizer. Pois, se não houvesse este conflito já instalado, o memorável a ser recortado seria outro e, desta forma, o significado da expressão “11 de Setembro” também seria outro. Não podemos esquecer que, se fosse outro memorável que o acontecimento recortasse, a latência de futuro também seria outra.

Assim, o político afeta materialmente a linguagem e o próprio acontecimento da enunciação, trazendo certo memorável, que se articula com o acontecimento e projeta um futuro. Mas, aqui há um ponto que precisa ser bem especificado. As palavras podem possuir mais de um memorável a ser recortado, e, como vimos, conforme o memorável recortado, o sentido da palavra no acontecimento será um. Ou seja, há a possibilidade de termos uma diferença significativa nos resultados de uma análise por causa de se recortar memoráveis diferentes. E isto, de certo modo, explica o fato de que existem possibilidades de interpretação diferentes para o mesmo enunciado.

Inserido neste quadro teórico, procuraremos identificar o que a palavra *poesia* designa em alguns textos dos estudiosos da linguagem que propomos analisar. Iremos utilizar o conceito de designação estabelecido por Guimarães:

Designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. É neste sentido que não vou tomar o nome como uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos. Vou considerar, tal como considera Rancière (1992), que os nomes identificam objetos. (Guimarães, 2002, p.9).

Tal definição distingue a designação da referência que, para esse autor, “será vista como a particularização de algo na e pela enunciação” (idem). Assim, como procedimento de análise, serão utilizadas as operações enunciativas, em que o acontecimento mobiliza a

língua em textualidades específicas a partir de determinados agenciamentos, que “se caracterizam pelas marcas que a enunciação apresenta como diferenças no fio da textualidade que se apresenta como formulada pelo presente do locutor”. (Guimarães, 2004, p. 17). A designação de uma palavra será considerada como constituída por relações de determinação de sentido produzidas pelo modo como a enunciação integra as palavras nos enunciados e assim nos textos. Vamos assim considerar que a designação de uma palavra é constituída por um DSD (Guimarães, 2007) que apresenta as relações de sentido que puderem ser determinadas. O DSD de uma palavra será constituído pelas relações de atribuição de sentido que encontrarmos para ela num certo texto, ou conjunto de textos específicos. Por exemplo, se nos textos que vamos considerar neste trabalho, encontramos, por um procedimento de descrição, tal como os que apresentamos abaixo, uma relação que nos leve a considerar que a palavra *poesia* está semanticamente determinada por *intuitivo*, (isto será representado por $\text{poesia} \vdash \text{intuitivo}$), então diremos que esta relação faz parte do DSD da palavra *poesia*, ou seja, faz parte do que constitui a designação desta palavra. Também temos que, se esta palavra estiver em uma relação de antonímia com *científico*, por exemplo, teremos uma linha (_____) para mostrar esta relação.

Ao observar as operações enunciativas, consideraremos dois procedimentos: a reescritura e a articulação. Para Guimarães, a “reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado.”(Idem, p.17). Este procedimento nos dá a possibilidade de verificar, pelos mais variados procedimentos, como uma expressão se reporta a outra, dentro de um texto. Assim temos que a reescrituração pode se dar de diversos modos:

- Por Repetição: uma expressão é repetida por inteiro em outra parte do texto;
- Por Substituição: uma expressão é retomada em outra parte do texto por uma outra expressão;
- Por Elipse: nesse caso, uma parte de uma expressão é omitida em um outro ponto do texto;
- Por Expansão: temos uma expressão que expande uma expressão anterior, ou seja, uma expressão que apresenta a anterior dando-lhe uma ampliação no sentido;

- Por Condensação: aqui temos o contrário da expansão, na medida em que temos uma palavra ou uma expressão que resume uma expressão anterior;

- Por Definição: uma expressão serve para dar uma definição de algum termo;

Esses procedimentos de reescritura podem se dar por Sinonímia, em que uma palavra ou expressão é apresentada como tendo o mesmo sentido de outra à qual se liga, porém, ao ser reescrita, predica algo de uma expressão ao outro termo, através de um movimento de polissemia desta reescritura; ou por especificação, em que há uma determinação explícita do reescriturado pela expressão que o reescritura.

Além disso, temos ainda a reescritura por desenvolvimento, por generalização, totalização e por enumeração. Este processo de reescritura liga diferentes partes do texto, construindo o sentido de determinadas palavras e expressões.

Quanto à articulação, Guimarães nos diz: “procedimentos de articulação dizem respeito às relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem.” (2004, p.18). Ou seja, a articulação é o procedimento pelo qual se observa as relações de determinada palavra (ou de suas reescrituras) com outras palavras em um enunciado, sendo que deve-se considerar este enunciado como fazendo parte de um texto. Através desses procedimentos, poderemos dizer o que um nome designa, o que é, para Guimarães, constituir o Domínio Semântico de Determinação (DSD).

Também, para que possamos verificar o modo como cada autor argumenta a propósito da questão sobre a poesia, vamos observar particularmente as articulações argumentativas que ocorrem nos textos, na medida em que estas articulações trazem importantes elementos na constituição do sentido da palavra *poesia* nos textos referidos.

Capítulo 2

Bakhtin e Jakobson: A Poesia é Arte

Como início de nossas análises, vamos observar dois autores fortemente marcados pelo formalismo russo: Bakhtin e Jakobson. Esses autores trazem uma relação muito forte com a Literatura em geral, o que podemos ver através de várias análises que ambos fazem de aspectos da criação literária, abordando romances e, em alguns casos, poesias de vários autores, tais como Dostoiévski, Briússov, Balmont, Baudelaire, etc. Por essa relação com a Literatura, temos que Bakhtin e Jakobson possuem uma visão muito particular sobre a poesia, colocando-a em ligação com a arte. Para essa nossa discussão sobre estes dois autores, vamos, em um primeiro momento, observar a poesia em Bakhtin, depois, iremos analisá-la em Jakobson. Após as análises prontas, faremos algumas considerações sobre os resultados obtidos nas análises, observando os pontos em comum e também as divergências apresentadas por ambos.

2.1 – A Teoria Bakhtiniana

Ao entrar em contato com a obra de Bakhtin, temos inicialmente uma questão: ele era um linguista? Seguramente não, no sentido mais usual desta expressão. Os interesses de Bakhtin giram muito especificamente sobre o texto literário e é partir disso que ele acaba por se interessar por uma certa teorização sobre a linguagem e sobre o texto. Assim ele se interessa por aspectos que podemos colocar como do domínio das ciências da linguagem. É nesta medida que ele vai nos interessar aqui neste estudo que procura discutir o lugar da poesia nas ciências da linguagem. Essa escolha se deu porque Bakhtin produziu muitas obras importantes relacionadas aos estudos da linguagem de uma forma geral, passando das relações entre a língua e os estudos marxistas, os quais podemos conferir na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006)¹, em que o autor estabelece problemas e hipóteses em relação a questões da luta de classes presentes na linguagem, até a estudos da poética, os quais podemos ver em *Estética da Criação Verbal* (2000) e *Problemas da Poética de*

¹ Lembrando que alguns trabalhos, tais como os de Patrick Sériot, colocam em dúvida sobre a autoria de Bakhtin para este livro

Dostoiévski (1981). Sendo assim, esse pensador da linguagem é de grande importância para a linguística quanto para os estudos literários em geral, pois a obra deste autor se coloca como precursora dos estudos do discurso e do texto que se desenvolvem atualmente, já que ele coloca “o texto como fulcro, como lugar central de toda investigação sobre o homem” (Barros, 2005,p.28). Ou seja, a partir de seus estudos sobre o texto, muitas linhas de pesquisa linguística se desenvolveram, retomando e redefinindo alguns de seus conceitos. Dentre esses linguistas, temos O. Ducrot, que se apropria livremente do conceito de polifonia para a elaboração de seus estudos sobre a Argumentação na Língua.

Assim, para termos um pequeno panorama do pensamento deste autor, não iremos fazer um estudo exaustivo de sua teoria e sim discutiremos alguns de seus conceitos, para nos situarmos em sua teoria para levantarmos algumas considerações do que seja a poesia em seu pensamento. Como lugar de entrada para as nossas reflexões sobre Bakhtin, temos a sua questão sobre o modo como se dá a criação ideológica na teoria marxista. Levando em conta essa questão, Bakhtin coloca a necessidade de se estabelecer um diálogo entre a filosofia da linguagem e a teoria marxista, já que, para ele, “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (Bakhtin, 2006, pág.31). Ou seja, para se estudar a ideologia é necessário estudar a linguagem, pois é nessa que, devido ao seu caráter simbólico, se encontra a ideologia, em contraste a qualquer corpo físico, que vale por si mesmo, a menos que ganhe um simbolismo, o que só acontece através da linguagem. E, nessa relação, aparece a questão de valoração do signo (e da ideologia), uma vez que

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (Idem, pág.32-33)

Com essa reflexão, Bakhtin procura retirar os estudos sobre a Ideologia de um aspecto puramente psicológico, atribuindo-lhe um aspecto material, que é a linguagem. Assim ele, de certo modo, inverte os estudos da Ideologia de sua época, pois era dada uma explicação psicologizante, ou seja, ao entrar em certas discussões teóricas, a consciência individual dos sujeitos ganhava o estatuto explicativo do que se referia ao meio ideológico e social. E é isso que Bakhtin contesta pois, para ele, o que ocorre é o contrário, é o meio ideológico e social que deve explicar a consciência individual, algo que só é possível afirmar teoricamente ao se instituir um lugar material para a Ideologia.

Porém, dentre os vários tipos de linguagem, Bakhtin elege a palavra como a principal, pois “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.” (Bakhtin, 2006, pág.36). E, além disso, enquanto os signos e símbolos em geral possuem uma determinada Ideologia conforme o domínio em que foi criado, “a palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (idem, pág.37). Sendo assim a palavra possui esta possibilidade de assumir qualquer ideologia e, além disso, a palavra é o “material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior)” (ibidem, p.37). Por isso que podemos dizer que a palavra consegue, ao mesmo tempo, ser a materialidade da ideologia e também colocar-se como fundante da consciência e, talvez por essa dupla possibilidade, é que os marxistas da época desses estudos de Bakhtin não perceberam a importância teórica que essa perspectiva poderia trazer às suas reflexões.

A partir dessas reflexões, também temos que os “os signos só podem aparecer no terreno interindividual” (Bakhtin, 2006, p. 35), ou seja, temos que os signos, em especial a palavra, possuem esse caráter de se colocar essencialmente no lugar de contato entre pessoas, sendo assim temos que ela não pode ser reduzida à consciência individual pois, como dissemos, ela possui um caráter social intrínseco.

Assim, ao levantar essas questões a respeito da Ideologia e seu suporte material, que é a linguagem, Bakhtin elabora o conceito de dialogismo, pois, para ele, "Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala." (Idem, p.101). Ou, dito em outras palavras, por seu caráter interindividual, a linguagem é construída em forma de um diálogo, em que sempre uma enunciação está em relação com outros diálogos. Porém, para Bakhtin,

os estudos linguísticos e os estudos da Ideologia não levam essa característica em conta, o que traz a essas reflexões “uma compreensão totalmente passiva, que não comporta nem o esboço de uma resposta, como seria exigido por qualquer espécie autêntica de compreensão.”(Ibidem, p.101).

E isso instaura, por sua vez, o discurso da classe dominante em que não há este aspecto dialógico da língua. Isso porque há uma modificação desse aspecto, passando de dialógico para monológico, o que atende a interesses da classe dominante, pois dessa forma disfarça ou mesmo oculta as diferenças de classe e, juntamente com isso, apaga as relações de valor que aí se estabelecem. O modo como isso ocorre é facilitado por esse aspecto dialógico da língua, o que podemos observar nas próprias palavras de Bakhtin:

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras. Esta *dialética interna* do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante.
(Bakhtin, 2006, p.48):

Por isso é que Bakhtin percebe a necessidade de se refletir a respeito da língua dentro de uma perspectiva marxista, para se entender melhor o processo em que se dá a Ideologia. Então, além de estabelecer o conceito de dialogismo, ele reflete mais aspectos da língua, em um diálogo com outras teorias, em que sua especificidade é esse caráter social da língua:

Vamos tentar formular nosso próprio ponto de vista com as seguintes proposições:

- 1- A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua.
- 2- A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.
- 3- As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*.
- 4- A *criatividade* da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.
- 5- *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é uma *contradictio in adjecto*. (Bakhtin, 2006, págs. 131 e 132)

Com essas proposições a respeito da língua, podemos perceber uma grande preocupação de Bakhtin em refutar teorias que constroem o seu aparato teórico-metodológico abstraindo alguns aspectos da mesma e, principalmente, que não levam em conta a interação social dos locutores, ou seja, ele refuta toda a possibilidade de estudos linguísticos que não se interessam pelo caráter social da língua. Ele também traz que a língua está em constante evolução, que ocorre também por causa da interação entre os locutores. E, além disso, ele tece alguns comentários a respeito da criatividade da língua não coincidir com nenhuma outra forma de criatividade, mas que só é possível compreender essa criatividade levando em conta os valores ideológicos que ela representa. Assim podemos dizer, em uma tentativa de definição de conceito, que a língua, para Bakhtin, é um processo social em constante evolução, sendo que é também a materialidade

da Ideologia e possui um caráter essencialmente dialógico, pois é constituída na interação verbal dos locutores. A enunciação, por sua vez, também se constitui pelo social.

Além de sua preocupação com questões relativas à filosofia da linguagem e o marxismo, Bakhtin desenvolveu vários estudos no campo da Literatura. Nesses estudos, queremos refletir um pouco a respeito do conceito de polifonia, já que esse conceito foi posteriormente retomado por Ducrot, de uma forma bem livre, para resolver algumas questões em sua teoria da Argumentação na Língua.

Bakhtin, ao entrar em contato com a obra de Dostoiévski, afirma que ele é o criador de um novo tipo de romance, o romance polifônico. Para tanto, Bakhtin analisa alguns estudiosos da obra de Dostoiévski, observando que vários deles apresentam uma certa particularidade nesses estudos, mas que nenhum consegue apreender totalmente esta particularidade, conforme Bakhtin comenta:

É por isto que todas as grandes monografias sobre Dostoiévski, baseadas na monologação filosófica de sua obra, propiciam tão pouco para a compreensão da peculiaridade estrutural do seu mundo artístico por nós formulada. (Bakhtin, 1981, p.5)

Dessa forma, na tentativa de apreender a especificidade do romance de Dostoiévski, Bakhtin elabora o conceito de polifonia. Para tanto, ele faz um estudo da poética histórica, e observa especialmente um tipo de literatura, que ele chama de *carnevalizada*. Essa literatura dá um novo tratamento à realidade, ao incluir uma atualidade viva, em que aparece o dia a dia, sem situar a história em um tempo passado ou mítico e, além disso, é baseada na experiência ou na fantasia livre. E a outra peculiaridade apontada por Bakhtin é:

A terceira peculiaridade são a pluralidade de estilos e a variedade de vozes de todos esses gêneros. Eles renunciam à unidade estilística (em termos rigorosos, à unicidade estilística) da epopeia, da tragédia, da retórica elevada e da lírica. Caracterizam-se pela politonalidade da narração, pela fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico, empregam amplamente os gêneros intercalados: cartas, manuscritos encontrados, diálogos relatados, paródias dos gêneros elevados, citações recriadas em paródia, etc. (Idem, p.93)

Assim Bakhtin afirma que a *literatura carnavalesca* é o começo do desenvolvimento de uma poética que irá resultar no romance polifônico de Dostoiévski. Isso se dá pois, nessa literatura, aparece mais de uma voz em seus textos. Porém, para Bakhtin, a polifonia em Dostoiévski alcança uma especificidade totalmente nova, pois as diferentes vozes que aparecem são independentes. Conforme o próprio Bakhtin:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e miscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. (Bakhtin, 1981, p.2)

Ou, dito de outro modo, no romance polifônico há várias vozes ou consciências que não se misturam e nenhuma delas possui uma predominância sobre as outras consciências, o que transforma a voz do herói em uma voz plena, em que ele não se coloca no lugar de um simples porta-voz do autor.

A partir desses dois conceitos centrais na teoria de Bakhtin, o dialogismo e a polifonia, podemos perceber que o conceito de língua, para este autor, está diretamente relacionado ao social, na medida em que na língua sempre há uma interligação entre dizeres diferentes.

Então, dentro desse quadro teórico que apresentamos, a poesia não recebe uma atenção especial de Bakhtin. Ou seja, apesar de fazer análise da obra de alguns poetas, tais como Viatcheslav Ivánov, Balmont e Briússov, Bakhtin, não elaborou nenhuma teoria específica procurando explicar o que seja a poesia. Assim, para tentarmos compreender como ele pensa a poesia, vamos nos limitar a observar o modo como esta palavra (e suas possíveis reescrituras) aparece em sua obra.

2.2 – Análise da palavra Poesia em Bakhtin

Em diversos textos Bakhtin, ao comentar vários aspectos de seu pensamento, e ao fazer análises linguísticas e literárias, utiliza a palavra poesia. Para o nosso estudo, fizemos um recorte em seus textos e analisamos esta palavra no texto “Conferências sobre História da Literatura Russa”, presente no livro “Estética da Criação Verbal”, de 2003. Esse recorte deu-se por se tratar de um texto em que Bakhtin produz uma análise sobre a obra poética de Viatcheslav Ivánov, ou seja, é um texto em que ele analisa diretamente a obra de um poeta, comentando vários aspectos relacionados a sua produção. Além disso, este texto é uma boa amostra do modo como Bakhtin trata a poesia.

Para analisar a obra de Ivánov, Bakhtin comenta a sua relação com a poesia da Antiguidade, da Idade Média e do Renascimento, em contrapartida a outros poetas da mesma geração de Ivánov: Balmont e Briúsov. Também faz alguns comentários a respeito de três princípios estéticos, que são o ascenso, o descenso e o caos. Segundo Bakhtin:

Ascenso é altives, crueldade, e não só com os outros mas também consigo mesmo. E se é cruel é sofrido. Esse é o caminho trágico para as alturas, a ruptura com a terra, a morte. Se o ascenso não acarreta o descenso ele é estéril porque é supramundo.

Descenso é símbolo do arco-íris, do sorriso, do amor à terra que conserva a lembrança do céu. Viatcheslav Ivánov aplica sua teoria do ascenso e do descenso ao processo criador em arte (...).

(...)O terceiro princípio é o caótico ou dionisíaco. É a ruptura do indivíduo, o desdobramento, a perturbação, o esquartejamento, etc. Tanto no ascenso quanto no descenso destrói-se a personalidade, mas esta só sai reforçada dessa destruição. Como dizia Goethe, destrói tua personalidade se queres reforçá-la. Toda vivência de ordem estética expelle o espírito dos limites do pessoal. (Bakhtin, 2003, p. 412 e 413)

Observando este recorte, temos que Bakhtin utiliza-se do pensamento do próprio Viatcheslav Ivánov para comentar estes três princípios estéticos. Nesse comentário, ele aponta o dionisíaco como o que constitui o fundamento da arte. Ao colocar dessa forma, ele traz o papel central dado ao artista no que se refere à arte, em que temos uma importante

relação entre a arte e o sujeito que “cria” esta arte, ou seja, entre a arte e o artista. Sendo assim, levando em conta que o poeta é o artista que trabalha com as palavras, temos que ele está nesse lugar de ruptura e destruição e, além disso, esse lugar acaba por levar o próprio poeta além dos limites do pessoal, por colocá-lo em contato com o estético. Apontando esta importância do sujeito na arte, temos que analisar o modo como o poeta aparece nesse texto é uma importante entrada para o estudo da palavra *poesia* na obra de Bakhtin. Assim, passamos, em um primeiro momento a observar a reescritura da palavra *poetas*, conforme os recortes que fizemos para análise:

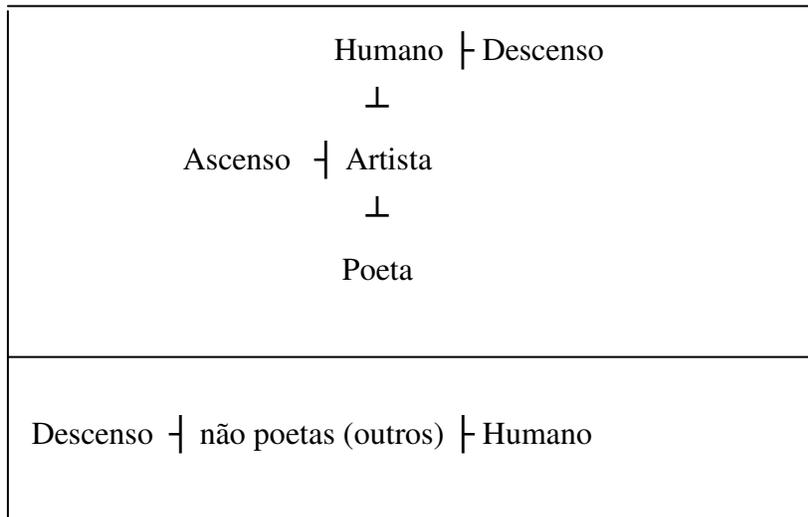
1- *Viatcheslav Ivánov vê dois caminhos no simbolismo: um idealista e um realista. O primeiro tem início na Antiguidade, quando se procurou imprimir marca individual em todos os fenômenos da vida. O segundo tem origem na Idade Média, quando os poetas² se auto-eximiam, deixando que os próprios objetos falassem por si mesmos. Briússov e Balmont tomaram o primeiro caminho. Para eles o símbolo é apenas uma palavra: não lhes interessa se atrás da palavra se esconde alguma coisa. Para eles o símbolo não sai do plano da língua. E a novidade dos objetos do mundo exterior depende apenas do estado do artista. (p. 412)*

2- (...) *O artista descende, e esse descenso é, antes de tudo, para os seres que não ascenderam e se acham em fases inferiores de consciência. Quando o poeta procura a palavra, desta necessita para traduzir suas conquistas em palavras que todos compreendam. Esse é um descenso às fraquezas humanas dos outros, um descenso àqueles que nunca ascenderam. Por isso o descenso sempre é humano e democrático.(p.413)*

Esses dois recortes apresentam o modo como Bakhtin comenta o pensamento de Viatcheslav Ivánov a respeito da poesia. Desse modo, pelo modo como Bakhtin constrói o texto, podemos observar que ele acaba por trazer uma reflexão sobre a poesia, e isso podemos dizer que é uma reflexão dele, já que ele escolhe V.Ivánov para basear as suas reflexões. Assim, nesses dois recortes, observamos que a palavra *poeta* é reescrita por

² Grifamos certas palavras nos recortes para melhor visualizar as reescrituras.

eles, se, lhes e artista, além dos nomes próprios *Briússov e Balmont*. Esta reescrituração nos indica uma determinação entre poetas e artistas, o que indica uma determinação entre poesia e arte. Em contrapartida, também temos uma reescritura por uma relação de antonímia em “*seres que não ascenderam*” e *poetas*. Assim *outros* é “*seres que não ascenderam e se opõe a poeta, ou seja, temos uma relação de antonímia entre poeta e seres que não ascenderam*. Além disso, a palavra *humano* traz uma condensação, ao reescrever tanto *poeta* quanto *seres que não ascenderam*. Mas, mesmo estando condensadas em *humano*, temos uma diferenciação entre o *poeta* e *seres que não ascenderam*, na medida em que *poeta* está em uma relação com *ascenso*, e com *descenso*, sendo que *descenso* está articulada também a *seres que não ascenderam*, ou seja, enquanto o *poeta* se articula com as duas palavras, *seres* se relaciona somente com *descenso*. Isto abre a possibilidade de que, mesmo sendo ambos humanos, somente o poeta tem essa capacidade de transitar entre o *ascenso* e o *descenso*. Dessa forma, em um primeiro momento, podemos ver o DSD de *poeta* da seguinte forma:



Obs.: ler ⊢ como determina e ————— como antônimo

Com esse DSD podemos observar uma especificação muito particular para *poeta*, na medida em que *poeta* é determinado por *artista*. Isso traz uma relação de sujeitos em que são colocados em um mesmo paradigma o poeta e o artista, e, por extensão, excluindo os outros seres humanos. Além disso, esse paradigma em que *poeta* é colocado aparece como

mais amplo do que os outros seres, por ter um certo privilégio de transitar pelo ascenso e pelo descenso. Podemos dizer também que, a partir de nossa análise, esta articulação entre *poeta e artista* traz uma relação entre sujeitos que nos auxiliará a pensar na possibilidade da relação entre a poesia e a arte, no pensamento de Bakhtin.

Além de comentar as relações de Ivánov com a poesia antiga e os princípios estéticos, Bakhtin faz alguns comentários analíticos sobre o som e o uso de metáforas em seus poemas. E, ao fazer estas análises, ele utiliza por várias vezes a palavra poesia. Apresentamos a seguir alguns recortes em que aparece esta palavra.

- 3- (...) *As fontes de sua poesia são a Antiguidade, a Idade Média e o Renascimento, que ele efetivamente dominava e das quais recebeu uma influência imensa, que lhe determinou as raízes fundamentais da sua obra. Na poesia de Briússov, a Antiguidade também ocupa um grande espaço, mas aparece refratada através da poesia francesa e inglesa. (p.411)*
- 4- (...) *Neste sentido sua poesia não é musical. Em seus poemas não há uma única palavra fortuita. Como em todo poeta importante, há nesses poemas uma extraordinária plenitude de forças semânticas e lógicas sumamente detalhadas. Ele pondera cada detalhe do sentido, por isso em seus poemas não há pinceladas de pensamento grandes e grosseiras como em Balmont. (p. 415)*
- 5- (...) *(a alegoria é uma metáfora que perdeu sua seiva poética). (idem)*
- 6- *Uma peculiaridade da poesia de Ivánov é o fato de que todas as suas coletâneas se decompõem em capítulos e estes estão distribuídos em ordem sequencial, uns dando continuidade aos outros. É claro que alguns poemas não são átomos mas existem como objetos independentes, no entanto saem ganhando consideravelmente no conjunto da coletânea. É característico que Viatcheslav Ivánov sempre editou seus poemas em ciclos acabados. Esse aspecto sintético o liga a George e Rilke, particularmente ao último. Também em Rilke as coletâneas de poemas são*

narrativas que parecem decompor-se em capítulos. Neste sentido, a poesia de Ivánov se aproxima também do Sagesse de Verlaine. (p.416)

Observamos que, nas ocorrências da palavra *poesia* neste texto, ela está sempre em uma expressão referencial, sendo determinada pelo artigo *a*, em alguns casos combinado com o pronome possessivo *seu (sua)*, em outro pela preposição *de (da)* e um outro pela preposição *em (na)*. E, além disso, a palavra *poesia* sempre recebe uma especificação, como sendo a poesia de Ivánov, de Briússov, francesa e inglesa, sua (de Ivánov). Quanto às reescrituras, a palavra *poesia* é reescrita por *poemas* e por *poética*. A palavra *poemas* aparece sempre no plural e também, como a palavra *poesia*, recebe características específicas, como sendo poemas de Ivánov. Poderíamos, dessa forma, ter *poesia* e *poemas* em uma simples relação sinonímica, em que ambas podem ter especificações, tais como poesia inglesa, francesa, etc. e também poemas de Ivánov.

Dessa forma, o que vimos até agora mostra algumas importantes relações de especificação para *poesia*, porém não temos ainda uma explicação de forma direta do que seja a poesia em Bakhtin. Então, podemos aqui pensar na possibilidade de que ele não traz nenhuma formulação específica do que seja a poesia, e sim produz suas análises considerando a poesia em um sentido bem geral, sendo conhecido por todos, ou seja, Bakhtin trata a poesia como algo de todos conhecido, sem a necessidade de uma conceituação mais específica e, desse modo, sem deixar o que ele próprio entende por poesia de um modo direto.

Também podemos observar que, pela diferença que há por conta de *poesia* estar sempre no singular e *poemas* sempre no plural, temos um funcionamento diferente no uso dessas palavras. Enquanto *poesia*, por estar no singular, aparece como única, variando somente conforme o que a caracteriza, sendo a *poesia* francesa, inglesa, de Briússov, de Ivánov, *poemas* aparece como unidades da poesia, na medida em que temos tipos variados de poemas dentro de um lugar específico, o que podemos observar quando Bakhtin traz “Uma peculiaridade da *poesia* de Ivánov”, e, logo após, traz “Ivánov sempre editou seus *poemas*”. E isso leva na direção de que poesia determina poemas, isso é, todo poema é poesia, o que, por sua vez, nos traz uma outra relação para *poesia*, mas também não traz uma especificação direta do que seja a poesia para Bakhtin.

Uma outra possibilidade que podemos pensar a partir da não definição direta bakhtiniana do que é a poesia é que ela ocupa o lugar de um gênero específico, ao qual cada autor ou região (e podemos acrescentar a época) possui as suas particularidades. Ou seja, por uma análise do DSD dessa palavra, podemos dizer que *poesia*, para Bakhtin, é determinada por gênero, ou seja, gênero determina *poesia* e *poemas*, enquanto que *poesia* determina *poemas*:

Poemas Poesia Gênero

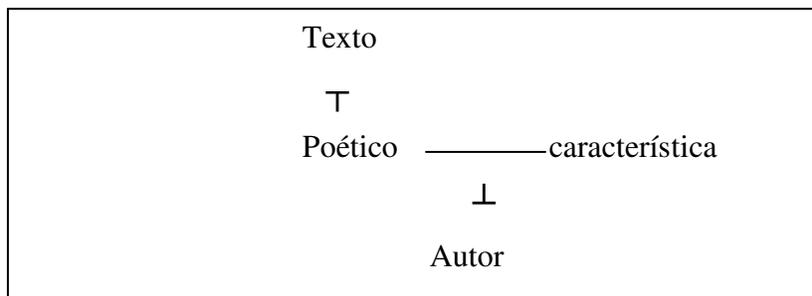
Obs.: ler | como determina

Sendo assim, podemos dizer que a palavra *poemas*, pelo fato de estar no plural e associada sempre a um autor, designa os textos escritos por um poeta, já que o autor possui mais de um texto, ou seja, o autor caracteriza cada um dos poemas, sendo que um poema pode ser diferente do outro, enquanto que a *poesia* é o que faz parte de um gênero específico e que caracteriza um texto como poema. Dito de outro modo, os poemas são textos que possuem uma determinação da *poesia*. Isso nos leva a pensar que a poesia é um gênero textual como outros. Por sua vez, ao ser colocada como um gênero, temos uma caracterização normativa da questão, pois os estudos passam a ser tratados genericamente, tal como qualquer outro gênero textual.

Porém ainda temos mais uma reescritura de *poesia* para analisarmos. Trata-se da que encontramos no recorte 5, que é *poética*. Esta palavra, nesse texto, aparece uma vez dentro de uma expressão referencial, “*sua seiva poética*”, em que a palavra *poética* especifica seiva. No caso, seiva é o “líquido que contém princípios nutritivos e que circula no interior do vegetal” e, por metáfora, “energia física ou mental, força, vigor”. Ou seja, a seiva é uma energia vital para que algo exista. Assim, ao se particularizar a seiva como *poética*, um vigor, uma força, caracteriza algo como sendo *poesia*. Dessa forma podemos pensar que é essa “seiva poética” que transforma um texto em poesia. Mas, além disso,

temos que *poético* também traz uma separação entre *alegoria* e *metáfora*, colocando a primeira fora da poesia, na medida em que ela perde a seiva poética. Por outro lado, temos que a metáfora é algo que constitui a poesia, já que ela possui essa seiva poética. *Então poética* é o que caracteriza um texto como *poesia* e, além disso, é o que vamos encontrar em poemas.

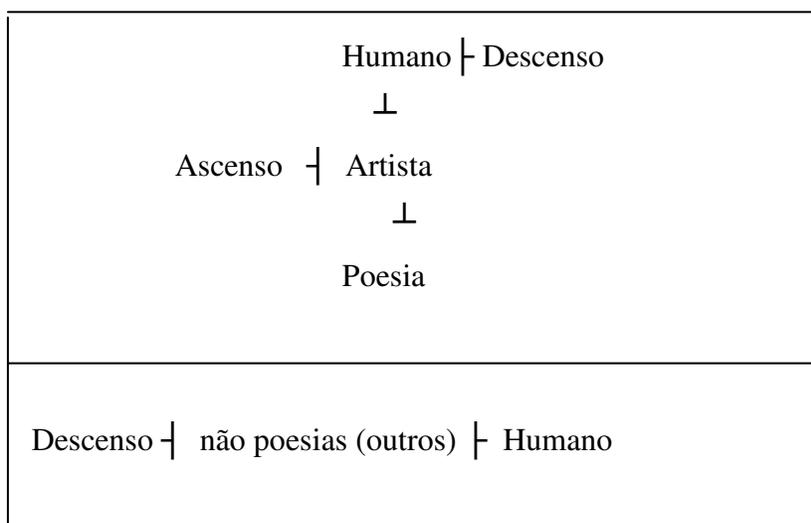
Temos também a palavra *poética* em um livro de Bakhtin, intitulado “Problemas da Poética de Dostoiévski”. Nesse título, temos a palavra *poética* sendo especificada por Dostoiévski, ou seja, existe uma poética específica de um autor e que, nesse caso, trata-se de um autor de romances e não especificamente um autor de poesias, o que traz certa estranheza. Contudo, em nossa análise, observamos que *poético* é o que traz a característica a um texto de ser uma poesia, ou seja, é uma característica encontrada em alguns textos. Ao se colocar a palavra *poética* relacionada a um autor de romances, esta palavra tem a sua designação estendida, passando à característica específica de um autor. Em certa medida esta palavra aparece em um sentido aristotélico do termo, ou seja, há uma relação no uso deste termo por Aristóteles e por Bakhtin. Sendo assim, podemos dizer que *poética* determina a característica de um texto ou do conjunto de textos de um autor, isto é, podemos dizer que *poético* está em uma relação de sinonímia com característica, trazendo dessa forma o DSD da palavra *poético* da seguinte forma:



Obs.: ler ⊥ como determina e ————— como sinônimo.

De um certo modo, podemos dizer que em Bakhtin, por ele colocar o poético como uma característica, tanto de autor como de texto, e também por colocar o poema como um texto e poesia como um gênero textual, há uma falta de especificação para o conceito de poesia. Com isso, a partir de sua posição sobre gêneros textuais, a poesia é colocada simplesmente como se fosse um gênero entre outros. Dessa forma ele não estaria tomado pela distinção Austiniana entre linguagem ordinária e não-ordinária. Porém, temos uma questão sobre o sujeito que faz a poesia, ou seja, sobre o poeta, que é relacionado com artista, o que traz uma assimilação de poesia pela arte, isto é, por conta da relação entre poeta e artista, temos como correlato poesia e arte.

Se projetarmos o DSD de poeta aqui, substituindo poeta por poesia, temos:



Obs.: ler ┌ como determina e ———— como antônimo

Nesse caso, temos uma relação muito particular de *artista* com *poesia*, em que *poesia* aparece como determinada por *artista*. Além disso, a poesia, tal qual vimos em *poetas*, transita entre o ascenso e o descenso, enquanto que outros textos ficam somente no lugar do descenso, ou seja, temos que a poesia está relacionada à arte e se constitui como um texto que, de certo modo, pode ser considerado como de maior alcance, já que tem essa particularidade de transitar entre os dois paradigmas de ascenso e de descenso. Com essa

projeção, trocando poeta por poesia, aparece uma especificação para poesia. Dessa forma temos que a poesia, para ele, é um gênero textual, porém, que difere dos outros tipos de texto por ter esta relação com arte, enquanto que o poema é o texto que pode ser considerado dentro do gênero textual poesia. E poético trata da característica de um texto ou de um autor, ou, dito de outro modo, trata de um estilo específico de se escrever, o que traz para a nossa reflexão que o que faz a poesia para Bakhtin é o poeta/artista e não a língua. Isso dito dentro de um quadro teórico em que a língua aparece essencialmente interindividual, em que várias vozes se cruzam, ou como diz Bakhtin, ela é essencialmente dialógica.

Temos então, como dissemos na introdução, que a inserção de Bakhtin em nossos estudos se deu por ele ser um estudioso da linguagem que é, fundamentalmente, um crítico da literatura. E, por ocupar este lugar, suas preocupações com a linguagem ficam relacionadas com a arte, trazendo uma reflexão bem particular sobre a poesia para os estudos da linguagem.

2.3 - A Poesia em Jakobson

Diferentemente dos outros autores que estabelecemos para a discussão que propomos sobre a relação entre a Poesia e a Linguística, Jakobson é um autor que se interessa diretamente por questões a respeito da poesia³ e também da grande importância de sua relação com a Linguística. Esta é também uma das razões que nos levaram a tratá-lo junto com Bakhtin neste capítulo. Esse seu interesse fez com que ele produzisse várias análises de poemas, indicando vários aspectos linguísticos que aparecem na composição dos poemas, possibilitando uma análise científica dos mesmos. Com essa preocupação de colocar a análise de poesias como uma análise científica, ele trabalha com a relação entre a Poética e a Linguística e coloca como questão central da Poética “Que é que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte?”(Jakobson, 2001, p.119), questão essa que já deixa um caminho aberto para se pensar, em Jakobson, que a poesia tem uma relação direta com a arte. Sendo assim, a Poética é de suma importância para os estudos literários, conforme o

³ Para ver mais sobre estes aspectos, ver Jakobson (1970, 1949, 1985), Câmara Jr, J.M.(1970) e Campos, H. (1970)

próprio autor: “Sendo o objeto principal da Poética as *differentia specifica* entre a arte verbal e as outras artes e espécies de condutas verbais, cabe-lhe um lugar de preeminência nos estudos literários.” (Jakobson, 2001, 119).

Ou seja, a Poética estuda as diferentes especificidades entre a poesia e outras manifestações da arte e de estruturas verbais. Então, com isso, temos uma primeira ligação que poderá trazer algumas questões para o que seja a poesia para Jakobson, pois ele coloca a poesia em relação com a arte, ficando assim a pergunta: o que é a arte? Questão a que voltaremos posteriormente para pensarmos o que é a poesia. Também temos que essa conceituação do que seja a Poética ganha contornos mais abrangentes quando Jakobson coloca que:

A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística. (idem, p.119)

Dessa forma ele estabelece a Poética como parte integrante da Linguística, isto é, entre os estudos científicos da língua, há um importante estudo que trata da Poética, ou seja, da própria ligação da língua e da arte. Porém este lugar da Poética, como parte integrante da Linguística, não é aceito por unanimidade entre os estudiosos, na medida em que há a consideração de que

a Poética, em contraposição à Linguística, se ocupa de julgamentos de valor.(...) Esta separação dos dois campos entre si se baseia numa interpretação corrente, mas errônea, do contraste entre a estrutura da poesia e outros tipos de estrutura verbal: afirma-se que estas se opõem, mercê de sua natureza "casual", não intencional, à natureza "não casual", intencional, da linguagem poética (Jakobson, 2001, p.120).

Com isso há a colocação, de certo modo, da Poética fora do campo científico, isso por se considerar a estrutura verbal em poesia diferente de outros tipos de estrutura verbal,

na medida em que a poesia possui um caráter intencional e os outros tipos de estrutura verbal possuem um caráter não intencional. Para Jakobson:

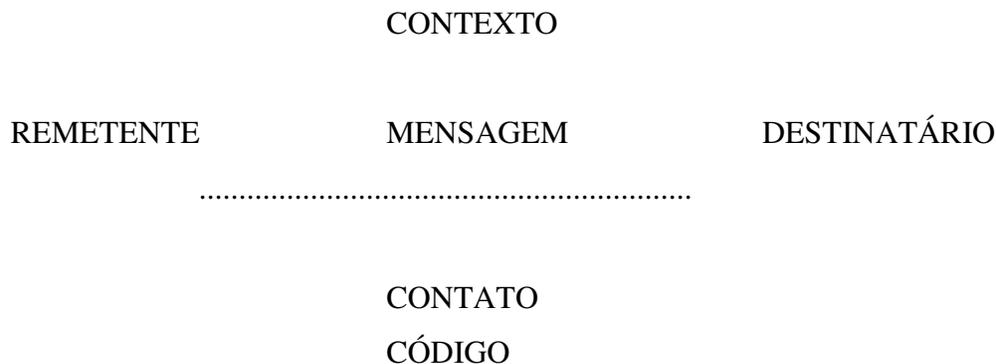
De fato, qualquer conduta verbal tem uma finalidade, mas os objetivos variam e a conformidade dos meios utilizados com o efeito visado é um problema que preocupa permanentemente os investigadores das diversas espécies de comunicação verbal. Existe íntima correspondência, muito mais íntima do que o supõem os críticos, entre o problema dos fenômenos linguísticos a se expandirem no tempo e no espaço e a difusão espacial e temporal dos modelos literários. (Jakobson, 2001, p.120)

Com essa afirmação, temos que Jakobson, e o Funcionalismo de modo geral, tem na finalidade de cada conduta verbal o aspecto central que conduz as pesquisas linguísticas. Além disso, ele aproxima decisivamente os estudos poéticos dos linguísticos, em contraponto a certos linguistas, tal como Chomsky, que restringem o campo de estudos da Linguística, colocando, por exemplo, a sentença como o limite máximo para a análise o que, de certa forma, exclui exatamente os textos literários do escopo de análise. E isso também ocorre quando se impõe à análise somente questões gramaticais, questões não-semânticas de formas externas, etc. Assim Jakobson critica essas limitações impostas à Linguística e, como dissemos mais acima, aproxima estes dois campos, incluindo a Poética na Linguística. Essa inclusão leva Jakobson a produzir várias análises de poesias e, para isso, ele discute alguns conceitos e, dentre esses conceitos, nos interessa, nesse momento, discutir o modo como ele pensa a língua, pois ele, ao analisar os poemas, prende-se na análise de detalhes pormenorizados de cada poema, privilegiando exclusivamente os aspectos linguísticos, na medida em que ele se atém a aspectos relativos à forma, observando as relações fonéticas em relação às relações de sentido (semânticos).

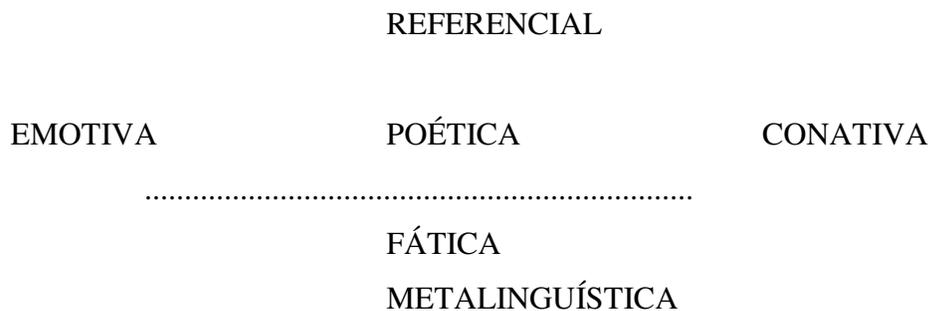
Para observarmos o que é a língua para Jakobson, temos, em primeiro lugar, a questão das funções da linguagem. Ele coloca a importância de se estudar todas as funções, em contrapartida a certos linguistas, tal como Chomsky, que não levam em conta elementos emotivos nos estudos linguísticos, isto é, alguns linguistas acreditam que a função emotiva não é de interesse para a Linguística, enquanto que para Jakobson ela é de fundamental importância. Por isso ele retoma todos os elementos que constituem o processo linguístico.

O remetente envia uma mensagem ao destinatário. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um contacto, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. (Jakobson, 2001, p.123)

O que, esquematicamente, temos:



E, conforme há um aspecto dominante dentre esses elementos é que teremos a estrutura verbal de uma mensagem. Desse modo temos as funções assim apresentadas:



Ou seja, se a mensagem for centrada no remetente, temos a função emotiva ou expressiva; se a mensagem for centrada no destinatário, temos a função conativa; a mensagem centrada no contato é a que nos traz a função fática; a função metalinguística é

aquela que está centrada no próprio código; a mensagem que está centrada no contexto possui a função referencial e, por fim, a mensagem que está centrada na própria mensagem, é a função poética. Jakobson reafirma que em cada mensagem é possível encontrar mais de uma função, mas que podemos classificar a mensagem conforme o tipo de função que é colocado em destaque, podendo ser qualquer uma dessas seis funções.

Colocado dessa forma, podemos observar que a língua, em seu funcionamento, necessita da intenção do remetente, que irá centrar a mensagem em um dos elementos do processo linguístico. Com isso temos que, entre outras coisas, a função poética da linguagem é estabelecida conforme o poeta faz uso da linguagem, o que leva Jakobson a estudar a vida de alguns poetas, e também reafirma a importância do estudo dessa função, levando em conta que:

Essa função não pode ser estudada de maneira proveitosa desvinculada dos problemas gerais da linguagem, e, por outro lado, o escrutínio da linguagem exige consideração minuciosa da sua função poética. Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora. A função poética não é a única função da arte verbal, mas tão-somente a função dominante, determinante, ao passo que, em todas as outras atividades verbais ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário. Com promover o caráter palpável dos signos, tal função aprofunda a dicotomia fundamental de signos e objetos. Daí que, ao tratar da função poética, a Linguística não possa limitar-se ao campo da poesia. (Jakobson, 2001, p.128)

Com isso, ele faz uma crítica aos estudos linguísticos que limitam a função poética simplesmente ao estudo da poesia, pois, para ele, essa função pode estar em toda e qualquer mensagem e, além disso, traz uma grande diferenciação entre os signos e os objetos, levantando questões importantes para o estudo da linguagem em geral. Desse modo temos também que a função poética aparece de forma acessória em toda atividade verbal, o que, novamente, aparece como uma crítica à função poética se colocar somente ao se estudar a poesia.

Outro aspecto que queremos apresentar nesse momento a respeito do conceito de língua para Jakobson se dá a partir da leitura do artigo “À Procura da Essência da Linguagem”, presente no livro *Linguística e Comunicação* (2001), em que ele produz uma reflexão sobre a língua. Para isso ele retoma alguns autores, tais como Leonard Bloomfield e Wilhelm von Humboldt, que consideram fundamental o estudo da relação entre o som e o sentido. Por isso ele tece uma crítica à consideração de que foi Saussure quem colocou essa relação nos estudos linguísticos. Ou, conforme as próprias palavras de Jakobson:

O total esquecimento em que, entretanto, o haviam deixado os linguistas do passado recente, pode ser ilustrado pelos frequentes louvores dirigidos à pretensa novidade da interpretação que Ferdinand de Saussure fez do signo, particularmente do signo verbal, como unidade indissolúvel de dois constituintes – o significante e o significado –, quando essa concepção, como também a terminologia na qual se exprimia, fora inteiramente retomada da teoria dos estoicos, a qual data de mil e duzentos anos atrás. (Jakobson, 2001, p.98)

Mas, apesar dessa crítica, ele também se interessa por essa relação entre significante e significado e que essa relação compõe o signo verbal. Levando em conta a tese de que a língua é uma instituição social, ou seja, a língua é uma convenção entre os indivíduos de um determinado lugar, o que Jakobson vem a discutir é o postulado de Saussure de que essa relação é arbitrária. Esse postulado é aceito por muitos linguistas, porém não é uma unanimidade. E Jakobson se posiciona junto a esses linguistas que consideram a relação entre significante e significado como não sendo arbitrária, retomando alguns posicionamentos, tais como o de E. Benveniste:

E. Benveniste colocou em relevo o fato de importância crucial de que somente ao olhar do observador desligado, estranho, é que o liame entre o significante e o significado constitui uma simples contingência, pois para quem utiliza a mesma língua materna, tal relação se torna uma necessidade. (Jakobson, 2001, p.103)

Além de Benveniste, neste artigo ele também retoma Peirce:

Um dos traços mais importantes da classificação semiótica de Peirce reside na perspicácia com que ele reconheceu que a diferença entre as três classes fundamentais de signos era apenas uma diferença de lugar no seio de uma hierarquia toda relativa. Não é a presença ou a ausência absolutas de similitude ou de contiguidade entre o significante e o significado, nem o fato de que a conexão habitual entre esses constituintes seria da ordem do fato puro, que constituem o fundamento da divisão do conjunto de signos em ícones, índices e símbolos, mas somente a predominância de um desses fatores sobre os outros. É assim que esse sábio fala de “ícones para os quais a semelhança é assistida por regras convencionais”; (Idem, p.103 e 104)

(...)seria difícil, se não impossível, citar um exemplo de índice absolutamente puro, assim como encontrar um signo que seja completamente desprovido de qualidade indicativa. (Peirce apud Jakobson, 2001, p.104)

E através de um diálogo com os estudos desses pensadores, Jakobson observa na própria reflexão saussuriana uma possibilidade de relativização neste caráter arbitrário da língua, pois

O próprio Saussure atenuou seu “princípio fundamental do arbitrário” distinguindo em cada língua aquilo que é “radicalmente” arbitrário daquilo que só o é “relativamente”. Ele atribuiu a esta última categoria os signos que podemos dissociar segundo o eixo sintagmático em constituintes identificáveis segundo o eixo paradigmático. (Jakobson, 2001, p.109)

Dessa forma Jakobson traz vários exemplos para demonstrar uma ligação entre significante e significado. Um dos exemplos que ele estuda e que vamos aqui mostrar, a título de ilustração, é quanto às palavras inglesas *father*, *mother*, *brother*. Essas palavras, que identificam graus de parentesco, possuem uma sonoridade parecida, ou seja, pode-se dizer que parece haver uma ligação entre o aspecto sonoro (do significante) com o aspecto semântico (do significado). Essa aproximação de som e sentido também é verificada em outras palavras da língua inglesa e em outras línguas que ele observa.

Desse modo, pensando esses dois aspectos que levantamos sobre o modo como Jakobson pensa a língua, podemos dizer que, para ele, a língua é motivada, isto é, a relação entre significante e significado não é simplesmente arbitrária e, além disso, é usada conforme o objetivo que o remetente possui ao enunciar algo. Pensando a língua desse modo, a análise de poemas ganha uma grande amplitude, pois o estudo da coordenação entre certos sons e certas significações, levando em conta o modo como o poeta faz essas ligações, faz com que se entenda melhor o funcionamento da língua, em especial a sua função poética.

Assim, levando em conta a sua concepção de língua, Jakobson produziu várias análises de poemas, os quais o colocam como um dos principais nomes do mundo quando o assunto é a análise de poesias. Por isso é de suma importância observarmos o modo como ele produz estas análises, já que isso pode nos mostrar quais os aspectos que ele considera relevantes nos poemas, além de estabelecer, a partir desses aspectos que ele observa, uma visão do que seja a poesia. Para tanto, vamos comentar uma dessas análises, em que ele, juntamente com Claude Lévi-Strauss, analisa o poema “Les Chats”⁴, de Baudelaire.

Nessa análise, Lévi-Strauss e Jakobson começam com um comentário a respeito da união de um etnólogo e de um linguista para a análise de um poema. Para eles, nas obras poéticas existem estruturas que se assemelham às estruturas dos mitos, ou seja, o estudo da poesia pode trazer elementos para se entender melhor os mitos, já que possuem estruturas semelhantes. Em contrapartida eles comentam que os mitos também são obras de arte e que, por isso, provocam sentimentos estéticos, tal qual a poesia. Com isso, levantam a

⁴ Apresentamos aqui o Poema “Les Chats” e a tradução para o português feita por Pietro Nassetti:

“Les Chats

Les amoureux ferventes et les savants austères / Aiment également, dans leur mûre saison, / Qui comme eux sont frileux et comme eux sédentaires. / Amis de la science et de la volupté, / Ils cherchent le silence et l'horreur des ténèbres; / L'Érèbe les eût pris pour ses coursiers funèbres, / S'ils pouvaient au servage incliner leur fierté. / Ils prennent en songeant les nobles attitudes / Des grands sphinx allongés au fond des solitudes, / Qui semblent s'endormir dans un rêve sans fin; / Leurs reins féconds sont pleins d'étincelles magiques, / Et des parcelles d'or, ainsi qu'un sable fin, / Étoilent vaguement leurs prunelles mystiques.”

“Os Gatos

Os amantes febris, os sábios solitários / Amam de modo igual, na idade da razão, / Este orgulho da casa, os fortes gatos da mansão, / Pois, bem como eles, são frios e sedentários. / Amigos da volúpia e amigos da ciência, / Buscam a calma e o horror das trevas mais cruéis; / O Érebo tê-los-ia por seus fatais corcéis, / Se pudessem mudar orgulho em obediência. / Adotam ao sonhar as nobres atitudes / De enorme esfinge a olhar além das solitudes, / A adormecer num sonho e que jamais termina; / Os seus fecundos rins têm mágicas cintilas, / E partículas de ouro, como areia fina, / Estrelam vagamente as místicas pupilas.”

questão de que esses dois objetos de estudo, os mitos e as poesias, não são, na verdade, um só objeto.

Essa colocação inicial vai ao encontro de afirmações anteriores, em que ele deixava a poesia e os mitos como categorias diferentes, pelo motivo de que o mito é interpretado apenas pelo seu nível semântico, enquanto que a poesia possui diversos níveis para a interpretação. Apesar dessa distinção em métodos de análise, ele aposta nessa união de disciplinas diferentes como um modo complementar para se produzir análises. Do modo como está posto por Lévi-Strauss, e pelo artigo ter sido desenvolvido em parceria com Jakobson, já temos uma observação de que uma obra poética se estabelece como uma obra de arte e, além disso, a análise de poemas é de suma importância não só para os estudos linguísticos, como também para outras áreas.

Assim, como ponto de partida para a análise, eles observam o modo como estão estruturadas as rimas, que obedecem a um esquema pré-estabelecido aBBa CddC eeFgFg. A separação que apresentam entre maiúsculas e minúsculas é para marcar o gênero das palavras que compõem a rima, o que já traz a observação de que, na estrutura deste soneto, a gramática e a rima possuem um papel relevante. Juntamente com os gêneros, temos uma análise quanto à classe gramatical das palavras que compõem as rimas e as rimas internas, e, além disso, ao estudar as classes gramaticais, há uma atenção especial para os verbos, a conjugação e a distribuição deles pelo soneto. Outro ponto que eles analisam é a sintaxe, principalmente no que diz respeito ao paralelismo sintático existente entre os dois quartetos e os dois tercetos, levando em conta as conjunções coordenadas ou subordinadas presentes nas estrofes.

Outra questão que eles analisam é quanto a divisão do soneto, pois, graficamente e pelas rimas, temos dois quartetos e dois tercetos, mas devido a diferenças no que concerne a conjugação verbal e outras questões sintáticas e morfológicas, Lévi-Strauss e Jakobson sugerem uma outra divisão para o soneto: uma sextilha, um dístico e outra sextilha. Isso porque:

Todas as formas pessoais dos verbos e dos pronomes e todos os sujeitos das proposições verbais estão no plural em todo o soneto, menos no sétimo verso – O Érebo tê-los-ia por seus fatais corcéis – que contém o único nome próprio do poema, e o único caso em que o verbo no modo

pessoal e seu sujeito estão no singular. Por outra parte, é o único verso em que o pronome possessivo remete ao singular.

A terceira pessoa é a única pessoa utilizada no soneto. O único tempo verbal é o presente, salvo nos versos sétimo e oitavo, em que o poeta considera uma ação imaginada (tê-los-ia) que surge de uma premissa irreal (se pudessem) (Lévi-Strauss & Jakobson, 1970, p.12)⁵

Também há uma minuciosa análise dos aspectos fônicos do soneto, observando a reincidência de alguns fonemas e também o destaque, no soneto, de vogais nasais. Além disso, também observam os sons das consoantes, especialmente o som dos /R/ e dos //, em que percebem que

O caráter áspero de todo /r/, e particularmente do /r/ francês, com relação ao *glissando* da //, surge claramente da análise acústica destes fenômenos no recente estudo de M.Durand; a retirada das /r/ diante das // acompanha eloquentemente o passo do felino real a suas transfigurações fabulosas. (Lévi-Strauss & Jakobson, 1970, p.16)⁶

Ou seja, temos aqui, na análise, o som sendo utilizado para se dar um determinado sentido, o que fica mais evidente quando lembramos que o título do poema é “Les Chats”, isto é, os gatos. Então eles observam em várias passagens do poema outros sons que possam estar relacionados a sons relativos aos gatos. Juntamente com isso, a análise busca observar com quais palavras “gatos” se relaciona e, a partir dessa observação, chegar a compreender o que seja “gato” na concepção de Baudelaire, ou, pelo menos, nesse seu poema. Temos então, inicialmente, uma identificação dos gatos com características de dois

⁵ Tradução nossa, no original: “Todas las formas personales de los verbos y de los pronombres y todos los sujetos de las proposiciones verbales están en plural en todo el soneto salvo en el séptimo verso – L’Érebe tes eût pris pour ses coursiers fúnebres – que contiene el único nombre propio del poema, y el único caso en que el verbo en modo personal y su sujeto están en singular. Por otra parte, es el único verso en que el pronombre posesivo (ses) remite al singular.

La tercera persona es la única persona utilizada em el soneto. El único tempo verbal es el presente, salvo en los versos séptimo y octavo, en que el poeta considera una acción imaginada (eût pris) que surge de una premissa irreal (S’ils pouvaient).”

⁶ Tradução nossa, no original: “El carácter áspero de toda /r/, y particularmente de la /r/ francesa, con relación al *glissando* de la //, surge claramente del análisis acústico de estos fenómenos en el reciente estudio de M.Durand; la retirada de las /r/ ante las // acompaña elocuentemente el paso del felino empírico a sus transfiguraciones fabulosas.”

tipos de seres humanos, passando por uma associação a uma condição animal, que, segundo os autores do estudo, é rechaçada devido às diferenças na composição gramatical desse quarteto quanto ao resto do soneto, ou seja, além da questão de se observar o sentido por sua relação com o som, temos esta relação do sentido com questões gramaticais, já que a diferença gramatical marca a diferença de sentido dada a gato. Segundo os autores

No decorrer de toda a peça, é a única equivalência rechaçada. A composição gramatical desta passagem contrasta claramente com a das demais estrofes, revela seu caráter insólito: modo irreal, falta de epítetos qualificativos, um sujeito inanimado no singular, desprovido de todo determinante e que rege um objeto animado no plural. (Lévi-Strauss & Jakobson, 1970, p.21)⁷

Depois desta recusa de apresentá-lo como um simples animal, temos uma nova identificação, em que o gato é relacionado com uma esfinge, ou seja, a um ser mitológico com cabeça humana e corpo de animal. Segundo os autores, o poema vai apresentando uma metamorfose do gato, através de relações metafóricas e metonímicas, até que se apresenta como mulher. Assim, através de uma análise minuciosa de cada aspecto gramatical, fonético e estrutural, os autores fundamentam o aspecto semântico, produzindo esta interpretação em que a imagem do gato, personagem principal do poema, é ligada à imagem da mulher.

Observando esta análise, podemos dizer que a análise linguística de um poema realmente pode trazer uma valiosa contribuição tanto para os estudos literários quanto para os estudos linguísticos, já que é um lugar em que vários aspectos linguísticos podem ser observados.

2.4 – Análise da palavra Poesia em Jakobson

Uma última observação que iremos fazer na obra de Jakobson é através do DSD da palavra poesia. Para este estudo, iremos retomar o artigo “Linguística e Poética”, presente

⁷ Tradução nossa, no original: “En el curso de toda la pieza, es la única equivalencia rechazada. La composición gramatical de este pasaje, que contrasta netamente con la de las demás estrofas, revela su carácter insólito: modo irreal, falta de epítetos calificativos, un sujeto inanimado en singular, desprovisto de todo determinante y que rige un objeto animado en plural.”

no livro *Linguística e Comunicação* (2001). Nesse artigo, temos a palavra *poesia* sendo usada por várias vezes:

7- *Ouvimos dizer, às vezes, que a Poética, em contraposição à Linguística, se ocupa de julgamentos de valor. Esta separação dos dois campos entre si se baseia numa interpretação corrente, mas errônea, do contraste entre a estrutura da poesia e outros tipos de estrutura verbal.* (p.120)

Temos, nesse recorte, uma reescritura de estrutura da poesia por estrutura verbal, na qual há uma generalização de poesia por verbal, ou seja, estrutura verbal determina estrutura da poesia, na medida em que a poesia é uma estrutura verbal. Além disso, temos, inicialmente, uma relação de antonímia entre Poética e Linguística, porém essa relação de antonímia é desfeita logo após, através da articulação com a palavra errônea, ou seja, Poética e Linguística são apresentadas em uma relação de antonímia, mas essa relação é considerada por Jakobson como errada. Sendo assim temos somente que a estrutura da poesia é determinada por estrutura verbal. E, nessa medida, também temos que *Poética* também é determinada por *Linguística*, por conta de que esta é o estudo de todas as estruturas verbais, incluindo a estrutura da poesia, já que esta é uma estrutura verbal.

8- (...) *sobre a poesia polonesa moderna.* (p.120)

9- *Na poesia clássica chinesa* (p.134)

10- *Na poesia épica sérvia* (p.140)

Nesses recortes, o que temos é a palavra *poesia* articulada a expressões que a especificam por nacionalidades diferentes. Além disso, temos que em cada um desses recortes a *poesia* ganha especificações diferentes as quais podemos dizer que são estilos diferentes, no caso ela é determinada por *moderna*, *clássica* e *épica*. Com isso, podemos dizer que há vários tipos de poesia e isso acaba por trazer sentidos diferentes, o que veremos depois de analisar os outros recortes.

11- *Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora. A função poética não é a única função da arte verbal.* (p.128)

- 12-(...) *Daí que, ao tratar da função poética, a Linguística não possa limitar-se ao campo da poesia. (idem)*
- 13- *Conforme dissemos, o estudo linguístico da função poética deve ultrapassar os limites da poesia, e, por outro lado, o escrutínio linguístico da poesia não se pode limitar à função poética. (...) A poesia épica, centrada na terceira pessoa, põe intensamente em destaque a função referencial da linguagem; a lírica, orientada para a primeira pessoa, está intimamente vinculada à função emotiva; a poesia da segunda pessoa está imbuída de função conativa e é ou súplice ou exortativa, dependendo de a primeira pessoa estar subordinada à segunda ou esta à primeira. (p.129)*
- 14- *Poesia e metalinguagem, todavia, estão em oposição diametral entre si; em metalinguagem, a sequência é usada para construir uma equação, ao passo que em poesia é usada para construir uma sequência. (idem)*
- 15- *Em poesia, e, em certa medida, nas manifestações latentes da função poética, sequências delimitadas por fronteiras de palavra se tornam mensuráveis, quer sejam sentidas como isocrômicas ou graduais.(ibidem)⁸*
- 16- (...) *tão logo a função poética deixe de estar arbitrariamente confinada ao domínio da poesia. Os versos mnemônicos citados por Hopkins, os modernos jingles de propaganda, e as leis medievais versificadas, mencionadas por Lotz, ou, finalmente os tratados científicos sânscritos em verso, que a tradição indiana distingue estritamente da verdadeira poesia (kavya) – todos esses textos métricos fazem uso da função poética sem, contudo, atribuir-lhe o papel coercitivo, determinante, que ela tem na poesia. Dessarte, o verso de fato ultrapassa os limites da poesia; (p.131)⁹*
- 17- *Na antiga Índia e na Idade Média latina, a teoria literária distinguia com precisão dois pólos da arte verbal, (...). (p.155)*
- 18- *Esta minha tentativa de reivindicar para a Linguística o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda a sua amplitude (...). (p.161)*

Em um primeiro momento, vamos nos ater ao recorte 14, por ele apresentar algumas indicações que se mostram decisivas para a nossa análise. Nesse recorte, a palavra *poesia*

⁸ No decorrer do texto, em várias passagens, temos a palavra poesia aparecendo dessa forma “em poesia”. Por isso só iremos colocar nos recortes se houver mais casos que possam trazer maior relevância para a nossa análise.

⁹ Isso também ocorre em outras formas, tais como “na poesia”, “da poesia”, “a poesia”

aparece em uma relação de antonímia a *metalinguagem*. E, além disso, temos que *poesia* aparece em uma relação de determinação com *sequência*, isto é, *poesia* determina *sequência* e, por outro lado, *metalinguagem* determina *equação*, o que nos traz o seguinte DSD da palavra *poesia*:

Poesia ┆ sequência
Metalinguagem ┆ equação

Nos outros recortes, temos que, no recorte 15, ela é determinada pelo *em*. Nos outros recortes, está sempre em uma expressão referencial, sendo determinada pelo artigo *a*, em alguns casos com a contração desse artigo com a preposição *de* (*da*) e, em outras, com a contração do artigo *a* com a preposição *em* (*na*). Temos, no recorte 13, novamente *poesia* sendo caracterizada por estilos diferentes e que, em cada um desses estilos, são mobilizadas funções diferentes, isto é, conforme é a poesia diferente, é a função principal utilizada. Isso, por sua vez, traz que a poesia pode ser determinada por qualquer função, porém temos a função poética em uma relação de articulação com poesia funcionando nos recortes de um modo em que ambas se co-determinam, ou seja, a função poética determina poesia mas também é determinada por esta, porém temos que função poética e poesia não coincidem. O *ultrapassar* do predicado em 13 marca claramente isso. Pode-se assim pensar na seguinte relação e determinação do sentido de poesia:

Função poética ┆ poesia

No recorte 14, há uma relação de antonímia funcionando entre Poesia e Metalinguagem. Por outro lado *poesia* é reescrita por *arte verbal*. E aqui, lembrando a

análise do recorte 7, em que *estrutura verbal* determina *estrutura da poesia*, temos uma relação entre o verbal e a poesia, enquanto que pela reescrituração em 11 também temos uma relação da *poesia* com a arte, o que nos leva a considerar a seguinte relação de determinação:

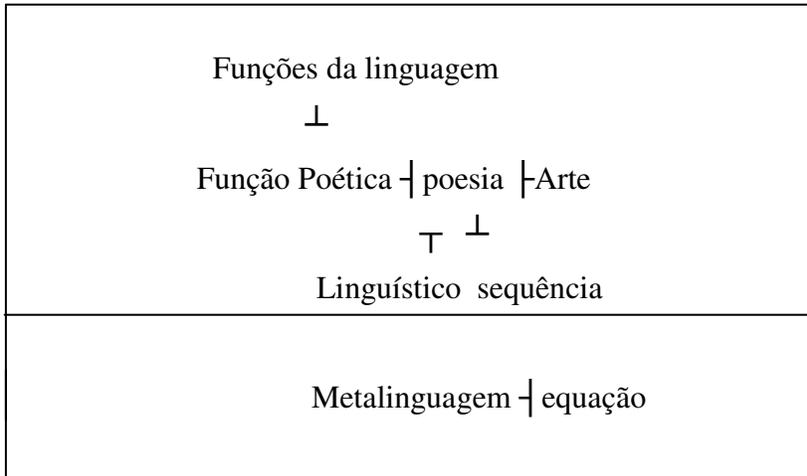
Arte ⊢ poesia

E na medida em que poesia é arte verbal

Arte ⊢ poesia ⊢ linguístico

Mas, em correlação com isso, também temos que a *função poética*, pela articulação predicativa em 13, não é a única função encontrada na *arte verbal*. Ou seja, temos também que a função poética não é a única da arte verbal, do mesmo modo que ela não é a única função da poesia. E ainda podemos observar que poesia e função poética não estão em uma relação de sinonímia.

Além disso, temos, no recorte 16, uma articulação de *poesia* com *verdadeira*, o que estabelece algo como não sendo a poesia verdadeira. E o que é este algo? Seriam, conforme a enumeração feita no recorte, vários tipos de textos, tais como jingles modernos, as leis medievais versificadas, que, de alguma forma, utilizam-se da função poética. Ou seja, temos que a poesia possui a função poética e, inclusive, a função é determinante para a poesia, mas a função poética também está presente em outras estruturas verbais, o que traz a questão de que não basta a função poética para que uma estrutura verbal seja uma poesia. Por isso podemos pensar que a “falsa” poesia seria aquela estrutura verbal que utiliza a função poética, mas não como papel determinante. Sendo assim, com as análises que fizemos, podemos pensar o DSD da palavra *poesia* da seguinte forma:



Obs.: ler ⊥ Determina e ————— como antônimo

Essa configuração acaba por apresentar, da mesma forma que nos estudos de Bakhtin, a poesia sendo determinada por arte, isto é, temos uma relação muito particular entre a poesia e a arte nesses dois cientistas da linguagem. Por outro lado, mesmo colocando a poesia como arte, não se tem aqui uma especificação do que seja a arte, ou seja, Jakobson até especifica um lugar para a poesia, mas não conceitua qual é esse lugar. Porém temos que, em Jakobson, a poesia possui uma importância privilegiada, por se tratar de uma espécie de linguagem, uma estrutura verbal, todo linguista “pode e deve incluir a poesia no âmbito de seus estudos” (Jakobson, 2001, p.162). E isso se deve, como já dissemos, por ser a poesia um lugar privilegiado para se estudar a relação entre som e sentido, algo fundamental para quem se interessa pelos estudos da linguagem. Mas, apesar de ser situada nesse lugar específico, não temos, nesse pensador, uma conceituação específica do que seja a poesia. Em Bakhtin teríamos aqui a teoria do ascenso e do descenso. E, novamente pensando a ligação que Jakobson faz entre poesia e arte, em suas análises há uma contemplação exclusiva de aspectos linguísticos, tais como sintáticos, morfológicos, semânticos, etc. a partir do estudo da ligação entre som e sentido. Ou seja, em análises de poemas, como no caso de Les Chats, ele produz uma análise linguística, deixando o aspecto artístico de lado. Mas, qual é este aspecto artístico? Segundo Jakobson, juntamente com Lévi-Strauss, o artístico é o que desperta profundas emoções estéticas. E

este aspecto, na linguagem verbal, seria criado pelo modo como o poeta mobiliza a língua, tendo como função predominante a função poética.

Assim, temos que Jakobson, ao colocar a função poética no funcionamento linguístico, esvazia o conceito de poesia, tirando toda a especificidade do que seja o poético. Isso ocorre na medida em que ele retira de suas análises o aspecto artístico, as emoções estéticas, concentrando exclusivamente nos aspectos linguísticos. E isso o coloca, do mesmo modo do que Bakhtin, em uma posição diferente da posição que elegemos como fio condutor de nosso trabalho, que é a separação da linguagem ordinária e a linguagem não-ordinária. Em Jakobson, por não fazer essa distinção entre as linguagens, há uma certa contradição operando no modo dele considerar a poesia, pois ela é, ao mesmo tempo, um lugar privilegiado para estudos linguísticos, porém, ao colocá-la nesse lugar, o que temos é uma descaracterização do que é poesia. E isso podemos ver na análise em que ele, juntamente com Lévi-Strauss, faz do poema *Les Chats*, em que a análise feita é somente linguística, sem levar em conta o poético, o que tem a ver com essa descaracterização da poesia, já que essa não tem algum estatuto que possa se diferenciar dentro da língua.

2.5 - Considerações Gerais

Então, mesmo colocando a poesia em um lugar privilegiado para os estudos linguísticos, não se produz uma especificidade na conceituação, o que nos leva a pensar, devido as análises que fizemos até o momento, que, mesmo com o interesse e a necessidade epistemológica de se colocar a poesia nos estudos linguísticos, de modo geral há uma dificuldade em conceituá-la, até mesmo para se produzir análises.

Assim, retomando o que vimos neste capítulo, temos que para Bakhtin e para Jakobson a poesia está, de algum modo, relacionada com a arte, porém para cada um desses autores, a conceituação de arte aparece de modo diferente, pois, para Bakhtin, é um lugar específico que transita entre o ascenso e o descenso, enquanto que para Jakobson o que temos é essa relação entre poesia e arte, mas que, ao fazer análises de poesias, este aspecto artístico é deixado de lado e o que temos é uma análise linguística.

Capítulo 3

O. Ducrot e E. Benveniste: a Poesia e a Enunciação

Neste capítulo vamos tratar de dois linguistas que colocaram, em suas pesquisas, a questão da enunciação como central em seus estudos. Deste modo iremos analisar, em um primeiro momento, o pensamento de O. Ducrot fazendo entrar aqui a última versão de sua teoria, a teoria dos Blocos Semânticos. Após a análise desta teoria, passaremos a uma análise da obra de E. Benveniste, observando alguns conceitos e formulações que possam indicar como este linguista trata a questão da poesia em seu pensamento. Esta questão aparece, inclusive, por um problema que se apresenta pelo modo como ele teoriza o funcionamento dos sistemas semiológicos.

3.1 – A Poesia em Ducrot

Em suas pesquisas linguísticas, Ducrot tem como questão central a teoria da argumentação na língua¹⁰. Com este propósito ele apresenta algumas reflexões de grande interesse científico e que colocam a tese de que a argumentação está na língua e que a poesia não é argumentativa. Esta questão levantada por ele já coloca em posição de destaque uma relação da poesia com a língua que a deixa, à primeira vista, sem um lugar específico, questão apresentada em nosso trabalho de mestrado. Em alguns de seus trabalhos (1984, por exemplo), O. Ducrot apresenta algumas reflexões, considerando que, para ele, a língua possui uma série de morfemas que possuem a propriedade de incluir a frase em uma escala e, deste modo, autorizar ou não certas continuidades. E, entre os argumentos apresentados, estes morfemas indicam qual possui maior força argumentativa, colocando-os em uma escala, o que ele nomeou por escalas argumentativas.

Um outro conceito importante dentro de sua teoria é o de polifonia, com que Ducrot critica o postulado segundo o qual: “cada enunciado possui um, e somente um autor.” (Ducrot, 1987, p.161). Assim ele apresenta o ser responsável pelo enunciado (Locutor) e

¹⁰ Quanto a este aspecto, ver Ducrot (1972, 1973, 1989, 1990), Anscombe, j-c e Ducrot, o. (1976) e García negroni, M.M (1998 e 2006)

outras vozes presentes no enunciado que não são as do locutor, as quais Ducrot chama de enunciadores, e que surgem na enunciação.

Ducrot apresenta, após a elaboração da teoria da polifonia, a teoria dos ‘topoi’ argumentativos, que são princípios que autorizam ou não certas continuidades a um enunciado. E, no momento que ele elabora esta teoria, ele afirma que a poesia não está na língua.

Ao levantarmos esta questão em um trabalho anterior (Silva, 2006), passamos a estudar toda a teoria ducrotiana, observando o modo como ele relaciona os seus conceitos com a poesia, levando em conta que ele usa, para exemplificar algumas questões linguísticas, trechos de obras do teatro francês clássico, que é escrito em forma de poesia. Ou seja, em um primeiro momento, nos detivemos na análise dos textos de O.Ducrot, buscando compreender, a partir de seus conceitos linguísticos, em qual medida a poesia é posta em um lugar diferente da língua, e qual é esse lugar. Além disso, produzimos algumas análises a partir do método ducrotiano de análise. Estas análises incidiram sobre enunciados retirados de poesias e de textos não-poéticos, em busca de verificar qual o alcance e quais as possíveis diferenças que a sua análise pode ter nesses diferentes tipos de enunciado. Como resultado, percebemos que não há diferença ao se analisar um enunciado poético e um enunciado não-poético, a partir da teoria de O.Ducrot. Após esta análise, passamos a observar o sentido da palavra poesia em seus textos, valendo-nos da teoria do Domínio Semântico de Determinação (DSD), teoria que comentamos no capítulo 1 desse nosso trabalho.

Passando a analisar os seus conceitos, vemos que ele estabelece uma distinção muito precisa entre a enunciação, frase e enunciado, texto e discurso, sendo que a separação entre poesia e língua se dá no modo como ele pensa a relação da língua com a enunciação e o lugar do discurso nesta relação. E assim ele acaba por colocar a poesia na enunciação, ou seja, conforme se dá a enunciação é que temos a argumentação ou a poesia. Isto porque ele

faz um gesto de caracterização muito particular, ressaltando a diferença da argumentação, que possui um caráter mais geral, e a poesia, que possui um caráter mais pessoal. Assim, podemos pensar que, no recorte que estudamos da teoria ducrotiana, principalmente a teoria da polifonia e dos topoi argumentativos, a poesia aparece para

melhor caracterizar o aspecto de que a língua possui valor argumentativo. (Silva, 2006, p.90).

Após a elaboração desta teoria, temos uma grande ruptura quanto ao caminho que a pesquisa estava se configurando, além de uma mudança no principal colaborador de suas pesquisas, passando de J.-C. Anscombre para Marion Carel. E qual é este caminho cuja direção é modificada? Enquanto estava, juntamente, com Anscombre, elaborando a teoria dos ‘Topoi’ Argumentativos, Ducrot acaba por incluir em seus estudos fatores externos à língua para justificar as descrições apresentadas a respeito da argumentação na língua. E isso fazia com que ele, em alguma medida, se afastasse do projeto estruturalista de não incluir algo externo à língua para descrevê-la, mesmo que, de certo modo, ele acabava por sustentar o inverso, ou seja, ele, mesmo se colocando contra a inclusão do externo à língua, acabava incluindo algo externo à língua na sua descrição.

Essa constatação se dá ao estudar o paradoxo, ou, mais exatamente, as “expressões socialmente paradoxais”. Como exemplo, Ducrot e Carel discutem enunciados como “Ele trabalhou um pouco, ele vai ser bem-sucedido, então” e “Ele trabalhou pouco, ele vai ser bem-sucedido, então”, em que os dois são dizíveis, porém há um certo ar de paradoxo entre eles. Para explicar estes enunciados foram construídos os conceitos de “topos” e de “forma tópica”, porém, com esses conceitos, “se introduzia na semântica da palavra ‘trabalho’ ‘crenças’ como ‘o trabalho cansa’, ou ‘o trabalho conduz ao sucesso’, crenças às quais se atribui o papel de fundar as argumentações possíveis a partir dos enunciados nos quais esta palavra intervém.” (Carel e Ducrot, 2001, p.9). Ou seja, algo externo à língua é que determinaria a significação da palavra trabalho, neste caso. E isso acontece na descrição de todas as palavras. Então Ducrot passa a trabalhar essa questão através da teoria da polifonia, em que há a presença de enunciadore, ”que colocam os topoi incluídos na significação desta palavra” (idem). Essa solução coloca-se como facilmente aceita na semântica atualmente, mas para Ducrot e Carel

Razões de coerência interna nos obrigam, no entanto, a recusá-la, porque ela repousa em uma concepção referencialista da predicação (“predicar é atribuir uma propriedade a um objeto”): assim, o último enunciadore, no exemplo do trabalho que descansa, declararia repousantes as atividades referidas a partir das crenças expressas pelo

primeiro. É o referente que coloca em relação os dois enunciadores. Ora, a semântica que queremos construir se pretende puramente discursiva, e não pode fazer intervir, em suas descrições, objetos extralinguísticos, notadamente a realidade da qual se supõe que o discurso fale. (Carel e Ducrot, 2001, p.10)

Assim, há a constatação da necessidade da mudança no rumo das pesquisas e, por isso, Ducrot, juntamente com Carel, iniciam o estudo da Semântica dos Blocos Semânticos. Para tanto, estudam os discursos em Então (ET), opondo-se à ideia de que estes discursos são inferências ou, como dizem os autores, são logicistas. A partir do estudo de um exemplo e de variáveis deste mesmo exemplo, eles chegam à conclusão de que os discursos em ET estabelecem uma relação entre seus segmentos, porém a relação de interdependência das palavras é que estabelece a argumentação desses discursos, ou, conforme os próprios autores “Seus segmentos sintáticos se esclarecem mutuamente: se eles fazem sentido, é juntos. É esta forma de interdependência de suas palavras, e não uma relação de justificativa que, segundo nós, faz com que estes discursos sejam ‘argumentativos’.” (Carel e Ducrot, 2001, p.13)

Dessa forma são estabelecidos os discursos de aspecto normativo, que são os discursos “P ET Q”. Por outro lado, eles apresentam outra discussão a respeito dos discursos em No Entanto (NE), que, para os autores, são argumentativos tanto quanto os discursos em ET. Porém, enquanto os discursos em ET possuem um aspecto normativo, os discursos em NE possuem um aspecto transgressivo, “P NE NÃO-Q”. Os encadeamentos, assim apresentados, são postos como as unidades semânticas fundamentais, mas há mais distinções a serem feitas, entre elas a Argumentação Interna e a Argumentação Externa. Segundo os próprios autores:

Se a expressão estudada intervém em um dos encadeamentos do aspecto argumentativo que lhe é associado, se dirá que este aspecto deriva da ‘argumentação externa’ da expressão estudada. Se não, se dirá que ele deriva da sua ‘argumentação interna’. Isto nos permitirá descrever toda palavra ou enunciado pelos encadeamentos em ET ou em NE que tal palavra ou enunciado evoca. (Idem, p.15)

Em outros casos temos algumas argumentações que podem ser efetuadas pela língua ou pelo discurso, chamadas, no primeiro caso, de estrutural, enquanto o segundo é chamado de contextual. Assim, para o primeiro caso, temos: “Por exemplo, a língua mesma associa, de forma estrutural, *prudente* e ‘perigo ET precaução’: alguém prudente é, por definição mesmo, alguém que toma precauções quando há perigo” (Ibidem, p.18). Para entendermos o aspecto argumentativo contextual, tomemos o seguinte exemplo:

1 – Filhos de artistas são inteligentes

Neste caso, é o discurso que associa *filhos de artistas* e “filhos de artistas ET inteligente”, ou seja, é o discurso que define a argumentação, e não a língua.

A partir destes estudos, e com o acréscimo da negação dos segmentos, os autores definem os aspectos argumentativos em determinados blocos, os Blocos Semânticos. Dessa forma os encadeamentos argumentativos são assim apresentados:

P ET Q

P NE NEG-Q

NEG-P NE Q

NEG-P ET NEG-Q¹¹

Em que os segmentos P e Q estão relacionados do mesmo modo em cada encadeamento, enquanto que os encadeamentos

P ET NEG-Q

P NE Q

NEG-P ET Q

NEG-P NE NEG-Q

são aspectos que formam outro Bloco Semântico. A título de ilustração, reproduzimos logo abaixo um exemplo de Ducrot e Carel (2005, p.21)¹²:

1- P ET Q

O hotel está perto da Universidade, então é fácil chegar.

¹¹ Para melhor compreensão das abreviaturas usadas, temos P e Q como segmentos; ET = então; NE = no entanto; NEG = negação e a marcação com asterisco (*) significa que há um certo estranhamento no enunciado.

¹² A tradução é nossa

2- *P NE Q

O hotel está perto da Universidade, no entanto é fácil chegar.

3- *NEG-P ET Q

O hotel não está perto da Universidade, então é fácil chegar.

4- NEG-P NE Q

O hotel não está perto da Universidade, no entanto é fácil chegar.

5- *P ET NEG-Q

O hotel está perto da Universidade, então não é fácil chegar.

6- NEG-P ET NEG-Q

O hotel não está perto da Universidade, então não é fácil chegar.

7- P NE NEG-Q

O hotel está perto da Universidade, no entanto não é fácil chegar.

8- *NEG-P NE NEG-Q

O hotel não está perto da Universidade, no entanto não é fácil chegar.

Dessa forma, temos dois Blocos Semânticos, em que poderemos obter o valor semântico e argumentativo de determinada palavra ou expressão.

Assim apresentada a teoria dos Blocos Semânticos, voltamos agora à discussão sobre a questão da poesia em sua teoria. Como já dissemos, Ducrot levanta a diferenciação entre argumentação e poesia ao elaborar a teoria dos ‘Topoi’ Argumentativos e que, para Ducrot, a poesia encontra-se na enunciação para especificar a argumentação como possuindo um caráter mais geral e a poesia como um caráter mais pessoal. E também apontamos que Ducrot se utiliza vastamente de exemplos oriundos da poesia, principalmente do Teatro Clássico Francês, que é escrito em forma de versos.

Ao entrar na teoria dos Blocos Semânticos, podemos observar que há um movimento muito particular, em que questões estabelecidas a partir do estudo dos ‘topoi’ e a teoria da polifonia são deslocadas de seus estudos, o que acaba por modificar o modo como suas pesquisas são feitas, apesar de continuar, como questão central a argumentação na língua. Um outro detalhe que deve ser levado em conta é que também não há qualquer menção quanto ao que é Enunciação (lugar em que aparecia a poesia). Sendo assim podemos pensar que os autores não modificaram este conceito, utilizando a mesma

definição de um momento anterior da teoria. Porém, em momentos anteriores este conceito era invocado muitas vezes, possuindo uma importância central nos estudos argumentativos, o que na teoria dos Blocos Semânticos não ocorre. A partir desse deslocamento da enunciação, a qual ocupava um lugar central em seus estudos, observamos que ele deixa de mencionar questões relativas à poesia, inclusive sem nem utilizar a palavra *poesia* em seus textos nesta última forma dos estudos argumentativos.

3.2 – DSD da palavra Poesia em Ducrot

Para melhor compreendermos o DSD da palavra *poesia* em Ducrot, vamos trazer a análise que fizemos dessa palavra na obra de Ducrot em nossa dissertação de mestrado. Assim temos que no texto de Ducrot (1989), não encontramos a ocorrência da palavra *poesia*, mas encontramos a ocorrência da palavra *poético*, que, conforme veremos a seguir, apresenta-se como uma reescritura da palavra poesia. Assim, esta palavra aparece no seguinte recorte:

“o que é um outro aspecto da banalidade, do caráter fundamentalmente anti-poético da argumentação” (p.25)

Quanto ao procedimento de reescritura, neste recorte que fizemos do texto, não observamos nenhuma ocorrência. Mas, com relação ao procedimento de articulação, notamos que a palavra poético aparece diretamente determinada pelo prefixo *anti*, produzindo uma locução nominal que, nesta expressão referencial, predica a argumentação de uma forma contrária ao poético. Ou seja, através da articulação desta palavra com as outras nesta expressão, observamos que a argumentação se marca com uma característica anti-poética. Levando em conta a predicação de anti-poético para a argumentação, podemos apresentar o DSD de poético e argumentação da seguinte forma:

Poético
Argumentação

Obs.: ler a linha como oposição

Através desta análise chegamos, percorrendo um caminho diferente, ao ponto inicial de nossa pesquisa, que é a poesia ser posta em um lugar diferente da argumentação. Mas, para completar a nossa análise, passamos a verificar a ocorrência da palavra *poesia* no outro texto (Ducrot, 1990) que selecionamos para a nossa pesquisa. Apresentamos a seguir os trechos onde há ocorrência desta palavra:

“Mi segunda observación tiene que ver con la relación entre argumentación y poesía. La argumentación tal como la describo es totalmente contraria a la poesía o, en otros términos, para mí la poesía es un esfuerzo por expresar puntos de vista personales presentados como personales; por lo tanto el poeta en mi opinión busca expresar sentimientos con la pretensión de presentarlos como únicamente suyos. Esta ambición del poeta se opone a la ambición del argumentador que, por el contrario, busca hacer aparecer lo que dice como si fuera la reproducción de una creencia general. Esto no significa que un poema no pueda ser también argumentativo, en un poema puede haber pasajes argumentativos y aun más, en la poesía del siglo XIX tenemos ejemplos de poemas contruidos como una argumentación” (p. 103 e 104)

“Lo que quiero decir es que la poeticidad de esos poemas, su carácter poético, es totalmente contrario a la argumentación. De cierta manera esos poemas son argumentativos y poéticos al mismo tiempo, pero su poeticidad y su argumentatividad son dos aspectos separados” (p.104)

“*En mi concepción personal de la poesía, esta tiende a hacer sensible el carácter único de las cosas de las que se habla y es una ambición completamente opuesta a la de la argumentación*” (p.104)¹³

Observamos que, nas ocorrências da palavra *poesia* neste texto, ela está sempre em uma expressão referencial, sendo determinada pelo artigo definido *a*, ou, dito de outra forma, ela aparece sempre em um sintagma nominal, mostrando que, para Ducrot, a poesia possui uma característica de ser única. Mas, além disto, acreditamos que a poesia aparece como uma característica de certos textos. Então, passamos a verificar quais as articulações que as reescrituras de poesia possuem. Neste texto, ela aparece reescriturada pelas palavras *poeticidade* e por *caráter poético*. E, em todas as ocorrências, essas reescrituras predicam a palavra *poema*, ou seja, a poesia aparece como uma característica de certos poemas. E algo que nos chama a atenção neste ponto é que, nas articulações da palavra *poema*, ela também aparece determinada por argumentação. Ou seja, podemos dizer que o poema é, na terminologia ducrotiana, um discurso onde existem certas características, dentre elas a poeticidade e a argumentatividade. Deste modo observamos que o poema está posto no discurso. Uma outra observação que fazemos nesta análise é que a poesia é determinada por ponto de vista pessoal apresentado como pessoal, ou seja, a poesia é algo pessoal, enquanto a argumentação é tida como uma crença geral, ou, em outros termos, como algo universal. Além disso, temos ainda uma articulação da palavra *poesia* com a palavra *sensível*, em que esta, de certo modo, determina *poesia*. Assim, podemos pensar na possibilidade de que, além de ser um ponto de vista pessoal apresentado como pessoal, este ponto de vista possui a característica de ser sensível. Deste modo, podemos apresentar o DSD da palavra *poesia* da seguinte forma:

¹³ Retiramos os trechos do texto original, em espanhol, mas, para a nossa análise, utilizaremos as palavras traduzidas para o português.

Enunciação ┆ Poesia ┆ Pessoal T Linguagem não-ordinária
Linguagem ordinária ┆ Argumentação ┆ Universal

Além disso, podemos observar o modo como ele separa a linguagem ordinária da linguagem não-ordinária na teoria dos Blocos Semânticos. Podemos dizer que Ducrot é afetado pela distinção que observamos em Austin, isto é, ele também faz um certo recorte para seus estudos considerando somente a linguagem ordinária, deixando a linguagem não-ordinária em lugar fora de seus estudos. E, nesse caso, a linguagem ordinária tem a ver com a argumentação e com o que pode ser analisável pela ciência, retomando em um certo sentido o que aparece no Curso de Saussure, enquanto que a poesia fica fora desse lugar de objeto de estudo. Também podemos dizer que, por O.Ducrot, em seus estudos anteriores colocar a poesia na enunciação e considerá-la de um modo em que essa se apresente com um caráter mais pessoal podemos considerar que ele intensifica essa sua posição, pois, por ser a poesia colocada como pessoal, ela não é de interesse para seus estudos, ou seja, por se estabelecer como uma linguagem não-ordinária, esta não é de interesse para os estudos científicos da linguagem.

3.3 – A Poesia para Benveniste

Feita a análise teórica da teoria de Ducrot, passamos agora a analisar um outro linguista, historicamente anterior a O.Ducrot, que tem nos estudos da enunciação o ponto central de suas reflexões. Benveniste é um linguista de importância central nos estudos semânticos, especialmente no que toca a questões relativas à subjetividade na língua. Em seus estudos ele apresenta análises detalhadas de vários fatos linguísticos, trazendo à tona questões por vezes tratadas por outros estudiosos sem levar em conta aspectos que ele

prioriza. Nestas análises incluem-se, decisivamente, importantes análises históricas, nas quais ele demonstra um vasto conhecimento de detalhes relativos a diversas línguas e culturas, assim com o conhecimento de alguns textos decisivos para o estabelecimento de novas questões e também para o desenvolvimento de métodos e de teorias para as Ciências da Linguagem em geral e para a Linguística em particular.

Assim como outros autores que estudamos nesse trabalho, Benveniste também não se dedicou aos estudos da poesia nem produziu análises de poemas, mas seus estudos podem indicar questões importantes sobre o que pode significar a poesia para as Ciências da Linguagem.

Para fazermos uma breve apresentação dos estudos linguísticos de Benveniste, escolhemos alguns pontos em que ele apresenta certas noções de importância fundamental, tanto em sua teoria como para a Linguística. Partindo de sua preocupação com o rigor científico para a produção de análises linguísticas, ele estabelece os níveis em que a análise linguística deve se dar. Para isso ele apresenta tanto o nível inferior de análise como o nível superior, sendo que o nível inferior:

Atingimos assim, pelos processos descritos, os dois níveis inferiores da análise, o das entidades segmentáveis mínimas, os fonemas, o nível *fonemático*, e o dos traços distintivos, que propomos chamarem-se merismas (*gr.mérisma*, -atos, “delimitação, parte, pedaço”), o nível *merismático*. (Benveniste, 1976, p.129)

Essas entidades irão integrar outros níveis até chegar ao nível superior da análise linguística. Esse limite superior “é traçado pela frase, que comporta constituintes mas que, como adiante se mostra, não pode integrar nenhuma unidade mais alta.” (idem, p. 134). A frase, mesmo sendo a unidade do discurso, não se integra a outro nível, sendo ela própria este limite. No discurso, temos um outro universo, em que a língua passa a instrumento de comunicação, ou, em outras palavras, passa a manifestação da língua na comunicação. Dessa forma Benveniste situa sua análise no universo da língua. Este universo é composto por signos formais e que devem ser observados através de procedimentos rigorosos de análise, estabelecendo assim o lugar em que devem incidir os estudos linguísticos. Com essa delimitação, ele passa a pensar na distinção entre constituinte e integrante, o qual irá

tocar em uma questão fundamental da linguística, que é a relação entre forma e sentido. Para Benveniste, “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua.” (Benveniste, 1976, p.135), ou seja, não há como pensar a forma sem se pensar no sentido e vice-versa. E essas relações, entre constituinte e integrante, e entre forma e sentido, se estabelecem na medida em que “a dissociação leva-nos à constituição formal; a integração leva-nos às unidades significantes.” (idem). Assim temos as seguintes definições propostas por Benveniste:

A forma de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior.

O *sentido* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior. (Idem, págs. 135 e 136)

Definidos desse modo, há uma especificação em que forma e sentido se dão no nível da frase. Essa conceituação resolve a questão entre forma e sentido dentro de seu pensamento e em análises linguísticas que também tomam essa delimitação como o lugar da análise, porém, para outros estudiosos em que a análise incide sobre outra delimitação, tais como o texto e o discurso, estas definições se tornam um pouco mais complicadas, na medida em que estes conceitos necessitam de uma especificação para poder estabelecer determinadas descrições linguísticas. Lembrando aqui que Benveniste critica vários linguistas que, por não estabelecerem definições satisfatórias para esses conceitos, retiram o sentido de seus estudos, ou seja, tentam reduzir os estudos somente à noção de forma. Para ele, por estarem juntos (forma e sentido), esta separação é impossível de ocorrer, isto é, é inútil ignorar ou expulsar o sentido dos estudos linguísticos.

Uma outra distinção, entre as estabelecidas por Benveniste é fundamental para nossas análises, e está também ligada, por outras razões, ao funcionamento do sentido. Trata-se da distinção entre o semiótico e o semântico. Nessa separação ele considera que no semiótico as unidades são reconhecidas, isto é, trata-se do estudo dos signos, enquanto que no semântico, o que se tem a estudar é a compreensão desses signos, ou seja, deve-se compreender os sentidos.

Estabelecida a delimitação dos estudos linguísticos em Benveniste, temos outra questão de fundamental importância para ele: a questão da enunciação. Ela se articula diretamente com a distinção semiótico-semântico. Para este autor, a enunciação “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2006, p.82). Não se pode confundir a enunciação com o seu produto, que é o enunciado, mas sim pensá-la como o ato de se produzir o enunciado. Ou, em outras palavras, para Benveniste a enunciação é o ato em que o sujeito se apropria da língua e a coloca em funcionamento. Com essa definição temos que pensar a questão do sujeito nos estudos linguísticos. Para o autor, pode-se observar essa questão através de marcas na própria língua que indicam a presença do sujeito, trazendo, então, a importância de se estudar essas marcas. Podemos verificar o modo como seu pensamento avança nesse sentido a partir de um estudo bem específico, que é o estudo dos pronomes. Nesse estudo ele leva em conta os pronomes pessoais *eu/tu* e o pronome em que falta justamente o sujeito, que é *ele*. Isso faz com que o indivíduo, ao dizer eu, se apropria da língua e coloca o outro na posição de *tu*, o que, juntamente com alguns advérbios, tais como *aqui e agora*, e com o tempo presente, criam um paradigma que se coloca em oposição do paradigma do *ele* (lá, depois). E o *tu* é inserido neste mesmo paradigma do *eu*. Desse modo, temos que o sujeito é que se apropria da língua, com suas marcas de subjetividade, transformando-a em discurso, isto é, as unidades da língua, do semiótico, são semantizadas (o aspecto semântico) pelo sujeito (locutor) na enunciação.

Uma outra questão a se considerar são os estudos de Benveniste sobre os tempos verbais, em que ele define em dois paradigmas diferentes, tomando a distinção entre a enunciação e a do discurso. Esses paradigmas dos tempos verbais são estabelecidos a partir dos paradigmas dos pronomes, entre eu/tu e ele. Assim temos a narrativa histórica como o lugar da exclusão das formas linguísticas que marcam a presença do *eu*, isto é, a narrativa histórica é que se coloca como objetiva, entrando no paradigma do *ele*, enquanto que o plano do discurso possui as marcas linguísticas do sujeito, fazendo parte então do mesmo paradigma do eu/tu. Além disso, temos um terceiro tipo de enunciação, que Benveniste assim descreve:

Indiquemos, como entre parênteses, que a enunciação histórica e a do discurso podem, conforme o caso,

conjugar-se num terceiro tipo de enunciação, no qual o discurso é referido em termos de acontecimento e transposto para o plano histórico; é o que comumente se chama *discurso indireto*. As regras dessa transposição implicam problemas que não serão examinados aqui. (Benveniste, 1976, p.267)

Dentro desse quadro teórico e levando em conta outras discussões linguísticas, ele apresenta, em um texto intitulado “Semiologia da Língua” (Benveniste, 2006), algumas discussões interessantes que, mesmo não tratando diretamente, acabam por levantar várias questões a respeito da poesia. Nesse texto, ele reflete sobre o lugar da língua entre os sistemas de signos. Para isso, ele traça um histórico sobre os estudos dos signos. Segundo Peirce e Saussure, quase ao mesmo tempo, tentam a possibilidade de uma ciência dos signos, construindo algumas teorias que influenciam todo o pensamento posterior.

Ao comentar esses dois autores, Benveniste faz uma crítica ao modo como Peirce trata a língua, pois ele não lhe dá nenhum estatuto especial dentro do estudo dos signos, posição bem diferente da adotada por Saussure, em que, no quadro geral de uma semiologia, ele apresenta a língua como objeto de ciência, e a necessidade de se diferenciar a língua da linguagem, além de colocar a Linguística como a ciência responsável pelos estudos da língua e que integra uma ciência que ainda está por surgir, que é a Semiologia. Então, partindo dessas reflexões de Saussure, Benveniste também apresenta a língua como um dos sistemas de signo, dando-lhe importância central nos estudos linguísticos e semiológicos. E essa centralidade deve-se a que a língua é uma instituição social, produzida pelo indivíduo e, ao mesmo tempo, ela se compõe de unidades fixas, que são os signos. Assim temos, como característica de todos os sistemas semiológicos, a propriedade de significar, que é seu aspecto semântico, e a sua composição em unidades de significância (signos), que é o seu aspecto semiótico.

Por outro lado há vários sistemas semióticos diferentes, tais como os signos de escrita, de cortesia, signos monetários, cultos, ritos, crenças, os signos dos variados tipos de arte, etc. E temos que cada sistema semiótico não pode ser traduzido para outro sistema semiótico, ou seja, “Isto equivale a dizer que dois sistemas semióticos de tipo diferente não podem ser mutuamente conversíveis”(Benveniste, 2006, p.54). Além dessa relação de um sistema semiótico com outro, temos também que o valor de cada signo só pode ser definido

dentro de seu próprio sistema semiótico, isto é, se um signo for transposto para outro sistema semiótico, o seu valor é alterado (ou, em alguns casos, esse valor pode ser até anulado). E, por não ter essa capacidade de “tradução” de um sistema a outro, Benveniste traz uma separação entre sistemas, que se relacionam no nível semiótico entre o sistema interpretante e o sistema interpretado. Essa nova separação traz novamente a língua em uma posição muito particular dentro dos sistemas semióticos, já que “os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso.” (Idem, pág.55). Isto é, a língua é o único sistema semiótico capaz de interpretar todos os outros sistemas semióticos e também pode interpretar a si próprio.

Partindo dessa diferenciação, e para provar que a língua é o único sistema semiótico capaz de interpretar todos os outros, ele passa a fazer algumas comparações entre determinados sistemas, buscando o que é que diferencia a língua de todos. Para isso ele traz as noções de unidade e de signo, em que a unidade é a menor parte da qual determinado sistema é constituído, ou seja, as unidades é que serão relacionadas para se produzir e especificar a natureza de determinado sentido. Por sua vez, o signo seria a menor parte significante de um sistema, sendo que, nem sempre coincidem a unidade e o signo. Mas, como a língua é o sistema que recebe um estatuto bem particular, ela é feita por unidades que também, ao mesmo tempo, são signos. E isso é que lhe dá a possibilidade de ser um sistema que pode interpretar todos os outros sistemas.

Com essas colocações, ele passa a considerar alguns sistemas artísticos, produzidos pelo som e por imagens, comparando-os com o sistema linguístico. Essa comparação é de grande interesse para pensarmos a poesia, pois ele coloca de lado, para este estudo, a função estética desses sistemas. E, com isso, ele coloca em dois paradigmas diferentes as linguagens artísticas e a língua, conceituando a linguagem artística em geral da seguinte forma:

As relações significantes da “linguagem” artística são descobertas NO INTERIOR de uma composição. A arte não é jamais aqui senão uma obra de arte particular, na qual o artista instaura livremente oposições e valores que ele manipula soberanamente, não tendo nem “resposta” a dar, nem contradição a eliminar, mas somente uma visão a exprimir, segundo critérios, conscientes ou não, de que a

composição inteira dá testemunho e torna manifesto.
(Benveniste, 2006, p.60)

Nesta medida Benveniste diz que as artes só apresentam a dimensão semântica, enquanto a língua apresenta as dimensões semiótica e semântica. Este aspecto já foi comentado, por exemplo, por Meschonnic (2008). E, enquanto as artes são assim definidas, a língua é colocada como a própria significância, ou seja, ela mesma funda toda a possibilidade de comunicação e de cultura.

Deste modo Benveniste deixa um problema: se a poesia é arte, ela teria só a dimensão semântica? Mas como ela é linguagem teria as dimensões semiótica e semântica? Benveniste não levaria em conta a possibilidade da língua ser um sistema semiológico capaz de engendrar a arte? Se sim, de certo modo, para ele a poesia não seria considerada como arte. Aliada a isso, temos que ele, ao fazer análise de sistemas artísticos, já coloca que não levará em conta o valor estético, preocupando-se somente em observar o modo como esse sistema é formado.

E neste quadro é que vamos nos deparar com o que ele comenta sobre o artista, que cria sua própria semiótica. Ou seja, temos aqui a questão do sujeito que se apropria de determinadas unidades e, com elas, cria a sua obra de arte, algo que poderia se aproximar do pensamento de Austin, em que a poesia fica posta no lugar do uso não-ordinário da linguagem. Para vermos essa possibilidade de aproximação, vamos produzir uma análise da palavra poesia nesse texto de Benveniste.

3.4 - Análise da palavra poesia

Pelo que acabamos de colocar, podemos começar por reconhecer a seguinte determinação entre arte e as dimensões do funcionamento da linguagem:

Arte \vdash semântico

Desta forma coloca-se a questão, já anteriormente indicada, de que a poesia, enquanto arte, só apresenta a dimensão semântica. Se assim fosse poderíamos dizer que teríamos as seguintes relações de determinação:

Poesia \vdash Arte \vdash semântico

Se observarmos com mais detalhe vemos que na obra de Benveniste, há o uso da palavra poesia de modo isolado, ou seja, temos esta palavra aparecendo em alguns de seus textos. Por isso, apresentamos um texto específico, que é “Semiologia da Língua”, texto este que serviu de base para as discussões que apresentamos logo acima. Nesse texto, como já dissemos, temos uma certa discussão que podemos relacionar com a nossa pesquisa de como a poesia aparece no pensamento de alguns cientistas da linguagem.

Apesar de não usar a palavra poesia neste texto, temos uma passagem decisiva em temos as palavras *poético* e *poética*:

1- O segundo tipo de relação é a RELAÇÃO DE HOMOLOGIA, que estabelece uma correlação entre as partes de dois sistemas semióticos. Diferentemente da anterior, esta relação não está constatada, mas instaurada em virtude de conexões que se descobrem ou que se estabelecem entre dois sistemas distintos. A natureza da homologia pode variar, intuitiva ou racional, substancial ou estrutural, conceptual ou poética. “Les parfums, les couleurs et les sons se répondent”. Estas “correspondências” não estão senão em Baudelaire, elas organizam seu universo poético e a criação que o reflete. (pág.62)

Temos aqui as palavras *poética* e *poético*, sendo que *poética* está em uma expressão referencial, que caracteriza a natureza da homologia. Assim temos uma reescritura por enumeração de tipos diferentes para se observar as semelhanças entre os sistemas semióticos. O interessante é que, para essas comparações, Benveniste traz a concepção de poesia para os seus estudos, por estar presente nessa enumeração em que os sistemas semióticos podem entrar no que concerne ao que há de semelhante ou diferente neles.

Nesta enumeração, *poética* se opõe diretamente a *conceptual*, num dos termos da enumeração e se articula aos demais elementos, sempre em disjunção. Isto nos leva à seguinte relação:

Poética
Conceptual

Se isto nos dá mais um elemento para o sentido de poético (poesia), temos ainda a observar a ocorrência da palavra *poético* no mesmo trecho analisado. Esta palavra aparece em uma expressão referencial especificando a palavra *universo*. Então temos *universo poético*. Porém este *universo poético* é, por sua vez, especificado por *seu*, isto é, o universo poético é específico de alguém, no caso aqui, de Baudelaire. E como, ao dizer sobre as “correspondências”, Benveniste indica que essas ocorrências acontecem somente em Baudelaire, que fazem parte de um sistema semiótico próprio dele em suas criações artísticas. Assim, através do procedimento da paráfrase, podemos dizer que Baudelaire pode ser tomado por qualquer poeta, temos assim:

Paráfrase 1:

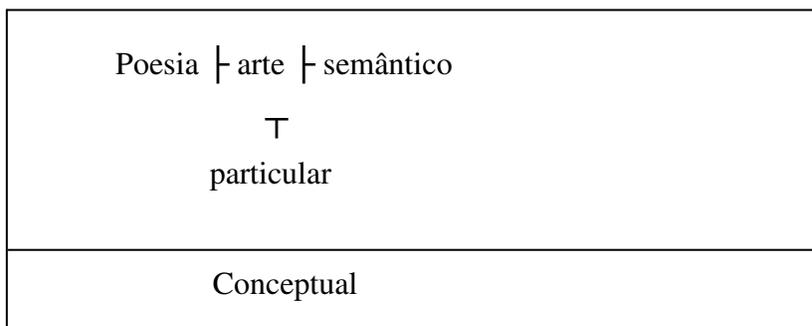
- 1.1 “Les parfums, les couleurs et les sons se répondent” são “correspondências
- 1.2 Elas (correspondências) estão na obra de Baudelaire
- 1.3 Elas organizam seu universo poético
- 1.4 A criação de Baudelaire reflete seu universo poético

Se considerarmos por outro lado o que disse Benveniste em

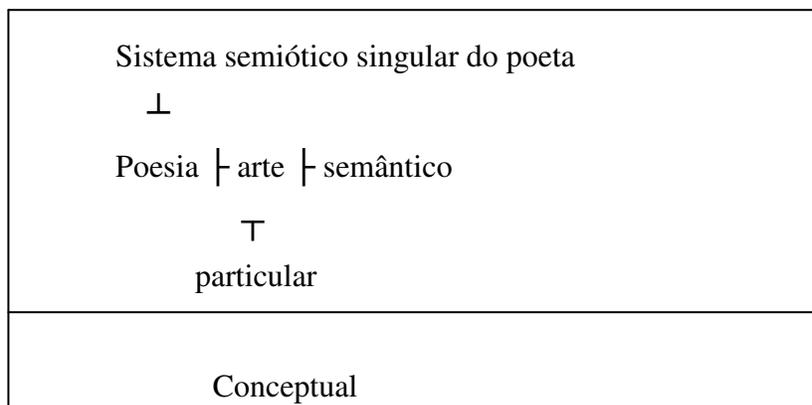
As relações significantes da “linguagem” artística são descobertas NO INTERIOR de uma composição. A arte não é jamais aqui senão uma obra de arte particular, na qual o artista instaura livremente oposições e valores que ele manipula soberanamente, não tendo nem “resposta” a dar, nem contradição a eliminar, mas somente uma visão a exprimir, segundo critérios, conscientes ou não, de que a composição inteira dá testemunho e torna manifesto. (Benveniste, 2006, p.60)

Já citado anteriormente, podemos encontrar uma articulação predicativa muito importante: “a arte é um obra particular”. E mais que isso, este caráter particular é de certo modo predicado por “o artista instaura livremente oposições e valores...”

Deste modo podemos chegar a



Mas falta ainda considerar dois aspectos: de um lado a predicação de que numa obra de arte particular o artista instaura livremente oposições e valores. O que está em combinação com um elemento da paráfrase acima de que “correspondência” organizam o universo poético de um poeta (Baudelaire, no caso). Isto nos leva a:



Assim podemos dizer que a posição de Benveniste de que a arte, no caso a poesia, se caracteriza por ter somente a dimensão semântica, faz sentido, na medida em que a poesia se faz não pelo sistema semiótico da língua em geral, mas por um sistema semiótico particular, que a própria “composição inteira dá testemunho e torna manifesto”. Assim o sentido de sujeito não é uma determinação de poesia, ou arte, mas é quem produz arte. E esta só pode ser considerada na relação com esse sujeito, ou seja ao *Artista*, ao autor.

Antes de terminar, não podemos deixar de fazer referência a que Benveniste deixou manuscritos a propósito exatamente de sua análise de textos de Baudelaire, que ele cita no recorte há pouco utilizado aqui. E nestes manuscritos vamos encontrar algo como “le langage du poète sera donc, à tous points de vue, un langage iconique” (Manuscrits inédits, 2009). E isto significa para ele, na mesma passagem a que nos referimos, que a linguagem do poeta “re-présente le vécu, re-produise l’émotion, et en tant qu’elle est sonorité, la langue doit retrouver les sons qui l’évoquent”.

Com isso podemos dizer que, para Benveniste, apesar de não ser dito explicitamente, o aspecto poético da língua é assimilado ao que ele indica para os sistemas semióticos relacionados à arte: “O artista cria assim sua própria semiótica: ele institui suas oposições em traços que ele próprio torna significantes em sua ordem.” (Benveniste, 2006, p.59). Sendo assim, podemos dizer que, para ele, a poesia está na enunciação, na particularização do uso dos signos linguísticos dentro de um sistema pessoal, ou seja, o próprio indivíduo (artista) é que se apropria dos signos da língua e cria o seu sistema de significância.

Desse modo, podemos dizer que Benveniste, pela análise de seu texto no que concerne à poesia, coloca-se de um modo muito particular em uma posição semelhante à posição austiniana (principalmente se consideramos que para este a poesia estiola a performatividade), deixando a poesia no lugar do uso não-ordinário da língua, por ser um uso característico de um sistema semiológico específico de cada indivíduo.

3.5 – Considerações Gerais

Assim, ao analisar estes dois linguistas, O.Ducrot e E.Benveniste, que se colocam em uma posição enunciativa dos estudos da linguagem, observamos que ambos consideram a poesia como um uso particular da linguagem pelo poeta, deixando a poesia no lugar do uso não-ordinário da língua. Porém, apesar deste ponto em comum, eles divergem quanto à importância dos estudos sobre a poesia pois, se para Ducrot os estudos da linguagem não tem como se interessar pela poesia, para Benveniste é preciso que os estudos da linguagem se dediquem aos aspectos “semânticos” de modo específico para que se possa desenvolver um estudo possível da poesia. Ou seja, mesmo sendo colocada como uso não-ordinário da

língua, Benveniste apresenta a importância de se pensar linguisticamente um modo para se compreender a poesia.

Capítulo 4

Chomsky: A Gramática sem Poesia

Vamos dedicar este capítulo a um autor que, ao se “aproximar” de algo como a poesia, considera que uma sentença que poderia eventualmente ser poética não tem sentido ou não é gramatical: Noam Chomsky. Em princípio, para um estudo sobre a relação entre a Linguística e a Poesia, o modo como um autor que não considera esta relação relevante poderia não nos trazer grande interesse. Porém, ao contrário, por ser excluída dos estudos, essa observação poderá fomentar algumas discussões sobre essa relação. Faremos entrar agora na discussão a chegada do cognitivismo na linguística no século XX. No entanto esta chegada não suspende o interesse que certos estudiosos da linguagem têm pela questão da poesia. E isto se verá nos dois cientistas que reservamos para o último capítulo, Milner, que se coloca no campo da gramática gerativa, mas vai tratar muito diretamente da questão da poesia, diferentemente de Chomsky, e Pêcheux, que sustenta fortemente as ciências da linguagem no domínio das ciências humanas e não deixa de considerar a pergunta sobre o que é a poesia.

Um primeiro aspecto a considerar, a teoria gerativa é uma teoria da gramática. Chomsky, ao elaborar esta teoria, coloca-se em uma posição cognitivista, ou seja, a questão fundamental em seus estudos é de um lado estabelecer as regras da gramática e de outro saber como se dá o processo de aprendizagem, algo que ele somente faz um breve comentário, mas não desenvolve esta questão. Ao se discutir esta questão, ele especifica os estudos linguísticos, questionando o modo como se dá a aprendizagem da língua. Para isso, ele faz uma aproximação dos estudos linguísticos com a biologia.

A emergente abordagem biolinguística adotou um posicionamento diferente. Aceitou que o objeto de investigação fosse, não o comportamento e seus produtos, mas os sistemas cognitivos internos que entram em ação e interpretação e, para além disso, a base em nossa natureza biológica fixa para o crescimento e o desenvolvimento desses sistemas internos. (Chomsky, 2009, p.8)¹⁴

¹⁴ Esse livro é uma coletânea de artigos, sendo os 6 primeiros do fim da década de 1960, baseados em conferências para universitários, e o último capítulo é de 2004, baseado em uma conferência para o grande público.

Ou, em outras palavras, temos o sistema cognitivo vinculado a nossa natureza biológica, em que os órgãos de nosso corpo, principalmente o cérebro, é que possuem determinadas estruturas que possibilitam a nossa capacidade de aprendizagem. Com isso ele estabelece que os sistemas cognitivos devem ser estudados tais como a outros órgãos do corpo, alinhando-se a outros cientistas e filósofos anteriores a ele que também se posicionaram desta forma. Assim, Chomsky passa a estudar especificamente um desses sistemas cognitivos, que é a linguagem. Isso ocorre pois, para ele, a linguagem desempenha um papel de grande relevância no pensamento e na interação humana sendo, dessa forma, essencial para se estudar essas estruturas cognitivas, além de também poder auxiliar em questões psicológicas relativas ao comportamento.

Então, partindo dessa premissa, ele passa a observar línguas particulares, mais especificamente o inglês, em busca de estabelecer procedimentos que possam demonstrar como se dá a aquisição da linguagem, o que ele chama de Gramática Universal. E, para Chomsky, a Gramática Universal é uma teoria de base genética, isso é, para ele, o ser humano usa a linguagem devido a fatores genéticos e que, por isso, todos, em condições normais, podem utilizar a linguagem. Porém, mais do que isso, ele postula que o ser humano possui uma gramática interna, ou seja, por ser de base genética, independente de qual língua particular seja, todos os indivíduos, que conhecem a língua em questão, possuem a capacidade de verificar se determinada sentença é gramatical ou não.

A partir dessa hipótese, ele passa a estudar a língua para descobrir de que forma é possível que o ser humano faça essa identificação do que é gramatical e do que não é. Para isso, ele postula que, ao entrarmos em contato com uma sentença de uma língua, estamos em contato com a estrutura superficial. Essa estrutura superficial é produzida a partir de uma estrutura profunda, sendo que esta contém indicações para a interpretação semântica da sentença, enquanto que aquela possui as indicações para a interpretação fonética. Ou seja, temos uma estrutura profunda, abstrata, de base genética, e a partir dela, podemos obter um número infinito de sentenças, que se apresentam sob a forma de uma estrutura superficial. Essas, por sua vez, são em número infinito e, por estarem ligadas a aspectos fonéticos, podem ser observadas em formas diferentes, ou seja, conforme há o acoplamento do aspecto semântico com o aspecto fonético, temos uma língua diferente. Dito de outro

modo, cada língua tem seu modo específico de acoplar a estrutura profunda (sentido) e a estrutura superficial (som), sendo que esse acoplamento se dá conforme determinadas regras, o que leva Chomsky a dizer que “A gramática de uma língua é um sistema de regras que determina certo acoplamento de som e significado” (Chomsky, 2009, p.208). Ou seja, para ele, o estudo dessas regras é que compõe a gramática de determinada língua. Também podemos observar um outro aspecto, que é o interesse e a importância que Chomsky dá aos aspectos fonéticos e semânticos tal qual observamos em Jakobson, mas, devido a fundamentos epistemológicos diferentes e, conseqüentemente, métodos e objetivos diferentes, o modo de se observar estes aspectos é diferente, levantando inclusive algumas possibilidades para que Chomsky não leve em consideração a poesia, bem diferente do pensamento de Jakobson.

Por outro lado, temos a constituição da gramática universal, que seria “o estudo das condições que devem ser satisfeitas pelas gramáticas de todas as línguas” (Chomsky, 2009, p. 209). Desse modo temos dois aspectos a serem investigados: a gramática universal, em que se estudam e se estabelecem as condições em que todas as línguas podem existir. Como estas condições são de base genética, as línguas possuem alguns aspectos em comum o que, por sua vez, é o que caracteriza, para Chomsky, a linguagem humana. Além disso, temos o estudo das línguas particulares, já que, como já dissemos, cada língua possui um modo específico de acoplar os componentes fonológicos e os semânticos, mediados por regras sintáticas que compõem a gramática de uma língua.

E para analisar estas duas gramáticas, ele considera o falante-ouvinte como ideal, ou, em suas próprias palavras:

A teoria linguística acha-se interessada, em primeiro lugar, num falante-ouvinte ideal, dentro duma comunidade de fala completamente homogênea, o qual conhece a sua língua perfeitamente e que não é afetado por circunstâncias gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, mudanças de atenção ou interesse, e erros (de acaso ou característicos) ao aplicar o seu conhecimento da língua no desempenho efetivo. Esta parece-me ter sido a posição dos fundadores da moderna linguística geral e nenhuma razão concludente para modificá-la foi oferecida. Para estudar o desempenho linguístico concreto, temos de considerar a interação de

uma variedade de fatores, sendo que a competência subjacente do falante-ouvinte constitui apenas um dentre eles. Neste sentido, o estudo da linguagem não é diferente da investigação empírica de outros fenômenos complexos. (Chomsky, 1978, p.83-84)

Então, como visto logo acima, Chomsky faz um certo recorte para que possa elaborar sua teoria, considerando o falante-ouvinte como ideal, recorte este que é compartilhado pelos fundadores da moderna linguística geral. Esse posicionamento faz com que ele produza uma separação entre a capacidade inata que o falante-ouvinte possui de usar a língua e o uso efetivo em vários contextos, pois isso faz com que, ao cometer algum tipo de “erro” devido a fatores advindos de algum evento no contexto ou por algum problema específico apresentado pelo falante-ouvinte, exista a possibilidade de se explicar o porquê de determinado uso poder ser excluído, pelo menos em certo sentido, da elaboração das regras que irão formar as sentenças gramaticais de determinada língua. Por conta disso, Chomsky elabora dois conceitos centrais em sua teoria, a concepção de competência e a concepção de desempenho. Para ele, a competência é o conhecimento que um falante-ouvinte tem da sua própria língua, isso é, o falante-ouvinte produz, compreende e reconhece as estruturas das frases de sua língua, enquanto que o desempenho tem a ver com o uso efetivo que este falante-ouvinte faz da língua em situações concretas. Esses dois conceitos não sofrem alguma modificação substancial no decorrer do desenvolvimento de sua teoria. Desse modo, o linguista pode, a partir dos dados observados no desempenho, determinar

O sistema de regras subjacentes que foi dominado pelo falante-ouvinte e que ele passa a usar no desempenho efetivo. Por isso mesmo é que, em sentido técnico, a teoria linguística é mentalista, uma vez que se acha interessada em descobrir uma realidade mental subjacente ao comportamento presente. (Chomsky, 1978, p.84)

Assim temos, em seus estudos, dois pontos a serem considerados pela gramática: as regras que constituem o mecanismo de acoplamento da estrutura profunda e a estrutura superficial e a “descrição da competência intrínseca do falante-ouvinte ideal” (Idem). E através desse estudo da competência, com mais alguns fatores, ele poderá estabelecer certas

regras de como se dá o funcionamento da mente humana, ou seja, observando o modo como o falante-ouvinte conhece a sua língua, pode-se depreender várias questões sobre a gramática universal.

E, dentro dessa questão da gramática universal, temos ainda a questão do aspecto “criativo” da linguagem. Esse aspecto diz respeito à capacidade de expressar infinitos pensamentos e também à capacidade de se adaptar a infinitas situações novas. Segundo Chomsky, é a gramática universal que irá suplementar cada gramática particular, pois é ela que dará a possibilidade a um indivíduo de fazer, com uma considerável habilidade, o acoplamento da estrutura profunda com a estrutura superficial. Aqui também temos uma certa especificidade do conceito de “criatividade” na linguagem, isso porque esse uso criativo refere-se a essa capacidade de acoplamento de estruturas e não, como se poderia pensar, a algum uso que se diferencie do uso habitual da linguagem. Dessa forma, temos o conceito de criatividade aproximado à significação de reprodução, na medida em que fica condicionado à capacidade do falante-ouvinte em repetir as regras que irão formar as frases consideradas gramaticais de determinada língua.

Pensando sobre a questão da poesia em relação a esse conceito de criatividade, observamos que essa forma de conceituá-la acaba por dificultar uma possível abordagem do que seja a poesia para Chomsky, já que poderíamos relacioná-la a um uso extraordinário da língua advindo da capacidade de um uso criativo, no sentido de ser usada conforme a vontade do falante-ouvinte. Em outras palavras, poderíamos associar a poesia à arte, considerando a arte como uma atividade criadora, sem objetivo prático, em que o ser humano toma algo fora de seu uso habitual almejando um certo valor estético, expressando, de algum modo, os seus sentimentos.

Essas observações que fizemos no parágrafo anterior poderiam ser melhor comprovadas se, como fizemos na análise dos outros autores, fizessemos o DSD da palavra poesia em seus textos. Porém, por ser praticamente inexistente o uso dessa palavra em sua obra, não teremos condições para desenvolver tal análise. Por isso, a partir dessa pequena apresentação sobre o pensamento chomskyano a respeito da língua, iremos produzir algumas reflexões com o intuito de levantar algumas hipóteses do porquê a poesia não aparecer em sua teoria linguística.

Em primeiro lugar, temos a questão de som e sentido, que é trabalhado por Chomsky dentro de uma especificidade epistemológica. Como já dissemos, ele se diferencia teoricamente de Jakobson, pois coloca o som ligado à estrutura superficial e o sentido na estrutura profunda. Com isso, ele se distancia do funcionalismo de Jakobson, na medida que o som tem uma função: um sentido.

Chomsky considera que a relação entre esses dois aspectos é o que irá gerar sentenças gramaticalmente corretas, ou seja, ao se relacionar o sentido, que está na estrutura profunda, com o som, que está na estrutura superficial, temos a possibilidade da geração de sequências em que um falante-ouvinte ideal poderá reconhecer como gramaticalmente corretas (portanto sentenças) ou não. Além disso, o modo como se dá esse acoplamento é o que irá acarretar as diferentes línguas. Assim então, para Chomsky, esta relação não é melhor observada na poesia, tal qual para Jakobson. Aliás, do modo como Chomsky conceitua esta relação, não há espaço para que a poesia ocupe esse lugar, já que seria incompatível com a ideia de geração de sentenças gramaticalmente corretas, já que há poesias em que a quebra de todos os padrões constitui-se em uma constante. E, além disso, Chomsky também coloca que, devido às regras que irão acoplar as estruturas profunda e superficial, o falante-ouvinte não pode fazer com que uma sentença tenha um significado diferente daquele que a estrutura indica. Assim “Ele (o falante-ouvinte) não pode decidir fazer as sentenças significarem algo diferente do que significam” (Chomsky, 1980, p.59), salvo se para isso ele acrescesse a esta gramática um componente pragmático.

Porém, além de seus trabalhos como linguista, Chomsky também se destaca por conta de suas intervenções críticas a assuntos relacionados a política, economia, etc., notadamente quando há alguma intervenção direta do Governo dos EUA, seja interna ou externamente. Por conta disso, ele é muito requisitado para palestras e entrevistas, só que raramente discute assuntos ligados a literatura ou arte. Mas, em uma entrevista que concedeu à Folha de São Paulo¹⁵, ele faz alguns comentários sobre literatura e, especificamente, sobre a poesia. Apesar de que a entrevista não é uma elaboração científica a respeito da poesia, temos algumas formulações muito relevantes para observarmos o que

¹⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2904200706.htm>, acessado em 25/01/2011

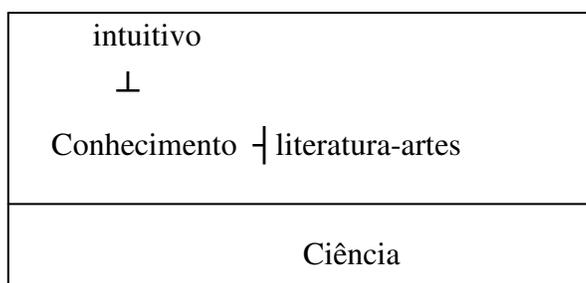
é a poesia para Chomsky. Assim, tomemos em princípio estas duas sequências abaixo, retiradas dessa entrevista:

- 1- “não é improvável que a literatura sempre vá render insights mais profundos para aquilo que é chamado de “a pessoa humana plena” do que qualquer método de investigação pode esperar conseguir”.
- 2- “O outro lado da questão é que a literatura e as artes freqüentemente oferecem insights penetrantes sobre como é o ser humano, como ele se comporta, como são suas inter-relações, que tipo de problemas ele enfrenta e assim por diante. Mas esses insights não provam nada, só nos revelam coisas que podemos entender intuitivamente tão logo as percebamos.” (Chomsky)

Nesta passagem podemos considerar alguns aspectos importantes:

- 1.Literatura está articulada aditivamente a artes como sendo, todas, predicadas por oferecer insights sobre o ser humano, algo que podemos parafrasear por oferecer conhecimento sobre o ser humano. E o ser humano, aquilo que se pode conhecer dele, é enumerado por comportar, inter-relações, problemas que enfrenta.
- 2.Por outro lado temos que estes insights (estes conhecimentos) são intuitivos. Assim literatura vem determinado por conhecimento e por intuitivo.
- 3.Esses conhecimentos não provam, pois são intuitivos (isto demonstra uma oposição à ciência)
- 4.Não é certo que estes conhecimentos se deem, mas não é improvável.

Assim temos

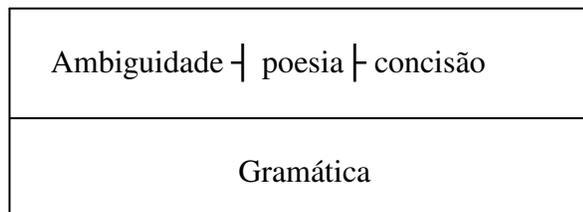


Mas esta designação para literatura-artes está sob a modalidade do não provável, do possível, diríamos.

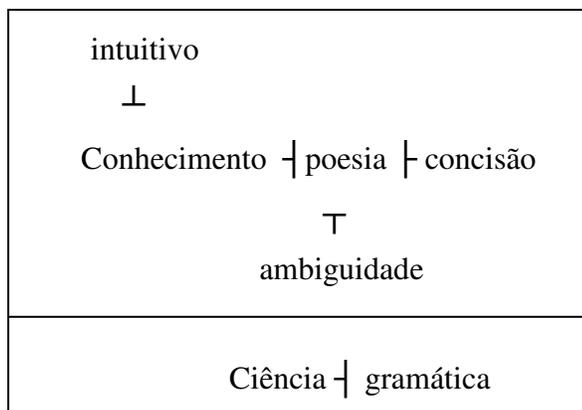
Em um outro ponto da entrevista encontramos:

- 3- “De fato, a poesia joga com isso: um de seus principais procedimentos, discutido há 50 anos por William Empson [1906-84], em seu livro “Seven Types of Ambiguity” [Sete Tipos de Ambigüidade], é justamente tentar lutar contra as leis gramaticais, criar uma tal concisão de expressão que force o leitor a completar o sentido.”(Chomsky)

Nesta sequência Chomsky fala de poesia e seu enunciado nos apresenta uma outra predicação: a poesia joga com ambigüidade e coloca a poesia como lutando contra as leis gramaticais e afirmando que isto força o leitor a completar o sentido. Poesia é determinada por ambigüidade e por concisão e se opõe a leis gramaticais:



Podemos aproximar aqui a poesia da literatura e teremos:



Neste caso é preciso considerar que a oposição entre poesia e ciência (gramática) é certa, tal como se opõe o intuitivo ao conhecimento científico. Ou seja, o conhecimento produzido pelas artes, pela literatura, pela poesia não prova nada. Assim, numa teoria em

que a questão central é o conhecimento, a poesia fica numa situação pouco confortável. Não há como a gramática tratar da poesia, mesmo que ela tenha alguma importância na consideração do que seja “a pessoa humana plena” (expressão sem dúvida muito vaga).

Dessa forma temos que Chomsky, ao falar da gramática, exclui a poesia da gramática, ou seja, na elaboração de suas teorias ele não leva em conta nenhuma reflexão a respeito da poesia. No entanto ao admitir o lugar da poesia, da literatura e das artes, atribui a elas a determinação do conhecimento e do intuitivo, da concisão e da ambiguidade.

Além disso, temos um exemplo em que ele comenta um verso: “Ideias verdes incolores dormem furiosamente”, verso este que é considerado gramatical, em contraposição a “Furiosamente dormem versos incolores ideias”, que é considerado por ele como agramatical. Esta categorização entre gramatical e agramatical se dá pelas relações sintáticas, trazendo a questão do sentido. E, por isso, a questão da gramaticalidade para Chomsky, ao se tratar a poesia, coloca que ela procura exatamente estabelecer uma luta contra as leis gramaticais, ou seja, a poesia “subverte” a gramática, o que a coloca, como já dissemos, em um lugar que não desperta o interesse para um cientista da linguagem que busca conhecer estas leis gramaticais. Dessa forma, por colocar as leis gramaticais e o conhecimento, do modo como o apresentamos em nossa análise, como reflexões centrais em seu pensamento, a poesia, para Chomsky, não é objeto de estudos para um linguista ou um gramático, no máximo pode ser objeto de alguma outra disciplina.

Capítulo 5

Jean-Claude Milner e Michel Pêcheux: A Poesia e o Real da Língua

Neste capítulo iremos analisar dois autores, J.C. Milner e M. Pêcheux, que, por caminhos diferentes, acabam por se cruzar sobre a questão que nos ocupa já que ambos levam em conta posições da psicanálise. Além disso, estes dois autores protagonizam uma discussão muito particular a respeito do real da língua e o modo como a poesia é vista em relação a este real.

5.1 – A Poesia em Jean-Claude Milner

Do mesmo modo que outros cientistas da linguagem que já apresentamos nesse trabalho, Milner também não produz análises de poesias, ou seja, o interesse no estudo da obra desse autor não se dá por conta de análises de poesias, mas sim por suas reflexões a respeito da linguagem trazerem algumas formulações que estabelecem uma relação entre a língua e a poesia. Dessa forma, em suas pesquisas a respeito da linguagem, temos, em um primeiro momento, algumas análises de certos aspectos linguísticos. Então, desse modo, ele analisa formas pronominais, dentro de línguas europeias modernas, que remetem ao sujeito dentro da própria frase, ou seja, ele considera alguns pronomes como sendo anafóricos do sujeito. Para demonstrar esta classe de palavras, ele produz as seguintes observações:

Esta definição combina na realidade duas observações distintas:

- Enquanto os pronomes de 3ª pessoa podem anaforizar os termos que não pertencem à frase onde eles se encontram, o pronome reflexivo de 3ª pessoa não pode anaforizar senão um termo de sua própria frase;
- Este termo é necessariamente o sujeito; reciprocamente se o termo anaforizado não é o sujeito, o pronome reflexivo não aparece, mesmo se este termo está dentro da mesma frase.

Conferir um estatuto ao reflexivo é, para uma teoria linguística, retomar estas duas observações e formular os princípios gerais que cada um poderá ter como consequência. Isto é, a teoria depende aqui inteiramente de certas proposições que concernem aos mecanismos da

anáfora, de uma parte, e aos privilégios da função sujeito, de outra parte. (Milner, 1978, p.73)¹⁶

Partindo dessa especificação, ele comenta como a gramática transformacional lida com essa questão, em que há a tentativa de formular as proposições acima citadas. Essa tentativa, segundo Milner, é feita considerando dois tipos de anáfora: a anáfora *livre*, em que a anáfora pode remeter a um termo exterior à frase e a anáfora *ligada*, que

A gramática a define por uma regra que se pode formular de maneira aqui deliberadamente imprecisa:
Dentro de certas condições C, designar a um pronome o traço (+anafórico a *i*) dentro de uma estrutura contendo GN_i (onde *i* é um índice referencial) (idem)¹⁷

Esse é o caso, por exemplo, da seguinte frase:

a- João perdeu seu caminho.

Nesse caso, o pronome *seu* somente pode remeter ao sujeito da frase, ou seja, a *João*.

Por considerar essa teoria incompleta, Milner passa a fazer uma pesquisa levando em conta uma distância diacrônica, ou seja, para elaborar de um modo mais completo a teoria dos pronomes, ele passa a estudar uma língua que já não é mais falada na Europa, o latim, por ser uma língua diferente das línguas europeias modernas. Para isso, ele se insere na teoria da gramática comparada, observando o funcionamento de alguns grupos de pronomes, comparando-os com as línguas atuais, notadamente o francês, Milner chega a seguinte conclusão:

¹⁶ Tradução nossa, no original: “Cette définition combine en fait deux observations distinctes: Alors que les pronoms de 3^a personne peuvent anaphoriser des termes qui n’appartiennent pas à la phrase où ils se trouvent, le pronom réfléchi de 3^a personne ne peut anaphoriser qu’un terme de sa propre phrase;

- Ce terme est nécessairement le sujet; réciproquement si le terme anaphorisé n’est pas le sujet, le pronom réfléchi n’apparaît pas, même si ce terme est bien dans la même phrase.

Conférer un statut au réfléchi, c’est, pour une théorie linguistique, reprendre ces deux observations et formuler les principes généraux dont chacune pourra être dite la conséquence. C’est dire que la théorie dépend ici entièrement de certaines propositions touchant les mécanismes de l’anaphore, d’une part, et les privilèges de la fonction sujet, d’autre part.”

¹⁷ Tradução nossa, no original: “La grammaire la définit par une règle qu’on peut formuler de manière ici volontairement imprécise:

dans certaines conditions C, assignez à un pronom le trait (+ anaphorique à *i*) dans une structure contenant G_n*i* où *i* est un indice référentiel.”

Consideremos o sistema pronominal do latim. Há, morfologicamente bem definido, uma classe onde se encontra *me* (gén. mei, dat. mihi, abl. me), *te* (gén. tui, dat. tibi, abl. te), *nos* (gén. nostri, dat. abl. nobis), *vos* (gén. vestri, dat. abl. vobis) e evidentemente *se*. Dentro dessa classe, caracterizada notadamente pela maneira em que o genitivo é formado pelo empréstimo do possessivo e pela forma do dativo, não se encontra senão os elementos enumerados a um instante: estes são os verdadeiros pronomes. Mas é claro que *me*, *te*, *nos*, *vos* não são os anafóricos. Quanto aos anafóricos de 3ª pessoa, eles existem bem: é *is* (ace. eum, gén. eius, dat. ei, abl. eo) ou acessoriamente *ille*; mas, de um ponto de vista morfológico, *is* não é um pronome e se aproxima dos dêíticos. No sentido estrito, em latim, o conjunto dos pronomes e este dos anafóricos são disjuntos: desde então *se*, que se aproxima dos primeiros, não será tratado como um anafórico. (Milner, 1978, p.76)¹⁸

Ou seja, ele observa no sistema pronominal do latim dois paradigmas em que alguns são tratados como verdadeiros pronomes e estes mesmos pronomes não se colocam como anafóricos, isto é, há uma separação entre os verdadeiros pronomes e os anafóricos no latim. Assim, por conta do *se* estar mais próximo dos pronomes, ele não será tratado como um anafórico. Com isso, ele observa algumas possíveis diferenças quanto ao francês moderno e passa a discutir a possibilidade de se estabelecer um estudo dos pronomes no francês, em especial o *se*, a partir da enunciação e também da análise sintática.

O caso mais simples é evidentemente que a relação enunciativa pertinente seja definida pelo produto da unidade sintática *frase* e que o termo distinguido seja o sujeito desta unidade. Dentro desse caso, o procedimento atribuindo uma referência à *se* opera mecanicamente e não considera senão a sintaxe. É então compreensível que este

¹⁸ Tradução nossa, no original: “Considérons le système pronominal latin. Il y a, morphologiquement bien définie, une classe où l'on trouve *me* (gén. mei, dat. mihi, abl. me) *te* (gén. tui, dat. tibi, abl. te), *nos* (gén. nostri, dat. abl. nobis), *vos* (gén. vestri, dat. abl. vobis) et évidemment *se*. Dans cette classe, caractérisée notamment par la manière dont le génitif y est formé par emprunt au possessif et par la forme de datif, on ne trouve que les éléments énumérés à l'instant : ce sont là les véritables pronoms. Mais il est clair que *me*, *te*, *nos*, *vos* ne sont pas des anaphoriques. Quant à l'anaphorique de 3e personne, il existe bien : c'est *is* (ace. eum, gén. eius, dat. ei, abl. eo) ou accessoirement *ille* ; mais, d'un point de vue morphologique, *is* n'a rien d'un pronom et se rapproche des déictiques. Au sens strict, en latin, l'ensemble des pronoms et celui des anaphoriques sont disjoints ; dès lors *se*, que tout rapproche des premiers, ne saurait en rigueur être dit un anaphorique.”

procedimento se exprime em uma regra de sintaxe, obrigatório no sentido que somente *se* permite referir-se ao sujeito da frase. De um ponto de vista genérico, notar-se de resto que a noção de sujeito não é outra coisa que o reconhecimento dentro de uma sequência sintaticamente definida de uma posição distinguida; ela é diretamente apropriada a uma forma tal qual *se* cuja interpretação supõe que se tenha recorrido a esta mesma noção.

Tal é a situação que prevaleceu de maneira exclusiva dentro das línguas modernas, onde o valor de *se* não passa de um estatuto sintático. (Milner, 1978, p.81)¹⁹

Porém, mesmo analisando várias possibilidades para se estabelecer um estatuto de pronomes que remetem ao sujeito dentro da própria frase, ele acaba por levantar alguns aspectos interessantes em um campo de pesquisa ainda pouco estudado e, portanto, contendo um grande espaço para vários campos da pesquisa linguística.

Uma outra discussão interessante que ele levanta é com respeito ao conceito de marcado. Essa discussão se dá na tentativa de dar contornos mais precisos a este conceito dentro da teoria da Sintaxe Comparativa. Assim ele traça um certo percurso deste conceito que, segundo Milner, provém da fonologia. Por marcado, ele considera

De maneira geral, o conceito de marcado não é nada mais que uma oposição entre um termo marcado e um termo não-marcado. Trata-se pois do conceito de uma diferença, relido nos termos que ele trata de distinguir. De outra parte, a diferença assim expressa é supostamente universal: todas as teorias que fazem uso do conceito de marcado tentam construir proposições válidas por todo o conjunto dos sistemas linguísticos possíveis. Por pouco que seja admitido, este conceito é então intrinsecamente parte da gramática universal: ao recorrer a isso, é necessário supor

¹⁹ Tradução nossa, no original: “Le cas le plus simple est évidemment que la relation énonciative pertinente soit définie par rapport à l'unité syntaxique phrase et que le terme distingué 13 soit le sujet de cette unité. Dans ce cas, la procédure attribuant une référence à *se* opère mécaniquement et n'a égard qu'à la syntaxe. Il est dès lors compréhensible que cette procédure s'exprime en une règle de syntaxe, obligatoire en ce sens que seul *se* permet de référer au sujet de la phrase. D'un point de vue général, on notera du reste que la notion de sujet elle-même n'est rien d'autre que la reconnaissance dans une suite syntaxiquement définie d'une position distinguée ; elle est donc directement appropriée à une forme telle que *se* dont l'interprétation suppose qu'on ait recours à cette même notion.

Telle est la situation qui a prévalu de manière exclusive dans les langues modernes, où la valeur *se* n'a plus qu'un statut syntaxique..”

que ele permite expressar em termos universais das diferenças linguísticas importantes.

E isso pode ser de dois tipos: de uma parte, eles podem separar as estruturas sintáticas ou fonológicas pertencentes à mesma língua; de outra parte, eles podem separar, sob um ponto sintaticamente ou fonologicamente definível, duas línguas. (Milner, 1980, p.65)²⁰

Assim ele passa a apresentar uma interpretação sintática sobre esse conceito, fazendo-o através de estudos realizados por Chomsky e Halle, ou seja “techniquement parlant, une reprise en termes syntaxiques de la notation définie dans Chomsky et Halle (1968)” (idem, p.67). Isto é, ele apenas confirma estudos precedentes discutindo o modo como os autores assim o fazem.

Uma outra questão de que ele trata são as diferenças existentes entre duas linhas da Gramática Gerativa, de Harris e de Chomsky. Nessa discussão ele trata de questões epistemológicas dessas duas linhas a partir da observação de dois tratamentos dados ao conceito de paráfrase.

Fizemos essa pequena apresentação de algumas reflexões linguísticas feitas por Milner para mostrar algumas de suas preocupações enquanto linguista. Pelo que vimos, ele se atém a pontos específicos da língua e produz determinadas reflexões abrindo possibilidades para se estabelecer novas discussões, ou seja, ele traz algumas questões e, de certa forma, amplia o campo de pesquisa dessas questões. Um aspecto que me levou a esta apresentação específica, é que a consideração dos dêiticos e anafóricos traz a questão do sujeito. Quanto à poesia, podemos perceber, em um momento inicial, que não se insere nas questões que ele discute.

Mas, a partir das discussões em que Milner remete à epistemologia, em que traz algumas importantes observações quanto aos diferentes modos que a Linguística se

²⁰ Tradução nossa, no original: “De manière générale, le concept de marque n'est rien d'autre qu'une opposition entre un terme dit marqué et un terme dit non-marqué. Il s'agit donc en soi du concept d'une différence, reliant des termes qu'il s'agit de distinguer. D'autre part, la différence ainsi exprimée est censée être universelle : toutes les théories faisant usage du concept de marque tentent de construire par là des propositions valant pour l'ensemble des systèmes linguistiques possibles. Pour peu qu'il soit admis, le concept fait donc intrinsèquement partie de la grammaire universelle : y recourir, c'est néces sairement supposer qu'il permet d'exprimer en termes universalisables des différences linguistiques importantes.

Or, celles-ci peuvent être de deux types : d'une part, elles peuvent séparer des structures syntaxiques ou phonologiques appartenant à la même langue ; d'autre part, elles peuvent séparer, sur un point syntaxiquement ou phonologiquement définissable, deux langues.”

estabelece, ele coloca como objetivo de seu trabalho “a linguística enquanto afetada pela possibilidade da psicanálise” (Milner, 1987, p. 17). Assim, ele questiona o que é a língua, já que a psicanálise existe. Então, para responder ou, pelo menos, discutir esta questão, ele passa a considerar o conceito de alíngua pois, conforme ele diz, ao se dizer língua é evocada toda a série língua, linguagem, fala, etc, trazendo a reflexão já imposta pela tradição. Então, por conta disso, ele define a alíngua como “aquilo pelo qual, de um único e mesmo movimento, existe língua (ou seres qualificáveis de falantes, o que dá no mesmo) e existe inconsciente.” (Milner, 1987, p.17/18). Dessa forma temos

A alíngua é, pois, uma língua entre outras, enquanto que, ao se colocar, ela impede por incomensurabilidade a construção de uma classe de línguas que a inclui; sua figuração mais direta é a língua materna, da qual basta um pouco de observação para admitir em quem qualquer hipótese é preciso uma torção bem forte para alinhá-la no lote comum. Mas é imediatamente qualquer língua, enquanto que todas são, por algum lado, uma dentre outras e, para algum ser falante, língua materna. Não que o caráter distintivo que funda a incomensurabilidade de uma língua possa se enunciar em proposições linguísticas; ao contrário, a incomensurabilidade some assim que se adota o ponto de vista que permitiria tais proposições: dito de outra forma, alíngua é o que faz com que uma língua não seja comparável a nenhuma outra, enquanto que justamente ela não tem outra, enquanto, também, que o que a faz incomparável não saberia ser dito. (Idem, p.15)

Com essa relação, temos que a alíngua tem, como suporte, a língua, ou seja, “a língua suporta o real da alíngua” (Milner, 1987, p.19). E, por outro lado, temos a questão, proposta por Milner, de que a alíngua atinge o real. E o que é este real da alíngua? É que tudo não se diz, isto é, há um impossível próprio da língua em se dizer tudo, criando assim o ponto de cessação. Esse ponto de cessação é ignorado por completo pela gramática e pela linguística e, ao mesmo tempo, é essa ignorância o que estrutura estas duas ciências, já que, através dessas ciências, deixa-se a língua dentro de um calculável, o que, por sua vez, faz com que a língua seja domesticada pelo ser falante.

Ao comentar a respeito do ponto de cessação, Milner coloca uma pequena, porém interessante discussão que toca diretamente no assunto da poesia. Ele, em contraponto à

hipótese de que a gramática e a linguística ignoram o ponto de cessação, coloca que há “uma posição que se define por não ignorar o ponto de cessação, por retornar incansavelmente a ele, por nunca consentir a tomá-lo por nada – em resumo, a poesia.” (Milner, 1987, p.25). Dessa forma ele coloca a poesia em um lugar especial, isto é, a poesia é algo capaz de não se estruturar a partir da ignorância desse ponto de cessação. Poderíamos dizer que este lugar é um lugar de privilégio, pois, por levar em conta a cessação, ele pode, de certo modo, atingir os limites da linguagem ao tocar o real, ou seja, tocar o ponto em que tudo não se diz. E em que medida podemos dizer que este é um lugar de privilégio? Do modo como é posto por Milner, temos que a poesia está tomada de um modo muito particular em uma relação com o impossível, relação esta que é posta de modo diverso do restante da linguagem. E isso se dá pois, ao tocar o real, as palavras saem de seu uso comum. Nas palavras do próprio Milner:

Aliás, todo mundo sempre soube e é fácil de reconhecer, na tradição crítica, diversos nomes do ponto de cessação, que se poderia também chamar de ponto de poesia: para uns, é a morte, para outros o obscuro, ou ainda o sentido mais puro que se atinge arrancando as palavras do círculo de referência ordinária – o que se designa como hermetismo. Para outros, enfim, Mallarmé ou Saussure, o ponto onde cessa a falta, o um a mais que o preenche, reside na própria fonia, que se trata, então, de despojar do que ela tem de útil para a comunicação, isto é, do distintivo: não mais o mais da pureza do sentido, mas a faceta multiplicada da homofonia.

O surpreendente é que o fracasso não seja absoluto e que um poeta se reconheça nisto que ele consiga efetivamente, senão preencher a falta, ao menos afetá-la. Na alíngua, que ele trabalha, acontece que um sujeito imprima uma marca e abra uma via onde se escreve um impossível a escrever. (Milner, 1987, p.25/26)

Então, também temos, nesta citação, a alegação de que a poesia pode não preencher a falta, mas pode afetá-la e, juntamente a isso, ela também tira as palavras de seu uso ordinário, o que, de certo modo, coloca-as com a possibilidade de significarem algo diferente, isto é, dizer algo *a mais* do que normalmente se diz. A partir dessa reflexão,

podemos pensar na possibilidade de que, para Milner, em toda língua há esse ponto de cessação e, por conta disso, toda língua é capaz de poesia.

Ao apresentar esta discussão a respeito da poesia, ele a define como o ponto de cessação, como o lugar em que se toca o real da língua. Mas, para que possamos apresentar uma análise mais refinada e talvez comprovar o que dissemos mais acima, iremos apresentar o DSD desta palavra.

5.2 – DSD da Palavra Poesia em J.C. Milner

Milner, em seus textos, utiliza poucas vezes a palavra poesia, porém aparece o suficiente para produzirmos uma análise. Assim iremos, para nossa análise, nos ater à análise do capítulo 3 do livro “Amor da Língua”, de 1987. Neste capítulo, apresentamos os seguintes recortes:

1- *“Alíngua é não-toda: segue-se que alguma coisa não cessa de não se escrever aí, e em todas as formas discursivas relacionadas à alíngua, esta alguma coisa exerce uma ação. Para a linguística, a coisa é simples: trata-se de ignorar totalmente o ponto de cessação, e esta ignorância a estrutura.*

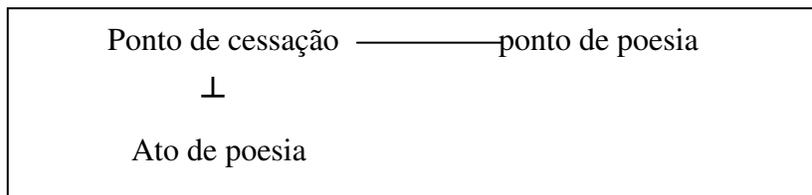
Antes de precisar o que está em causa, eu gostaria de esclarecê-lo de antemão, considerando um caso inteiramente oposto: uma posição que se define por não ignorar o ponto de cessação, por retornar incansavelmente a ele, por nunca consentir a tomá-lo por nada – em resumo, a poesia.” (p. 25)

2- *“para aprender em que sentido o ato de poesia consiste em transcrever na alíngua mesmo e através de suas próprias vias um ponto de cessação da falta de se escrever. É nisto que a poesia tem a ver com a verdade, visto que a verdade é, estruturalmente, aquilo em relação ao que a língua falta, e com a ética, visto que o ponto de cessação, uma vez cercado, comanda ao ser dito.” (p.25)*

3- *“Aliás, todo mundo sempre soube e é fácil de reconhecer, na tradição crítica, diversos nomes do ponto de cessação, que se poderia também chamar de ponto de poesia: para uns, é a morte, para outros o obsceno, ou ainda o sentido mais*

puro que se atinge arrancando as palavras do círculo de referência ordinária – o que se designa como hermetismo.” (p.25)

Neste texto, temos que a palavra *poesia* aparece quatro vezes. Em duas dessas passagens, ela está em uma expressão referencial, sendo determinada pelo artigo *a*. Nas outras duas passagens, ela também aparece em uma expressão referencial, porém determinando duas palavras: *ato* e *ponto*, ou seja, nesses dois casos, ela especifica um ponto e também especifica um ato, compondo duas expressões referencias singulares definidas (*o ato de poesia* e *o ponto de poesia*). No primeiro caso ato de poesia é predicado por “transcrever na alingua um ponto de cessação” e no segundo, ponto de poesia reescritura ponto de cessação. Assim teríamos as seguintes relações de determinação:

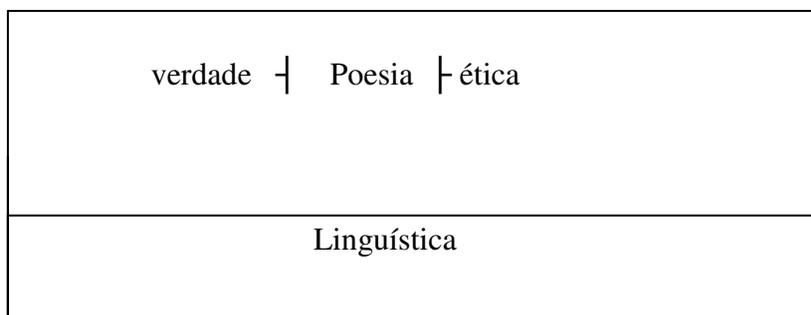


Ler ————— como sinonímia

Mas este DSD, embora nos seja muito útil na análise, não é da palavra poesia. Para chegar a ele consideremos que poesia aparece em oposição a linguística, já que é dito diretamente que se trata de um caso inteiramente oposto, e também que, enquanto a linguística ignora o ponto de cessação, a poesia não o ignora.

Como vimos a pouco, *ponto de poesia* é reescritura de *ponto de cessação* e vice-versa. Mas há algo ainda: quando ele diz “o sentido mais puro que se atinge arrancando as palavras do círculo de referência ordinária” podemos considerar que esta sequência reescreve por sinonímia “É nisto que a poesia tem a ver com a verdade, visto que a verdade é, estruturalmente, aquilo em relação ao que a língua falta, e com a ética, visto que o ponto de cessação, uma vez cercado, comanda ao ser dito.”. Então a poesia está predicada por “arranca as palavras do círculo de referência ordinária” e por verdade. Dessa forma, temos que, devido a essas reescrituras e articulações, poesia é determinada por verdade e por ética. Essa possibilidade se dá por Milner apresenta a verdade como aquilo em relação ao

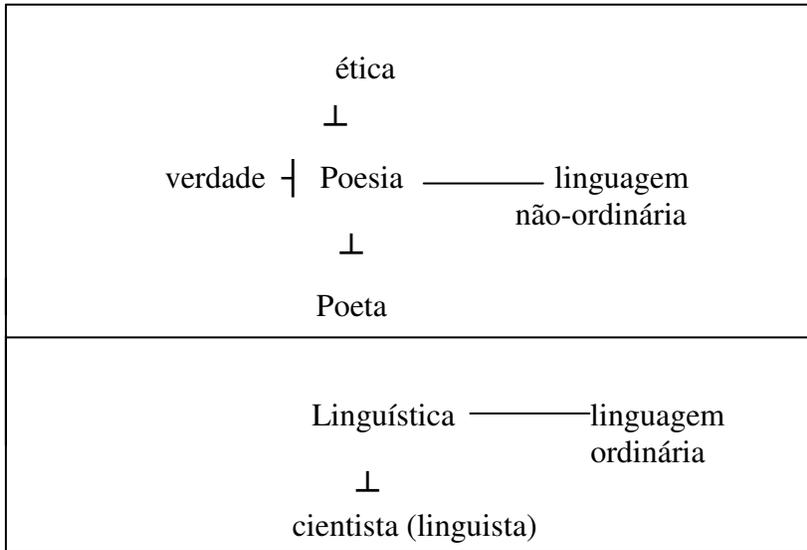
que a língua falta, isto é, a poesia é determinada por verdade na medida em que ela (a poesia) apresenta este ponto de cessação que é o limite para o real da língua: tudo não se diz. Por outro lado, temos a outra determinação (a poesia determinada por ética), em que o ponto de cessação, uma vez cercado (pela língua e pelo real), comanda ao ser dito. Assim temos algo como:



Obs.: ler — como determina

Porém, ainda temos a questão da referência, na medida em que as palavras localizam-se em uma esfera de referência ordinária, o que nos leva a pensar que *referência ordinária* está em uma relação sinonímica com Linguística, observando que esta ignora o ponto de cessação e, ao mesmo tempo, deixa a poesia, em sua relação com a verdade e a ética, no que se consegue de mais puro com a palavra em uma referência não-ordinária. Ou seja, em uma relação de paráfrase, podemos dizer que, devido a *referência ordinária* estar em uma relação sinonímica com Linguística, a referência não-ordinária está em uma relação com poesia.

Outra questão que aparece, e que chama a atenção, é o não aparecimento de uma menção direta ao sujeito (poeta) que produz a poesia. Isso traria para a discussão o estatuto do sujeito que produz poesia, o que talvez poderia apresentar um sujeito capaz de tocar o real da língua, em contraposição ao sujeito de ciência (linguista), que ignora esse ponto. Diferença na formação do sujeito, em sua interpelação que, pelo que vimos, seria dada pela língua. E incluindo esta questão do sujeito na relação da *poesia* e da *linguística*, temos também uma relação de antonímia entre o sujeito produtor de poesia, isto é, o poeta, e o sujeito de ciência, que ignora o ponto de poesia. Assim, podemos observar o DSD da palavra *poesia* do seguinte modo:



Assim, de um modo geral, temos que a definição de poesia, para Milner, aparece sujeita a uma polissemia, além de ser determinada por verdade e ética e estar em uma posição de oposição à Linguística. Desse modo, a poesia, para ele, está em um lugar privilegiado que retira as palavras de sua referência ordinária. Ou seja, temos que a poesia transita entre os dois tipos de linguagem abordados por Austin, porém com um estatuto especial, pois tem a capacidade de levar a língua do lugar ordinário para o lugar do não-ordinário. De certo modo, Austin também leva isso em consideração, na medida em que ele coloca que “um proferimento performativo será, digamos, sempre vazio ou nulo de uma maneira peculiar, se dito por um ator no palco, ou se introduzido em um poema, ou falado em um solilóquio, etc.” (Austin, 1990, p.36). Mas, aqui temos uma diferença fundamental no tratamento da poesia frente a esta divisão da linguagem: para Austin, por estar nesse lugar de transição, a poesia não deve ser objeto de estudo, enquanto que para Milner a poesia é um lugar privilegiado de estudo, por tirar as palavras da referência ordinária. Além disso, Milner propõe outra divisão para os estudos da língua, e que tem a ver com a posição que ele assume quanto à poesia. Ele considera um real da língua, em que tudo não se diz, em que a poesia, por tirar as palavras de sua referência ordinária, toca esse real, o que reforça a sua posição de que a poesia ocupa um lugar privilegiado em sua relação com a língua.

5.3 - A Poesia em Michel Pêcheux

Ao entrar em contato com a obra de M.Pêcheux também notamos que ele não produz análises de poesias. Aliás, pelo que vimos, a poesia dificilmente se coloca como um objeto de estudo para cientistas da linguagem, o que evidencia uma certa dificuldade nesta relação. Dificuldade que não significa um esquecimento ou mesmo uma falta, mas diferentes posições no que concerne à elaboração de teorias linguísticas, o que observamos, por exemplo, em Milner. Agora, quanto a M.Pêcheux, a poesia vai aparecer no momento em que ele discute a teoria de Milner que apresentamos no capítulo anterior, em que ele (Milner) coloca a poesia no ponto de cessação. Pêcheux discorda dessa posição e, para entendermos melhor a sua posição, é fundamental conhecermos um pouco do pensamento dele.

Ele é considerado como o fundador da Análise do Discurso, teoria que é constituída, em seu início, da articulação de três regiões do saber: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso. O materialismo histórico traz considerações a respeito de formações sociais, de suas transformações, além de se observar e compreender as teorias da ideologia, ou seja, compreender o modo como a ideologia funciona nas formações sociais. A linguística teoriza sobre as relações sintáticas e processos de enunciação e a teoria do discurso, em que os processos semânticos são vistos a partir de determinados processos históricos, isto é, as relações semânticas são produzidas a partir de considerações históricas. Além disso, temos que estas regiões são atravessadas e articuladas por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica.

Em um segundo momento, essa articulação passa a ser mais específica, trazendo o marxismo, através da releitura de Marx feita por Althusser, a linguística especificada por Saussure e a teoria psicanalítica da constituição do sujeito, feito a partir de uma releitura de Freud por Lacan. E essa articulação se dá de modo específico em cada lugar, levando em conta as condições de produção, na medida em que delas irão se derivar as formações discursivas, em que se dá a possibilidade de se dizer algo e também da interdição do que não pode ser dito.

Pensando nas condições de produção, temos que Pêcheux considera de que forma o modo de produção relaciona-se com a superestrutura ideológica, dominando assim

determinada formação social. Esta relação se dá no que Althusser chamou de “Aparelhos Ideológicos de Estado”, que são dispositivos específicos que distribuem os papéis que os sujeitos devem assumir, levando em conta a divisão de classes (a luta de classes). Desse modo, a formação ideológica será o que, em determinado momento histórico, entrará em relação com outros elementos e constituirá a formação social de um dado momento. Assim, cada formação ideológica constitui uma complexa rede de relações, que não possui o caráter “individual” e nem o caráter “universal”, mas que está relacionada com as posições de classes em conflitos umas com as outras. A partir desse lugar teórico, Pêcheux passa a pensar a relação da Ideologia com o discurso, sendo que estes dois conceitos são indissociáveis, na medida em que o discurso é a materialidade da Ideologia, ou seja, por ser materialidade da Ideologia, o discurso está inserido em toda esta relação de elementos agenciados em determinados “Aparelhos Ideológicos de Estado”, com suas relações de forças estabelecidas por lugares distintos na luta de classes. Assim, temos que cada formação ideológica possui uma ou mais de uma formação discursiva, ou seja, essa relação do ideológico com o discursivo que irá possibilitar ao sujeito dizer algo, determinado pelo lugar ocupado na luta de classes.

E, para a análise, Pêcheux observa fragmentos de discurso, ou seja, ele coloca que para análise é necessário observar acontecimentos linguísticos, não como um produto acabado, isto é, não há um início, meio e fim, em que os sentidos podem ser “descobertos” ou, em outros termos, em que se pode saber o que o autor quis dizer; ele considera estes acontecimentos linguísticos como lugar de dispersão do sujeito, em que aparecem possibilidades para a observação da formação discursiva do autor. Assim, ele analisa, juntamente com a formação discursiva e as condições de produção, os aspectos linguísticos que irão servir para se estabelecer certos efeitos de sentido e silenciar outros. Com isso, não há a necessidade ou mesmo a possibilidade de se estabelecer e formular regras fixas sobre o funcionamento linguístico, já que se tem em vista os possíveis efeitos de sentido que poderão ocorrer. E isso também traz uma outra importante questão sobre a língua: a não-transparência da língua. Isto é, há uma crítica às teorias linguísticas que consideram a língua transparente (entre elas o gerativismo chomskyano), em que o que é dito é exatamente o que se quer dizer e que a interpretação é a decodificação do código, tendo então o sujeito que conhecer o código para se saber o que se quis dizer.

Além disso, Pêcheux considera que a Ideologia é constitutiva da língua. Isso implica que o discurso não possui uma Ideologia por trás ou que determinado discurso esconde uma Ideologia, o que levaria o sujeito-leitor a procurar o que está escondido, “*ler o que está nas entrelinhas*”, “*a colocar em evidência o sentido escondido*”, o que “*na verdade quer dizer*”. Negando esta posição, Pêcheux considera o discurso como a materialidade da Ideologia, o que traz para a discussão linguística a questão de que é impossível não ser afetado pela Ideologia e também a negação quanto a existência de discursos Ideológicos e discursos não-Ideológicos, ou seja, a Ideologia é constitutiva do discurso portanto não se pode conceber um discurso “não-Ideológico”. Por serem todos afetados pela Ideologia, Pêcheux diz que é a Ideologia que funda o sujeito, ou seja, é a Ideologia que interpela o indivíduo em sujeito. Isto se dá através de um complexo jogo das formações ideológicas inscritas no interdiscurso, colocando a cada sujeito uma determinada realidade. E essa realidade não é percebida pelo sujeito, pois aparece sob a forma da autonomia, ou seja, o sujeito não reconhece a sua subordinação, o seu assujeitamento, ao Outro ou ao Sujeito, pois, em seu imaginário, todas as suas experiências (discursos, ações, atitudes, etc.) se dão como de sua própria vontade, ou seja, por todo um complexo mecanismo de formação de evidências e de significações, temos que o sujeito aceita essa interpelação, que somente ocorre conforme as condições de produção e a formação ideológica de determinada formação social em um certo momento.

Mas, para que todo este processo possa ocorrer, é necessário que ele não se mostre para o próprio sujeito. Esse problema leva Pêcheux a pesquisar de qual modo isto acontece para o sujeito, levando-o a pensar que o próprio sujeito, ao ser interpelado pela Ideologia, acaba por desenvolver mecanismos internos que promovam a dissimulação de todo o processo ideológico, isto é, a partir de determinações exteriores, do interdiscurso apresentado como real, há a constituição do efeito-sujeito de um interior sem exterior. Assim, para que isso ocorra, ele traz o conceito de esquecimento, que não se dá de uma forma isolada, mas sim dividido em duas formas distintas, porém complementares, as quais ele conceitua de esquecimento nº 01 e esquecimento nº 02.

Para ele, o esquecimento nº 01 é da ordem do inconsciente, resultado pelo próprio modo como somos afetados pela Ideologia. Esse esquecimento nos dá a ilusão de que somos a fonte do nosso dizer, isto é, que quando falamos somos a origem do que dizemos,

esquecendo de que os sentidos já estão formulados historicamente, no interdiscurso. Ou, dito de outro modo, os sentidos já nos são dados pelo modo como nos inscrevemos na língua, mas se representam como se originassem em nós, fazendo com que, enquanto sujeitos, temos esta ilusão de que temos controle sobre o nosso dizer. Não é por nossa vontade que os sentidos são de algum modo, e sim por essa inscrição histórica determinada pelas formações discursivas.

O esquecimento nº 02 é da ordem da enunciação, na medida em que temos a ilusão de que, ao falar, este falar só pode ser de uma maneira, apagando que o dito sempre pode ser de outra maneira, o que podemos observar através de famílias parafrásticas presentes ao longo do nosso dizer. E, ao formular qualquer dizer de um modo e não de outro, traz significados em nosso próprio dizer. Significados que podem se instalar no Interdiscurso, abrindo novos jogos de significância para outros dizeres. Além disso, temos a impressão de realidade do pensamento, ou seja, que as palavras expressam exatamente o pensamento, articulando o pensamento e o mundo de tal modo que impede outras formulações para o próprio dizer.

Assim, esses esquecimentos, de certa forma, apagam para o sujeito o Interdiscurso, que é, conforme Orlandi

aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (Orlandi, 1999, p.31)

Dentro desse pequeno quadro que apresentamos, Pêcheux constrói, em seu livro escrito conjuntamente com Françoise Gadet, um diálogo interessante com Milner. E esse diálogo se dá na medida em que ele contesta a posição de Milner, pois este, para Pêcheux e Gadet, defende um materialismo que separa a ordem da língua, confrontando a mesma com um impossível: tudo não se diz. Com isso temos que:

Assim, se considerássemos que a categoria materialista do real especifica-se exclusivamente pela sua relação com o impossível, com que real poder-se-ia afirmar que o materialismo histórico trabalha? A questão do

materialismo excede, portanto, o puro terreno da epistemologia: ela engaja uma aposta política baseada na existência de um real da história. O materialismo histórico pretende basear-se em uma percepção desse real como contradição. (Gadet e Pêcheux, 2004, p.35)

Ao colocar o real da história, que é negligenciado por Milner, Gadet e Pêcheux contestam a ideia de que a língua possui margens definidas, ou seja:

O real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica: ele é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do Witz e das séries associativas que o desestratificam sem apagá-lo. O não-idêntico que aí se manifesta pressupõe a *alíngua*, enquanto lugar em que se realiza o retorno do idêntico sob outras formas; a repetição do significante na *alíngua* não coincide com o espaço do repetível e que é próprio à língua, mas ela o fundamenta e, com ele, o equívoco que afeta esse espaço: o que faz com que, em toda língua, um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, dos deslizamentos do lapso e do jogo de palavras, e do bom relacionamento entre os efeitos discursivos. (Gadet e Pêcheux, 2004, pág. 55)

Com essa contestação, Gadet e Pêcheux acabam por levantar uma questão quanto à poesia, pois, como já dissemos, Milner coloca a poesia exatamente nessa margem, nesse contorno que envolve a língua. Ao se dizer que não há esse contorno, ele, por extensão, tira a poesia do lugar que Milner havia posto, lugar de privilégio, por tocar o real da língua. Eles assumem outra posição, de que o campo da poesia é coextensivo ao campo da língua, ou seja,

Diante das teorias que isolam o poético do conjunto da linguagem como lugar de efeitos especiais, o trabalho de Saussure (tal como ele é, por exemplo, comentado por Starobinski) faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua. O poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites; ele é, segundo a palavra de Baudrillard, suprimindo a sua acidez, um “acelerador de

partículas da linguagem”. Poder-se-ia assim dizer, no espírito do comentário de Lacan sobre a fórmula “não há pequenas economias”: “não há linguagem poética”. (Gadet e Pêcheux, 2004, p. 58)

Isso faz com que o poeta, ao levar as propriedades da linguagem ao limite, ainda o faz com as propriedades da própria língua. Por outro lado, ao retomar Lacan, ele traz que não há algo que vá marcar a poesia, isso porque, segundo Pêcheux, “Não há poesia porque o que afeta e corrompe o princípio da univocidade na língua não é localizável nela: o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história.” (Gadet e Pêcheux, 2004, p.64). Desse modo, o que faria o jogo de não esquecer o que Milner chama de ponto de cessação, que Pêcheux contesta a existência, seria algo não localizável na própria língua. Não haveria linguagem poética, pois só há um processo geral de linguagem.

Dessa forma, com essa discussão, Gadet e Pêcheux tiram a poesia do lugar privilegiado proposto por Milner, colocando-se como um processo geral de linguagem.

E nessa medida se coloca fora da distinção austiniana que tomamos para nos orientar. Observando essa perspectiva adotada por esses autores, temos algumas questões relativas à poesia que iremos tratar a partir da elaboração do DSD da palavra poesia na obra de M. Pêcheux.

5.4 – DSD da Palavra Poesia em M. Pêcheux

Para a produção da análise da palavra poesia na obra de M.Pêcheux, vamos nos ocupar dos capítulos 6 e 7 do livro “A Língua Inatingível” (2004), isto por conta que nesses dois capítulos os autores, M. Pêcheux e F. Gadet, discutem diretamente o posicionamento adotado por Milner com relação a poesia e também ao impossível da língua. Nesses capítulos, a palavra *poesia* aparece nos seguintes lugares:

- 4- *Para nós, o saussurianismo não se divide assim: o que faz aqui irrupção na linguística (e que nela fica parcialmente entravado) refere-se precisamente à relação entre o diurno e o noturno, entre a ciência e a poesia (ou até a*

loucura). O que só pode ser concebível retomando-se as duas faces da obra saussuriana sob o domínio do conceito de valor. (idem)

5- *Diante das teorias que isolam o poético do conjunto da linguagem como lugar de efeitos especiais, o trabalho de Saussure (tal como ele é, por exemplo, comentado por Starobinski) faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua. O poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites; ele é, segundo a palavra de Baudrillard, suprimindo a sua acidez, um “acelerador de partículas da linguagem”. Poder-se-ia assim dizer, no espírito do comentário de Lacan sobre a fórmula “não há pequenas economias”: “não há linguagem poética”. (p. 58)*

6- *É na trama imaginária de uma teoria que se negocia a relação com a loucura: quando, hoje em dia, decidimos lançar a ciência contra a loucura, começamos por fazer da ciência uma lógica oposta à não-lógica da loucura; esquecemos, assim, que a loucura (e a poesia) fazem também um certo uso da língua, são igualmente apreendidas no real. (p.63)*

7- *Mas de onde vem essa certeza sobre o lugar da poesia, ponto privilegiado de cessação? Poder-se-ia também entender, sob o princípio saussuriano do valor, que a poesia não tem lugar determinado na língua porque ela é literalmente coextensiva a esta última, do mesmo modo que o equívoco: talvez “não haja poesia”.*

Não há poesia porque o que afeta e corrompe o princípio da univocidade na língua não é localizável nela: o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história. (p.64)

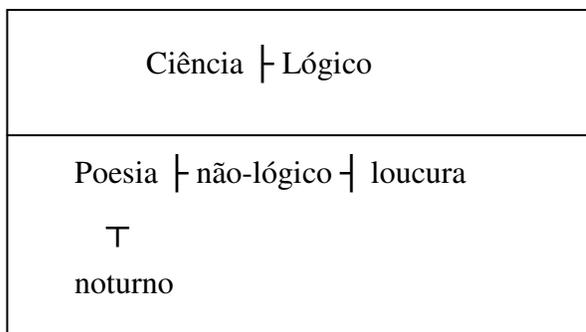
8- As massas “tomam a palavra”, e uma profusão de neologismos e de transcategorizações sintáticas induzem na língua uma gigantesca “mexida”, comparável, em menor proporção, àquela que os poetas realizam. (*idem*)

No recorte nº 4, observamos *poesia* sendo reescrita por noturno. Essa reescritura traz uma particularidade, na medida em que temos *poesia* articulada com *ciência* e *ciência* sendo reescrita por diurno. Nesse caso, podemos dizer que *poesia* é determinada por *noturno* e *ciência* é determinada por *diurno*. Dessa forma temos uma relação de antinomia aqui, o que podemos confirmar por outra reescritura, que é *duas faces*, enquanto *poesia* e *noturno* compõem a outra face. Mas ainda temos outra reescritura, que é feita por totalização, que é *valor*. Isto traz para a análise da palavra *poesia* algo bem interessante, na medida em que *valor* determina tanto *ciência* quanto *poesia*. Além disso, há uma articulação de *poesia* com *loucura*, em que aparece o operador argumentativo *até*, que coloca *loucura* em um lugar superior a *poesia*, porém dentro da mesma escala. Ou seja, há uma certa sinonímia entre *poesia* e *loucura*, por estarem em uma mesma escala argumentativa mas, ao mesmo tempo, esta sinonímia não se concretiza, já que as duas palavras encontram-se em posições diferentes nesta escala.

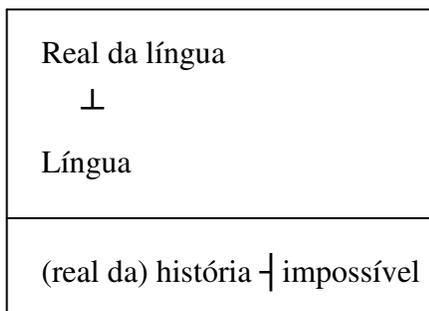
Isso se configura melhor observando o recorte nº 06. Também nele há esta articulação entre *poesia* e *loucura*. Mas, diferentemente do que ocorre no recorte nº 04, aqui elas não são colocadas em uma escala, aparecendo somente uma separação entre elas, ou seja, temos que *poesia* e *loucura* estão em um mesmo paradigma, mas não estão em uma relação de sinonímia e nem mesmo de determinação. Também temos que, da mesma forma como no recorte nº 04, ela aparece em uma relação de antonímia com *ciência* e com *lógico*. Ou seja, tanto *poesia* como *loucura* são determinados por não-lógico, o que as aproxima, mas não produz uma sinonímia. Note-se que neste caso, tanto *loucura* quanto *poesia* estão em antonímia a *lógico*. Isto leva às seguintes relações:

Lógico
Poesia não-lógico loucura

Acrescendo ao que acabamos de colocar nas relações de determinação acima a relação entre poesia e noturno, e a relação de reescrituração entre ciência e lógico, temos:



Além disso temos uma relação de articulação muito particular entre *língua* e *história*, pois, ao ser colocado que “o que corrompe o princípio da univocidade na língua não é localizável nela”, temos que há algo que não está na língua e que traz a equivocidade. Assim, ele apresenta a palavra *história* como o ponto que atinge o impossível. Ou seja, temos uma relação de antonímia entre *língua* e *história*. Dessa forma, temos o DSD da palavra *poesia* configurado da seguinte forma:

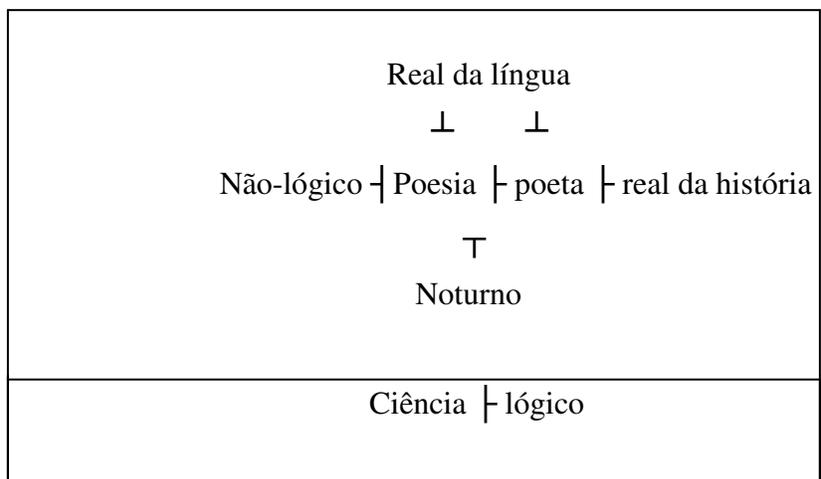


E aqui há que se considerar que a poesia é considerada como coextensiva à língua, portanto determinada por real da língua e real da história. Assim temos:



Temos também a palavra *poesia* reescrita diretamente por *poético*. Também temos *ela* reescrita por *poética*, em que aparece em uma expressão referencial, “não há linguagem poética”, em que *poética* caracteriza a palavra *linguagem*, porém esta expressão referencial é negativa, ou seja, que não existe esta linguagem poética. E esta negação aparece em outras passagens dos recortes que fizemos para a análise, indicando que “não há poesia” e também “não haja poesia”. Ou seja, temos então que a poesia não existe e isso, pelo que vimos do DSD da palavra, ocorre porque ela é posta como um certo funcionamento da língua, tal qual a ciência e a loucura. Isto é, a poesia é coextensiva à língua, onde há língua há também poesia, o que irá explicar, de um modo diferente, o que Milner disse sobre todas as línguas serem passíveis de poesia. Porém, ao ser colocado dessa forma por F. Gadet e por M.Pêcheux, aparece uma outra questão: o que é que faz com que o funcionamento da língua na poesia seja distinto do seu funcionamento na ciência ou mesmo na loucura? Para pensarmos nessa questão, há uma relação de *poesia* com a palavra *poeta*, já que esse seria o sujeito a trabalhar a linguagem de forma a criar a *poesia*. E no que consiste este trabalho? Temos no recorte 5 que o *poeta* é o “acelerador de partículas da linguagem” e, no recorte 8, que ele produz uma “mexida” na língua. Assim, temos que o poeta trabalha a linguagem em seu limite, ou seja, mesmo estando no limite, o que ele faz fica somente no plano do linguístico, tal qual qualquer outro uso da língua, incluindo aí a ciência e até mesmo a loucura. Isso faz com que *poeta* determine *poesia*. E se consideramos esta questão no quadro geral do pensamento de Pêcheux, podemos considerar que o poeta é determinado

pelo real da história e pelo real da língua. Trazendo mais esta questão, temos o DSD da palavra *poesia* configurado do seguinte modo:



Dessa forma, temos que F. Gadet e M. Pêcheux têm uma configuração bem particular do seja a poesia, colocando-a como coextensiva à língua e trazendo para a discussão o lugar de sujeito, uma das questões centrais dos trabalhos da Análise do Discurso de linha Francesa. Assim, pelo indivíduo ser interpelado em sujeito pela Ideologia e, nessa interpelação, ser colocado em determinada formação social, através dos Aparelhos Ideológicos de Estado, e por isso estar em uma formação discursiva e não em outra, é essa posição que faz com que um certo uso da língua seja considerado poesia e não loucura (ou ciência).

Temos então, desse modo, que a poesia não possui um lugar específico na língua e nem algum tipo de estatuto especial, já que ela é coextensiva à própria língua, ou seja, no lugar em que uma está, por conseguinte, a outra também está. Apesar de que essa posição acaba por colocar Pêcheux em uma posição bem diferente da de Milner, há pontos em comum na elaboração das teorias linguísticas de ambos. No caso, os dois, em um primeiro momento, acabam por desconsiderar a distinção feita por Austin entre a linguagem ordinária e a não-ordinária, dizendo que existe a língua e a alíngua. Desse modo, Pêcheux irá discordar de Milner quando esse dá um lugar específico para a língua, porém, de um certo modo, ele acaba por deixar a poesia com um estatuto um pouco diferente no que concerne a língua. . Isso se deve por ele dizer que o poeta irá “acelerar as partículas da

linguagem”, ou seja, ao se elaborar poesias, o que ocorre é um trabalho com a língua que historicamente difere de algum modo de outros tipos de elaborações linguísticas. E isso se dá na medida em que esta aceleração da linguagem se dá exatamente com a poesia. Embora de modo diverso, vemos que esta posição guarda alguma homologia com a posição de Benveniste de considerar a poesia no semântico (atestando seu próprio semiótico). A diferença está em que em Pêcheux trata-se do poeta e da poesia determinadas pela história. Assim podemos dizer que ele coloca a poesia em coextensão com a língua, mas opera, ao mesmo tempo, uma sutil diferença na língua: toda língua é capaz de poesia.

A poesia aparece assim particularmente determinada pela metáfora do noturno e por sua antonímia à ciência e ao lógico.

5.5 – Considerações Gerais

Assim temos, nessa discussão teórica entre Pêcheux e Milner, a poesia sendo observada a partir da questão do real da língua. Dessa forma, temos que Milner a coloca em um lugar privilegiado, pois, segundo ele, a poesia tem a capacidade de transitar pela linguagem ordinária e pela linguagem não-ordinária e, mais do que isso, ela possui a capacidade de retirar as palavras do lugar ordinário e levá-las para o lugar do não-ordinário. E isso faz com que todas as línguas sejam capazes de poesia, ou seja, em todas as línguas há esse movimento de passagem das palavras de um tipo de linguagem para outro. Enquanto que, para Pêcheux, toda língua é passível de poesia, porém o seu posicionamento diverge-se do estatuto teórico produzido por Milner, já que considera a poesia em coextensão à língua.

Além disso, temos uma relação interessante ao se levar conta, nos dois autores, a articulação entre poesia e poeta. Para Milner, é a poesia que determina o sujeito produtor de poesia (poeta), na medida em que ela que irá interpelar o sujeito, colocando-o nessa posição de poeta. Entretanto, para Pêcheux, essa relação é ao inverso, pois ele coloca o poeta como capaz de “acelerar as partículas da linguagem”, é o poeta quem determina a poesia, ou seja, o poeta, ao fazer funcionar a língua, faz com que ela seja caracterizada por poesia. Essa posição traz uma configuração muito particular, já que o indivíduo é interpelado pela

ideologia em sujeito e este sujeito, ao utilizar a linguagem, é que a coloca como poesia, ou seja, mesmo sem “domínio” do que diz, ele é que irá produzir um discurso como poesia.

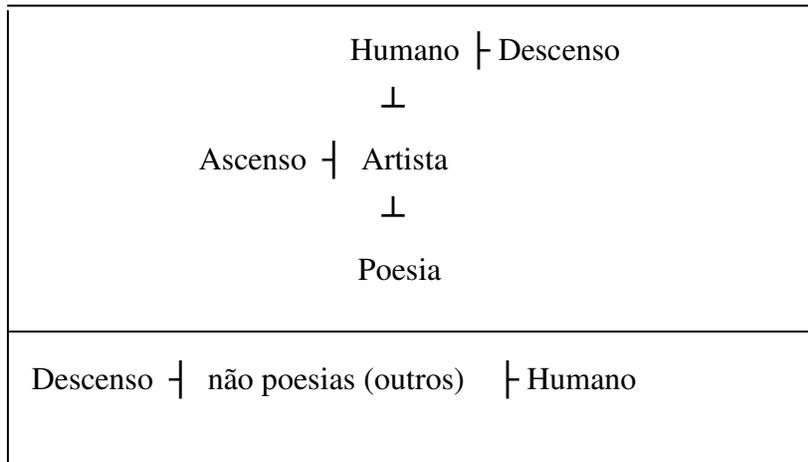
Capítulo 7

Considerações Finais

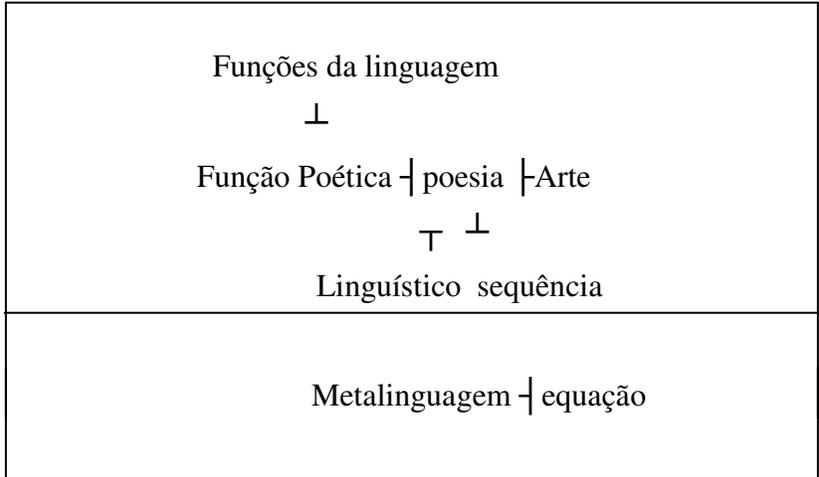
Ao fazer este percurso sobre a relação entre a Linguística e a poesia, tendo como fio condutor a observação de que é comum nos estudos da linguagem distinguir seu uso ordinário de seu uso não-ordinário, podemos observar uma certa dificuldade das Ciências da Linguagem em discutir questões relativas à poesia. Para nosso percurso histórico específico consideramos a distinção entre linguagem ordinária e linguagem não-ordinária na formulação austiniana. Como dissemos no início deste trabalho, esta formulação, ao lado de trazer a questão traz também uma forma de apresentá-la que deixa posta uma hipótese específica sobre o funcionamento da poesia, ela “estiola” a performatividade, a accionalidade linguística.

Nosso trabalho de descrição e análise levou-nos às diferentes designações que a palavra poesia tem nos diversos cientistas considerados. Retomo abaixo os DSDs a que chegamos, e faremos a seguir um conjunto de considerações a partir deles e do percurso que realizamos:

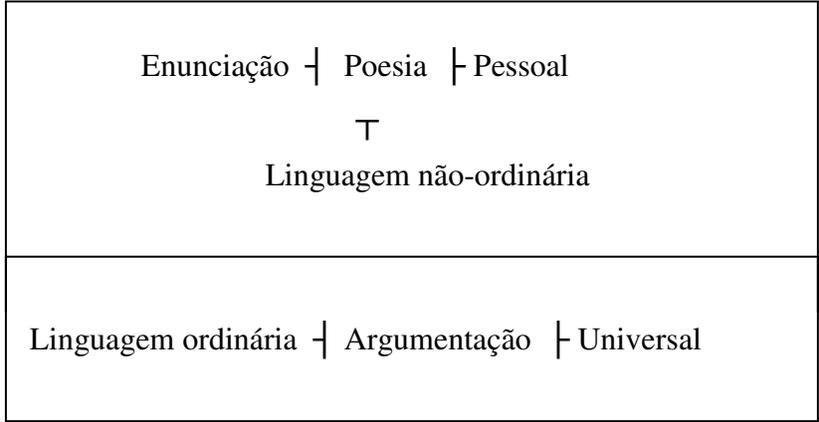
O DSD de Poesia em Bakhtin:



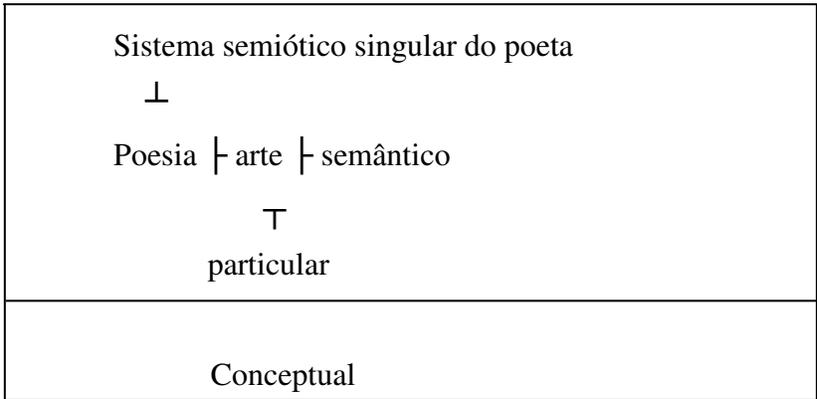
O DSD de Poesia em Jakobson:

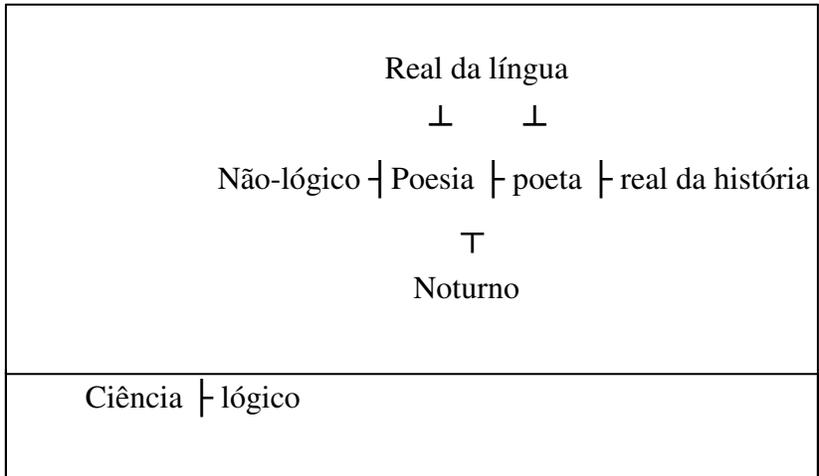


O DSD de Poesia em Ducrot:



O DSD de Poesia em Benveniste:





Observando no conjunto o que cada autor comenta sobre a poesia e como poesia significa nos seus textos, temos o pensamento de Bakhtin, em que a poesia é um gênero textual, porém que difere dos outros gêneros por conta de sua relação específica com a arte, pois, conforme vimos no DSD da palavra *poesia* neste autor, a arte determina poesia. Além disso, temos a relação de poeta como artista, o que reforça o que dissemos sobre a relação da poesia com a arte, e o artista (poeta), mesmo sendo humano, possui uma capacidade que o difere dos outros humanos, na medida em que ele transita entre o ascenso e o descenso, isto é, o poeta (e, por paráfrase, a poesia) é colocado em um lugar privilegiado na língua.

Ainda no segundo capítulo consideramos a posição de Jakobson. Ele considera a poesia como lugar privilegiado para os estudos linguísticos, já que essa é uma espécie de estrutura verbal em que se pode observar a relação entre som e sentido de modo bem particular, isso é, por trabalhar essa relação constantemente e de modo mais explícito, a poesia pode e deve ser estudada por linguistas. Assim ele coloca a poesia em uma relação de antonímia com metalinguagem e, tal como em Bakhtin, também a coloca determinada por arte. Temos também a poesia sendo determinada por Função da Linguagem e por Função Poética, o que traz uma relação bem particular da teoria de Jakobson para o modo dele pensar a poesia.

Assim se de um lado, Bakhtin e Jakobson colocam a poesia como arte, vemos que em Jakobson aquilo que é o poético linguisticamente não é específico da poesia, mas das linguagem em geral, e nesta medida o linguista russo não vê no funcionamento poético nenhuma quebra a propósito do funcionamento ordinário da linguagem.

No terceiro capítulo colocamos em foco dois linguistas que tomam a linguagem do ponto de vista dos estudos enunciativos. Ducrot, que coloca a poesia na enunciação e com um caráter pessoal, não a inclui nos seus estudos linguísticos sobre a argumentação, pois, pelo que vimos no DSD da palavra *poesia*, esta aparece em uma relação de antonímia com *argumentação*, posição que apresentamos em nossa dissertação de mestrado (Silva, 2006) e é reforçada com a atual etapa dos estudos ducrotiano sobre a argumentação, em que ele desenvolve a teoria dos Blocos Semânticos, deixando como analisável somente a linguagem ordinária. De certo modo, podemos ver nesta posição uma forma de colocar as questões que se aproxima da distinção austiniana, pois se a língua é sempre argumentação, a poesia é, em certa medida, o oposto disso.

Ainda neste capítulo tratamos, em ordem temporal invertida, de Benveniste que também coloca a poesia na enunciação. Mas no seu caso vemos que o termo poesia está determinado por arte e por semântico (no sentido benvenistiano do termo), sendo o resultado do uso dos signos linguísticos dentro de um sistema pessoal, isto é, temos aqui uma relação do artista (poeta) com a língua na enunciação, em que se cria um sistema semiológico particular. Ao colocar esta relação desta forma, Benveniste também se aproxima da posição de Austin, pois a poesia fica no lugar do uso não-ordinário da língua. Como uma diferença, não se trata de um “estiolamento” do funcionamento da linguagem, é bem o contrário disso. E, diferentemente de Ducrot, Benveniste considera a necessidade de se desenvolver um dispositivo linguístico de análise da poesia.

No capítulo quarto, consideramos a posição de Chomsky. Nele o que temos é um posicionamento, em certa medida, semelhante ao de Ducrot, salvo, entre outros aspectos, naquilo que caracteriza o cognitivismo de Chomsky. Ao nem mencionar a poesia em seus estudos linguísticos e, ao mesmo tempo, colocar a distinção entre competência e desempenho, podemos considerar que ele coloca a poesia no desempenho, o que é, conforme seus estudos, aquilo que a ciência deve excluir de seus estudos. Porém, ao comentar sobre poesia fora de seus estudos científicos, ele traz a poesia em uma relação de antonímia com ciência e com gramática e a coloca sendo determinada por intuitivo, conhecimento, concisão e sendo determinada por ambiguidade. E, por ele ter como interesse central os estudos gramaticais, podemos entender melhor o porquê dele não levar em conta a poesia em seus estudos. Não se pode deixar de observar como ele é tomado pela

questão cognitiva, uma das determinações que ele atribui à poesia, inclusive para opô-la ao funcionamento gramatical, é que se ela interessa é enquanto é capaz de produzir insights (conhecimentos intuitivos sobre “a pessoa humana plena”)

No capítulo quinto começamos com Milner. Em seu pensamento linguístico, ele traz uma reflexão interessante sobre a poesia, na medida em que coloca a poesia em um lugar de transição, ou seja, a poesia possui a capacidade de retirar a língua de seu uso ordinário e levá-la ao lugar do não-ordinário. Conforme ele diz, a poesia toca o real da língua, em contraposição à Linguística (a ciência de modo geral), que trabalha a língua somente dentro dos limites específicos da linguagem ordinária, isto é, temos que há uma relação de antonímia entre poesia e linguística, em que esta determina cientista (linguista) e está em uma relação de sinonímia com linguagem ordinária, enquanto aquela determina poeta, é determinada por verdade e por ética, e está em uma relação de sinonímia com linguagem não-ordinária.

Em seguida, discutindo diretamente esta posição de Milner, Pêcheux coloca que a poesia não possui qualquer estatuto especial e nem possui um lugar específico na língua, já que uma é coextensiva à outra, isso é, onde uma está a outra também está. Se há língua há poesia. Porém, apesar dessa diferença, observamos que há uma certa especificidade na poesia que a difere de outros modos de elaborações linguísticas, por ele colocar que o poeta “irá acelerar as partículas da linguagem”, ou seja, a poesia é o resultado dessa aceleração de partículas, recolocando de um modo específico a questão de linguagem ordinária e não-ordinária, em que ambas estão na língua e são passíveis de análises linguísticas. Além disso, ele traz a poesia sendo determinada por poeta, real da história, real da língua, noturno e não-lógico, ficando em uma relação de antonímia com ciência e com lógico. Em certa medida, a poesia está no funcionamento da língua, o que o aproximaria da formulação de Jakobson. No entanto há em Pêcheux uma diferença fundamental: a poesia é linguagem, é discurso. E enquanto discurso poético tem sua especificidade determinada historicamente, e nestas condições históricas inclui-se a posição do poeta.

Apresentando este quadro geral da relação entre as ciências da linguagem e a poesia, observamos que questões relativas à poesia, de algum modo, estão presentes no pensamento científico a respeito da linguagem. O que percebemos é uma grande dificuldade em lidar com essas questões, começando por não haver, em geral, uma conceituação específica e

direta do que seja a poesia ou, em alguns autores, coloca-se a poesia como algo já conhecido de todos, ou seja, sem nenhuma conceituação específica do domínio da linguagem. A poesia aparece assim na forma do senso comum.

Observando nossa questão a partir da divisão dos usos da linguagem elaborada por Austin, entre linguagem ordinária (accional) e não-ordinária (estiolada), temos posicionamentos variados. Ducrot e Chomsky colocam a poesia dentro da linguagem não-ordinária e, por esse motivo, não a consideram em seus estudos linguísticos. Porém, temos alguns indícios de que estes cientistas tenham um certo interesse pela poesia, na medida em que Ducrot utiliza exemplos retirados da poesia em seus estudos, e que Chomsky, em comentários feitos em entrevistas, traz reflexões a respeito da poesia. Há que se considerar neste caso uma diferença importante: para Chomsky o que caracteriza a poesia é ser um desvio do gramatical e que é uma forma de conhecimento intuitivo, que nada prova; para Ducrot a poesia se constitui na enunciação como algo que se caracteriza por não trazer aquilo que marca a língua, a argumentação. Benveniste também assume a posição austiniana, porém, ao contrário deles, de Ducrot e de Chomsky, ele considera que a poesia deve ser estudada pela linguística sim, junto com o estudo semiológico das demais artes. Outros autores (Bakhtin e Jakobson) não adotam essa posição, mas colocam como importante o estudo do poético para a análise linguística, fazendo com que a poesia esteja ligada à arte. E, adotando um posicionamento diferente, elevando a poesia a um lugar privilegiado sem descaracterizá-la, Milner a coloca no que ele chama ponto de cessação, o que poderíamos dizer que considera a poesia como um funcionamento não-ordinário da linguagem, mas absolutamente próprio do não todo da língua. Esta posição de Milner é diretamente discutida por Pêcheux, que, mesmo colocando a poesia e a língua como coextensivas, produz uma diferenciação entre uma e outra, já que a poesia é discurso e enquanto tal a língua faz parte das suas condições de existência.

Esses posicionamentos observados a partir da divisão proposta por Austin indicam como cada cientista relaciona a questão da poesia com a linguística em virtude da posição teórica que assume. E a partir desta posição é que aparece o modo como cada um toma seu objeto e assim a poesia. Se em muitos casos a poesia é simplesmente colocada no lugar do não-ordinário, e assim não estudada, em outros ela é tomada como objeto de interesse e mesmo colocada no conjunto geral dos funcionamentos da linguagem. Assim é que a

posição de Pêcheux, no final de nosso percurso mostra para um modo de tratar a questão: é um discurso, historicamente produzido, e que deve nesta medida ser estudado como discurso, como linguagem.

Além disso, ao fazermos o DSD da palavra poesia nesses estudiosos da linguagem, temos vários pontos em comum entre alguns deles, sendo que não há algo que seja constante em todos, ou seja, não temos uma conceituação única para o que é a poesia. Assim, observamos que Pêcheux, Milner, Ducrot e Chomsky, colocam a poesia em uma relação de antonímia com ciências, reforçando o posicionamento que adotam frente a divisão proposta por Austin. Além disso, temos que, em Bakhtin, Pêcheux e em Milner, há uma relação de poesia com poeta (artista). Esta relação aparece, nos dois primeiros, como o poeta determinando poesia, posição invertida em Milner, é a poesia que determina o poeta. Ainda temos em Jakobson, Benveniste e Bakhtin a palavra poesia sendo determinada por arte, ou seja, há uma relação muito específica da poesia com a arte, sendo que este aspecto artístico é que vai caracterizar algum uso da língua como sendo poesia ou não.

Além disso, temos uma posição muito particular em Bakhtin, pois ele não leva em consideração a distinção feita por Austin, e coloca o artista (poeta) em uma posição de superioridade frente a outros seres humanos, ou seja, a partir da poesia podemos observar que ele faz uma distinção quanto aos seres humanos, na medida em que os não poetas ficam somente no descenso, enquanto que o poeta tem uma transição entre o ascenso e o descenso. Pensamos que esta posição que Bakhtin assume se deve a que ele produz muitos estudos sobre a literatura em geral (ele é, em certo sentido, um crítico da literatura, e nesta medida também um estudioso da cultura), estabelecendo uma diferença no modo dele produzir suas análises, além de colocá-lo de um modo distinto em relação aos outros autores que estudamos.

Então, pelo que observamos nessa análise que fizemos desses autores, a poesia aparece como uma interessante questão para as ciências da linguagem e o modo como cada cientista da linguagem a trata acaba por se colocar como um lugar privilegiado para o estudo das teorias que cada um deles desenvolve, na medida em que, ao tratar dessa questão, temos uma chave de entrada que permite estabelecer um quadro epistemológico no qual o autor se insere para produzir suas teorias e, além disso, isto leva, de certo modo, a

compreender melhor as teorias linguísticas, determinando o alcance e os limites que elas possuem.

Por outro lado, sabemos que nosso percurso foi delimitado de um modo que nos permite ver um percurso no século XX, que nos mostra aspectos que podemos, numa continuidade do trabalho, explorar, tanto na relação com o pensamento de cada autor, como, de outro lado, na relação deles num cenário mais amplo das ciências da linguagem e na discussão da questão da arte.

8 – Bibliografia

ANSCOMBRE, J-C E DUCROT, O. (1976) "**L'Argumentation dans la Langue**".
Langages, 42.

_____. (1976) "**La Argumentación en la Lengua**". Madrid, Editorial
Gredos, 1994.

AUROUX, S. (1992). **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas, Ed.
Unicamp

AUSTIN, JOHN L. (1975) **Quando dizer é fazer. Palavras e Ação**. Porto Alegre. Artes
Médicas. 1990

BAKHTIN, M. (1972) **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro. Ed.Forense-
Universitária. 1981.

_____ (1979) **Estética da Criação Verbal**. 4ª Edição. São Paulo. Martins Fontes.
2003

_____ (Voloshinov, 1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12º Edição. São
Paulo. Hucitec, 2006.

BARBOSA, J.A. (1990) "O Continente Roman Jakobson". **Poética em Ação**. São Paulo,
Perspectiva.

BARROS, DIANA L.P. (2005). "Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso" in
Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas, Editora da Unicamp.

BENVENISTE. E. (1966) **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo, Companhia
Editora Nacional, 1976.

BENVENISTE, E. (1975) **Problemas de Linguística Geral II**. 2ª Edição. Campinas, Pontes, 2006

BENVENISTE, E. (2009) Manuscrits Inédits. In **Matin, Serge, Émile Benveniste. Pour vivre Langage**. Paris: L'Atelier.

BRAIT, B.(org., 2005) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, Editora da Unicamp.

CÂMARA JR, J.M.(1970) "Roman Jakobson e a Linguística". **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva.

CAMPOS, H (1970) "O Poeta da Linguística", **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva.

CANDIDO, A. (2004). **O Estudo Analítico do Poema**. São Paulo. Humanitas

CAREL, M. E DUCROT, O. (1999) " O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa". **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, Pontes, 2001

_____ (1999) "As propriedades linguísticas do paradoxo: paradoxo e negação", **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, Pontes, 2001

_____ (2005) **La Semántica Argumentativa – Una Introducción a la teoría de los bloques semánticos**. Argentina. Ediciones Colihue

CHOMSKY, N. (1965) **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Coimbra. Sucessor. 1978

_____ (1957) **Syntactic structures**. Haia, Mouton, 1957.

_____ (1975) **Reflexões sobre a Linguagem**. São Paulo. Editora Cultrix, 1980

_____ (1981) **Lectures on government and binding**. Dordrecht, Fores,

_____ (1986) **Knowledge of language: its nature, origin and use**. Londres, Praeger.

CHOMSKY, N. (1993) **Some concepts and consequences of the theory of government and binding**. Cambridge, MIT Press, 1993

_____ (2006) **Linguagem e Mente**. São Paulo. Editora Unesp, 2009.

DELESALLE, S E CHEVALIER, J-C.(1986) **La Linguistique, La Grammaire et l'École (1750-1914)**. Paris, Armand Colin.

DUCROT, O.(1972) **Princípios de Semântica Linguística (dizer e não dizer)**. São Paulo, Cultrix, 1977.

_____ (1973) **Provar e Dizer**. São Paulo, Global, 1981.

_____ (1984) **O Dizer e o Dito**. Campinas, Pontes, 1987.

_____ (1989) “Argumentação e ‘Topoi’ Argumentativos”, **História e Sentido na Linguagem**. Campinas. Pontes.

_____ (1990) **Polifonia y Argumentacion**. Colombia, Feriva.

FUCHS, C. E PÊCHEUX, M.(1975) “A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas”. **Por Uma Análise Automática do Discurso**. Campinas, Editora da Unicamp. 1993

GADET, F E PÊCHEUX, M.(1981) **A Língua Inatingível – O Discurso na História da Linguística**. Campinas. Pontes. 2004

GARCÍA NEGRONI, M.M “Observaciones sobre *comme* en francés y *como* en español. Un enfoque argumentativo” (en colaboración con C. Bertrand, M. Cámpora y A. Lescano), en **Revista Praxis**, 2006, año 8, n° 9, pp. 45-64.

_____ “Es reaccionario y burgués hasta la médula. A propósito de las expresiones intensivas con hasta”, en Bein, R. et al. (eds.) **Estudios en lingüística y antropología. Homenaje a Ana Gerzenstein de colegas y discípulos por sus tres décadas de contribución a las investigaciones de las lenguas indígenas en la Argentina**, Buenos Aires, FFyL, en prensa

GARCÍA NEGRONI, M.M (1998) “Argumentación y dinámica discursiva. Acerca de la Teoría de la Argumentación en la Lengua”. **Signo e Seña**. Buenos Aires, Eudeba

GUIMARÃES, E. (2002) **Semântica do Acontecimento**. Campinas, Pontes.

GUIMARÃES, E. (2004) **História da Semântica – Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil**. Campinas, Pontes.

GUIMARÃES, E. (2004a) “Civilização na Lingüística Brasileira no Século XX”. **Matraga**, 16, p. 89-104. Rio de Janeiro, UERJ

GUIMARÃES, E. (2007) “Domínio Semântico de Determinação”. **A Palavra: Forma e Sentido**. Campinas, RG/Pontes.

GUIMARÃES, E. (2011) **Análise de Texto. Procedimentos, Análises, Ensino**. Campinas, RG.

HALLE, M E CHOMSKY, N. (1965). Algumas Questões de Controvérsia na Teoria Fonológica. **Fundamentos Metodológicos da Linguística, Fonologia e Sintaxe, volume II**. Campinas, 1981

JAKOBSON, R. "A Linguística em suas relações com outras ciências". **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva. 1970

_____ "A Construção Gramatical do Poema 'Wir Sind Sie' (Nós somos ele) de B.Brecht". **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva. 1970

_____ "Configuração Verbal Subliminar em Poesia". **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva. 1970

_____ "Os Oxímoros Dialéticos de Fernando Pessoa". **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva. 1970

_____ "Poesia da Gramática e Gramática da Poesia". **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva. 1970

JAKOBSON, R "Carta a Haroldo de Campos Sobre a Textura Poética de Martin Codax". **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva. 1970

_____ "Decadência do Cinema?". **Linguística, Poética, Cinema**. São Paulo, Perspectiva. 1970

_____ **Linguística e Comunicação**. São Paulo. Cultrix. 2001

_____ e Pomorska, K (1980) **Diálogos**. São Paulo. Cultrix. 1985.

_____ (1949) **Actes du Sixième Congrès International de Linguistes, Paris**, (Juillet 1948), Paris.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE E JAKOBSON, ROMAN (1962) "Los Gatos" de Charles Baudelaire in **Estructuralismo y literatura**. Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1970.

MESCHONNIC, HENRI (2008) “Benveniste: sémantique sans sémiotique”. **Dans le bois de la langue**. Paris, Laurence Teper

MILNER, J.C. **O Amor da Língua**. Porto Alegre, Ed.Artes Médicas Sul Ltda.1987

_____. “Ecoles de Cambridge et de Pennsylvanie: deux théories de la transformation”. In **Langages**, n° 29, 1973, p.98-117

_____ “Le système du réfléchi em latin.” In: **Langages**, n° 50, 1978, p. 73-86.

_____ “Por un usage du concept de marque em syntaxe comparative.” In, **Langages** n° 60, 1980, p.65-74

_____ (1983). **Os Nomes Indistintos**. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 2006.

ORLANDI, E.P.(1999). **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas. Pontes.

PÊCHEUX, M. (1969). “**Análise Automática do Discurso**“. Por Uma Análise Automática do Discurso. Campinas, Editora da Unicamp. 1997

_____ (1983) “A Análise de Discurso: Três Épocas”. **Por Uma Análise Automática do Discurso**. Campinas, Editora da Unicamp. 1997

_____ (1975) **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da Unicamp, 2009

_____ (1980) “Ler o arquivo hoje”. In ORLANDI, E.P. (org.) **Gestos de leitura: da história do discurso**. Campinas. Ed. da Unicamp. 1994

_____ (1983) **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas, Pontes 2002

SILVA, A.V. (2006)“**A Poesia em Ducrot**”. Dissertação de mestrado. Unicamp. Campinas, SP